CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E JURÍDICAS

CURSO DE HISTÓRIA

ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NO VALE DO TAQUARI/RS: ANÁLISE DOS RECIPIENTES DE VIDRO DA CASA COMERCIAL DE ARNALDO FENSTERSEIFER – ROCA SALES/RS

Diego Antônio Gheno

Lajeado, novembro de 2011

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E JURÍDICAS

CURSO DE HISTÓRIA

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NO VALE DO TAQUARI/RS: ANÁLISE DOS RECIPIENTES DE VIDRO DA CASA COMERCIAL DE ARNALDO FENSTERSEIFER – ROCA SALES/RS

Diego Antônio Gheno

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão II, do Curso de História, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Drª. Neli Teresinha Galarce Machado.

Lajeado, novembro de 2011

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

AGRADECIMENTOS

Ao final desta importante etapa em minha vida, agradeço em primeiro lugar aos meus pais, Aquelino e Edite, que tornaram possível a realização deste trabalho e de toda a minha graduação. Apesar de tudo, sempre respeitaram a minha escolha pela História, me incentivando e custeando este bem tão caro que é a graduação em uma instituição particular.

Aos meus irmãos, Leonardo e Fernanda, que sempre estiveram presentes ao longo desta "caminhada", e também ao meu irmão Eduardo, que apesar de ter "ido" cedo demais, me ensinou muito sobre a vida.

Agradeço em especial a Juliana, minha namorada de "longa data", que me deu o incentivo inicial nos meus primeiros "passos" pela História.

Aos colegas e amigos do Setor de Arqueologia da Univates pelas "reflexões" sobre os mais variados temas. E a todos os colegas que tive ao longo da graduação.

Aos professores que tive no decorrer do Curso de História, que ajudaram a mudar meu "olhar" sobre o mundo. Em especial para a professora e orientadora deste trabalho, Neli T. G. Machado, que me proporcionou o contato com a pesquisa em arqueologia.

Ao amigo Marcos Rogério Kreutz pela adaptação na imagem do *software Google Earth*.

Ao Airton Engster dos Santos por permitir a pesquisa no livro do Jubileu de Diamante do município de Estrela/RS.

Ao Flávio Coelho Edler por enviar parte do seu livro, esgotado nas livrarias de todo o país, "Boticas e pharmacias: uma história ilustrada da farmácia no Brasil".

Ao Jéferson Arend, vulgo Xilo, pelas plantas da Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer.

As bolsistas do Laboratório de Farmacotécnica Homeopática da Univates por auxiliarem na classificação dos medicamentos que um dia os recipientes de vidro analisados neste trabalho acondicionaram.

Ao Henrique e ao Curt Fensterseifer que sempre permitiram as pesquisas do Setor de Arqueologia da Univates na antiga casa comercial dos seus pais, Arnaldo e Asta Winkel Fensterseifer.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

"Pois todo objeto transforma alguma coisa, o grau de exclusividade ou de socialização no uso (privado, familiar, público, indiferente) etc." (Baudrillard, 2004, p. 10).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

RESUMO

Esta monografia analisa a coleção de recipientes de vidro coletados na antiga casa comercial de Arnaldo Fensterseifer, localizada em Fazenda Lohmann, Roca Sales/RS. Para tanto fez-se uso de bibliografias especializadas, centradas nas premissas da Arqueologia Histórica. O texto inicia abordando as potencialidades teóricas e metodológicas da Arqueologia Histórica, destacando como esta subdisciplina passou a ser aplicada em diferentes contextos, sempre relacionada a modelos teóricos mais amplos, como o histórico-culturalismo, o processualismo e o pós-processualismo. Além disso, esta monografia trata sobre os processos históricos relacionados às casas comerciais em áreas de imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul, salientando a importância que estes estabelecimentos tiveram como espaços de sociabilidade, destacando seus agentes sociais, e de desenvolvimento econômico regional, destacando suas diversas funções e produtos que comercializavam. Este capítulo pretende contextualizar o período de funcionamento da Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer, que esteve em atividade ao longo do século XX. Por fim, analisa os recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer, discutindo sobre as fecundas interpretações que são possíveis através dos vestígios vítreos, estabelecendo um método analítico e contextualizando esta cultura material. Nesta etapa analisou-se 84 recipientes de vidro, sendo que a maioria possui rótulos e foi datada de meados do século XX. Como grande parte da coleção arqueológica Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer é de recipientes de medicamentos, foi possível lucubrar sobre algumas práticas de saúde peculiares em Fazenda Lohmann, Roca Sales/RS. Neste âmbito, destacam-se as continuidades de práticas de saúde do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Histórica. Casa comercial. Recipientes de vidro.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Propaganda da casa comercial de Theobaldo Gräbin 35

FIGURA 2 – Casa comercial de Leopoldo A. Marder 41

FIGURA 3 – Casa comercial de Frederico Ruschel 42

FIGURA 4 – Farmácia do médico Emílio Welke, em Estrela/RS 47

FIGURA 5 – Farmácia de Arthur Buchmann, em Estrela/RS 48

FIGURA 6 – Localização do município de Roca Sales/RS 50

FIGURA 7 – Casa comercial de Cristiano Fensterseifer 51

FIGURA 8 – *Casa Commercial Fazenda Lohmann*, de Carlos Welp 52

FIGURA 9 – Localização do Salão Fensterseifer e da Igreja Evangélica de Fazenda Lohmann, Roca Sales/RS 54

FIGURA 10 – Casa comercial de Arnaldo Fensterseifer, em Fazenda Lohmann, Roca Sales/RS 55

FIGURA 11 – Aumento na estrutura da Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer 56

FIGURA 12 – Local onde funcionou a Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer, Fazenda Lohmann, Roca Sales/RS 63

FIGURA 13 – Coleta de materiais arqueológicos no sótão da antiga Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer pela equipe do Setor de Arqueologia/MCN/Univates 64

FIGURA 14 – Recipientes de medicamentos dispostos no sótão da casa comercial de Arnaldo Fensterseifer antes da intervenção arqueológica 65

FIGURA 15 – Resquício da propaganda do medicamento *Sadol*, colada na parte inferior do balcão da antiga casa comercial de Arnaldo Fensterseifer 67

FIGURA 16 – Um dos tipos de molde de duas partes, e a marca deixada em recipientes confeccionados com este tipo de molde 69

FIGURA 17 – Máquina semi-automática, automática e marca principal deixada nos recipientes por ambos os processos de confecção 70

FIGURA 18 – Parte dos recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer.....72

FIGURA 19 – Bases de dois recipientes do medicamento *Bálsamo Allemão de Nohascheck* 76

FIGURA 20 – Recipiente do medicamento *Bukru*, da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer, e recipiente atual do mesmo medicamento 80

FIGURA 21 – Tampa de um dos recipientes do medicamento *Renascim*, da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer.....81

FIGURA 22 – Recipiente do rapé medicinal *Oxan* 85

FIGURA 23 – Recipientes do medicamento *Galenogal* 86

FIGURA 24 – Recipientes do medicamento *Peitoral de Angico Pelotense* 89

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Método de confecção dos recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer 73

GRÁFICO 2 – Empresas que fabricaram os recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer 74

GRÁFICO 3 – Cor dos recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer 75

GRÁFICO 4 – Conteúdo original dos recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer 77

GRÁFICO 5 – Cidade/Estado/País das empresas de medicamentos – somente as identificadas, a partir do número total de recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer.....78

GRÁFICO 6 – Período aproximado de registro, fabricação e/ou consumo dos produtos relacionados aos recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer.... 79

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
CEPA	Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas
DNSP	Departamento Nacional de Saúde Pública
DNS	Departamento Nacional de Saúde
INPI	Instituto Nacional de Propriedade Industrial
MCN	Museu de Ciências Naturais
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SHA	Society for Historical Archaeology
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12

2 ARQUEOLOGIA HISTÓRICA: EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO 16
2.1 A Arqueologia Histórica e o modelo histórico-cultural, processual e pós-processual 20
2.2 Arqueologia Histórica na América 24
2.3 Arqueologia Histórica no Brasil 26
2.4 Arqueologia Histórica no Rio Grande do Sul 28
2.5 Arqueologia Histórica no Vale do Taquari 30

3 AS CASAS COMERCIAIS COMO ESPAÇOS PRIVILEGIADOS EM ÁREAS DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMÃ: O CONTEXTO HISTÓRICO DA CASA COMERCIAL DE ARNALDO FENSTERSEIFER 31
3.1 Algumas considerações sobre as casas comerciais de grupos alemães no Rio Grande do Sul 32
3.2 Relações de gênero nas casas comerciais: muito além de um espaço estritamente masculino 39
3.3 Aqui vendem de tudo: a variedade de mercadorias nas casas comerciais 44
3.4 De pai para filho: a casa comercial de Arnaldo Fensterseifer 49

4 VESTÍGIOS DO COTIDIANO: OS RECIPIENTES DE VIDRO DA CASA COMERCIAL DE ARNALDO FENSTERSEIFER 58
4.1 O vidro como material arqueológico: reflexões sobre o contexto nacional 59
4.2 Um local especial na Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer: o sótão 62
4.3 Estabelecendo um método para análise dos recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer 67
4.4 Quantidades e qualidades: reflexões sobre os vestígios vítreos da Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer 72
4.4.1 As continuidades da medicina humoral em Fazenda Lohmann: *Galenogal*, *Oxan* e Óleo de Rícino 83
4.4.2 Práticas de saúde peculiares: o caso do *Bálsamo Allemão de Nohascheck* 86

4.4.3 Um discurso de validação científica: o rótulo do medicamento *Peitoral de Angico Pelotense*..... 88
4.4.4 Os vestígios arqueológicos não "dizem" tudo: sobre as permanências das práticas de saúde "não científicas" em áreas de imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul 90

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 92

REFERÊNCIAS 97

ANEXOS 107

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

1 INTRODUÇÃO

O Vale do Taquari, apesar de sua rica pré-história e história, ainda possui imensas lacunas no que tange o estudo dos grupos humanos que já habitaram, e os que ainda habitam, seu território. Localizado na região central do estado do Rio Grande do Sul e possuindo 36 (trinta e seis) municípios dentro de seus limites geopolíticos, o Vale do Taquari está marcado por uma história etnocêntrica, escrita muitas vezes por pseudo-historiadores, que exalta os feitos de grupos alemães e italianos, "esquecendo", quase que por completo, da sua pré-história e dos processos que envolvem os luso-brasileiros e afro-descendentes. No entanto, desde o surgimento do Curso de História do Centro Universitário Univates, no ano de 2000, importantes trabalhos vêm sendo escritos, baseados tanto na História quanto na Arqueologia, diminuindo cada vez mais os "vazios do passado" que insistem em fazerem-se presentes no Vale do Taquari.

Apesar de esta monografia tratar sobre uma localidade de colonização alemã, e sobre a cultura material coletada em uma casa comercial cujos proprietários eram da mesma etnia, não procuraremos vincular este fator como uma determinante nos processos que envolvem o desenvolvimento econômico regional relacionado ao ciclo das casas comerciais em áreas de imigração e colonização alemã, abordados ao longo deste trabalho. O que queremos dizer, é que devemos entender o fenômeno das casas comerciais em uma esfera mais ampla entre os processos que as geraram, desconsiderando premissas etnocêntricas.

Sendo assim, esta monografia tratará sobre os recipientes de vidro coletados pela equipe do Setor de Arqueologia do Centro Universitário Univates na antiga Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer, localizada em Fazenda Lohmann, Rocas Sales/RS. O interesse em

escrever sobre a presente temática surgiu em decorrência do envolvimento com a pesquisa em arqueologia, ao longo de três anos, através de bolsa de iniciação científica no Setor de Arqueologia da Univates. Além disso, precisamos considerar o ineditismo de tal proposta, pois, não identificamos trabalhos sobre Arqueologia Histórica no Vale do Taquari com enfoque na análise de recipientes de vidro. Aliás, inexistem sobre esta região estudos de caso orientados pelas premissas da Arqueologia Histórica. Dessa forma, através do presente trabalho, procuraremos preencher parte desta lacuna, bem como contribuir modestamente na literatura arqueológica brasileira.

A Arqueologia Histórica, no continente Americano, é uma fecunda via de estudo da cultura material proveniente do período Moderno. Dessa forma, quando adotamos suas teorias e métodos, geralmente as pesquisas referem-se a materiais industrializados, como metais, louças e recipientes de vidro. No Brasil, os vidros são um dos materiais arqueológicos menos estudados pela arqueologia, em comparação com as louças, mas que possibilitam profundas interpretações sobre diferentes aspectos relacionados aos grupos humanos, tanto na esfera material quanto simbólica, revelando aspectos cotidianos que dificilmente são tratados pelos documentos oficiais. Podemos afirmar que as potencialidades dos recipientes de vidro não foram totalmente exploradas pelos arqueólogos brasileiros, sendo que suas pesquisas ainda se encontram em processo de amadurecimento.

Trabalhar com vestígios vítreos, através da Arqueologia Histórica, é uma tarefa árdua no Brasil, pois carecemos de referenciais que possibilitam uma identificação precisa desta cultura material. Além disso, muitos dos trabalhos publicados sobre recipientes de vidro no Brasil trazem somente elementos descritivos, não contribuindo para um avanço analítico destes materiais. No entanto, devemos considerar que a maioria das coleções estudadas por arqueólogos brasileiros encontram-se fragmentadas, ou sem identificação alguma, como rótulos ou inscrições. Esta é uma problemática que não enfrentaremos nesta monografia, pois a coleção arqueológica da Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer encontra-se em ótimo estado de conservação, com uma maioria de recipientes inteiros que ainda possuem rótulos legíveis.

Neste trabalho objetivar-se-á analisar a coleção de recipientes de vidro da Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer. Para tanto utilizaremos referenciais de autores brasileiros que considerem o contexto nacional de produção vidreira, para podermos estabelecer cronologias confiáveis quanto à coleção arqueológica analisada no que tange os aspectos tecnológicos relacionados ao vidro, principalmente àqueles recipientes que não possuem

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

rótulo nem inscrições em relevo ao longo de sua estrutura. Em relação aos recipientes que apresentam os referidos elementos, buscaremos informações de outras fontes, como *sites* de laboratórios e do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), bulas de medicamentos e bibliografias especializadas. Através deste método procuraremos contextualizar a cultura material analisada.

Em decorrência da grande quantidade de medicamentos, presentes na coleção arqueológica Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer, buscaremos tratar de aspectos relacionados a algumas práticas de saúde em Fazenda Lohmann, através do estudo de casos específicos. Este trabalho tratará de análises preliminares da coleção arqueológica supracitada, mas nem por isso nos centraremos em um viés descritivo. Buscaremos dar sentido aos materiais estudados, interpretando principalmente os recipientes de medicamentos.

A presente monografia será estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo trataremos das bases teóricas que centram este estudo. Inicialmente, procuraremos refletir sobre a definição de Arqueologia Histórica, seus métodos e materiais que estuda. Ressaltaremos as peculiaridades da Arqueologia Histórica, principalmente em relação às diferentes fontes utilizadas em seus estudos, que abarcam elementos que vão muito além da cultura material. Abordaremos os modelos teóricos relacionados à Arqueologia Histórica, como o histórico-culturalismo, o processualismo e o pós-processualismo. Nesta etapa lucubraremos sobre a "não ruptura" de um modelo teórico para o outro, verificando como todos estão interligados, formando um modelo ímpar na Arqueologia. Por fim, serão abordados diferentes contextos em que a Arqueologia Histórica passou a ser aplicada na América, até chegarmos à região do Vale do Taquari.

No segundo capítulo procuraremos tratar de alguns aspectos históricos referentes às casas comerciais em áreas de imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul, com enfoque na Região do Vale do Taquari. A presença deste capítulo faz-se necessária para contextualizarmos a Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer, local onde a cultura material deste estudo foi coletada. Será abordado o período de surgimento e de crise das casas comerciais e sua importância como espaços dinâmicos, que além dos aspectos econômicos, destacaram-se como um importante *locus* de sociabilidade. Destacaremos os agentes sociais presentes nestes processos, principalmente o comerciante e o agricultor, mas não se esquecendo do papel da mulher. A variedade de mercadorias das casas comerciais também

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

será citada neste capítulo, indo de encontro à hipótese de que os materiais arqueológicos em análise neste trabalho eram vendidos na Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer, e não somente consumidos por sua família, que residia no local. Este aspecto nos auxiliará a situar a cultura material em análise em uma esfera mais ampla em relação aos comportamentos de consumo dos moradores de Fazenda Lohmann. Por fim, trataremos do histórico da Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer, de sua localização de prestígio em Fazenda Lohmann, das mercadorias que comercializava e do poder econômico de seu proprietário.

No último capítulo desta monografia analisaremos a cultura material proveniente do sótão da Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer. Concentraremos nossos esforços no estudo dos recipientes de vidro que, apesar da alta incidência em sítios arqueológicos históricos no Brasil, ainda são pouco explorados. Inicialmente, faremos uma breve revisão teórica sobre a análise de vidros no Brasil através das premissas da Arqueologia Histórica. Após, serão desenvolvidas reflexões sobre o sótão da Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer, sob um viés arqueológico, bem como estabeleceremos as metodologias utilizadas nas análises dos recipientes de vidro. Por fim, trataremos de uma análise geral dos vestígios vítreos coletados, contextualizando-os, além da abordagem de casos específicos de práticas de saúde relacionadas aos medicamentos, cujos contentores fazem parte da coleção arqueológica em estudo nesta monografia.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

2 ARQUEOLOGIA HISTÓRICA: EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO

> Toda definição acabada é uma espécie de morte, porque, sendo fechada, mata justo a inquietação e curiosidade que nos impulsionam para as coisas que, vivas, palpitam e pulsam (Santaella, 1983, p. 9).

Neste capítulo procuraremos tratar do campo disciplinar que centra o presente estudo: a Arqueologia Histórica. Primeiramente, para tal premissa, devemos considerar que a Arqueologia Histórica é uma subdisciplina da Arqueologia, portanto uma ciência com teorias e métodos próprios (Funari, 2002; Najjar, 2005; Symanski, 2009). Dessa forma, as definições que abordaremos no decorrer deste capítulo servem para corroborar o estudo de caso ao qual lançamos mão, e não para apresentarmos proposições estáticas e acabadas da referida subdisciplina. Se o fizéssemos, seria um erro grave porque a Arqueologia Histórica ainda está em fase de construção e amadurecimento, principalmente no Brasil (Funari, 2005).

Tentar definir uma ciência, ainda mais se tratando da Arqueologia e de uma de suas variantes, a Arqueologia Histórica, é um processo desafiador para este trabalho. Ainda mais quando percebemos o quão divergentes são as abordagens teórico-metodológicas utilizadas por autores que a estudam e que tratam de um mesmo contexto. Conforme Herberts (2009, p. 39),

> não há uma única definição para a Arqueologia Histórica que inclua todas as possibilidades de investigação e que seja aceita unanimemente entre todos os arqueólogos. A própria delimitação do campo de estudo e a abrangência da Arqueologia Histórica Brasileira está em conceituação e discussão, como todo campo de pesquisa em construção.

Apesar de reconhecermos que a definição exata de Arqueologia Histórica constitui uma das questões mais controversas na atualidade é imprescindível que situemos esta

subdisciplina em seu contexto histórico e social, pois somente assim poderemos entendê-la (Funari, 1996; 2004).

Em se tratando de Arqueologia História é inevitável incluirmos esta subdisciplina em uma esfera mais ampla no que tange seus preceitos teórico-metodológicos, ou seja, com a Arqueologia. Esta relação é indissociável, pois, "os marcos teóricos da Arqueologia Histórica são, como não poderia deixar de ser, os marcos teóricos da Arqueologia" (Lima, 2002, p. 7). De uma forma geral, podemos conceituar a Arqueologia como o estudo dos grupos humanos, em seus mais diversos aspectos, através da sua cultura material (Najjar, 2005). No entanto, a área de atuação do arqueólogo pode variar de acordo com o seu objeto de pesquisa. Neste sentido, há no Brasil uma dicotomia relacionada à problemática referenciada: a Arqueologia Pré-Histórica e a Arqueologia Histórica (Funari, 1998). A partir desta divisão, baseados em Symanski (2009), classificamos a Arqueologia Histórica como um subdisciplina da Arqueologia, eliminando, é claro, a carga pejorativa que o termo carrega.

A divisão da Arqueologia no Brasil em Pré-Histórica e Histórica, apesar de consolidada, nos conduz a um sentido tradicional destas noções. A Arqueologia Pré-Histórica seria a arqueologia dos grupos humanos sem escrita, enquanto a Arqueologia Histórica seria a arqueologia dos grupos humanos com escrita. Esta classificação indica uma negação da história dos grupos ágrafos, possuindo sua origem em uma antiga visão segregada do passado (Lightfoot *apud* Funari, 1996; Thomasi, 2010).

Considerando ineficiente a divisão das "arqueologias" somente no que tange a escrita, propomos distingui-las através da formação do Mundo Moderno (Tocchetto, 2004), que se inicia com a expansão européia e coincide com a consolidação do sistema capitalista e de uma nova ordem social (Senatore; Zarankin, 2002). No entanto, conforme Funari (1996), esta classificação parece dar conta de apenas uma parte da questão, pois continuidades milenares podem ser tão ou mais importantes que a crescente europeização do globo. Dessa forma, entendemos que a Arqueologia Histórica pode dar conta também dos grupos sem escrita, através da cultura material, estudando a interação entre dominantes e dominados, letrados e iletrados, em diferentes contextos culturais e cronológicos. É justamente através da cultura material que a Arqueologia Histórica vai dar "voz" às pessoas comuns que não são visíveis no registro documental, mas que fazem parte dos processos que envolvem a formação do Mundo Moderno, como, por exemplo, os escravos no Brasil (Funari, 1996; Najjar, 2005).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Apesar da tradicional divisão da Arqueologia no Brasil, em Pré-Histórica e Histórica, considerar em primeiro plano a questão da grafia, há certa complexidade nesta classificação das "arqueologias". Conforme o parágrafo anterior, onde relacionamos o estudo da Arqueologia Histórica com a formação do Mundo Moderno, devemos considerar também aspectos do principal objeto de estudo da Arqueologia nesta divisão já consolidada: a cultura material. A cultura material pode ser entendida como um conjunto de elementos que representam condutas, gestos e idéias, tanto no sentido material como no simbólico, inseridas nas relações cotidianas. No âmbito dos seus elementos formadores, consideramos todos os artefatos, objetos ou utensílios utilizados por grupos humanos no decorrer de sua presença em determinada paisagem (Netto; Souza, 2010). Além dos elementos já citados, também pode ser incluído neste rol as diferentes estruturas relacionadas aos grupos humanos (Nascimento, 2009). Problematizando a noção de cultura material, entendemos que ela "tem uma dimensão mais ampla e diversificada, envolvendo todo o segmento físico socialmente integrado" (Rede, 1996, p. 278). Segundo Lima (2011, p. 21), a cultura material é

> [...] produzida para desempenhar um papel ativo [nos sistemas socioculturais], é usada tanto para afirmar identidades quanto para dissimulá-las, para promover mudança social, marcar diferenças sociais, reforçar a dominação e reafirmar resistências, negociar posições, demarcar fronteiras sociais e assim por diante (Lima, 2011, p. 21).

Considerando a cultura material como o principal objeto de estudo da Arqueologia, é também através dela que devemos propor uma distinção entre as "arqueologias" no Brasil. Segundo Orser Jr. (2005, p. 64), "o surgimento das forças de mercado no mundo capitalista tem um significado prático para os pesquisadores da Arqueologia Histórica, pois a grande maioria dos objetos usados pelos americanos pós-colombianos não foi feita por eles mesmos". Apesar de Orser Jr. (2005) estar fazendo referência ao contexto norte-americano, a referida citação pode ser adaptada ao "cenário" nacional. Este é caso do estudo que propomos: a análise de recipientes de vidro de um sítio histórico do início do século XX localizado no interior do Rio Grande do Sul. Como foram objetos não produzidos pelos agentes que os possuíam, pois envolvem os processos de fabricação, compra, consumo e posteriormente descarte e/ou reutilização, estamos trabalhando com Arqueologia Histórica. Diferentemente do arqueólogo que analisa uma coleção de fragmentos de cerâmica guarani de um sítio no Brasil datado em 1.500 anos A.P., por exemplo, que estaria trabalhando com a Arqueologia Pré-Histórica.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

O pesquisador que trabalha com Arqueologia Histórica pode utilizar uma variedade de fontes em seus estudos, diferentemente do arqueólogo que trabalha com a Pré-História. Najjar (2005) afirma que os artefatos, os documentos escritos, a informação oral e a própria arquitetura podem informar ao pesquisador de Arqueologia Histórica sobre as relações entre os ocupantes desses sítios e como eles se relacionavam com a sociedade.

Em relação às fontes utilizadas na Arqueologia Histórica Orser Jr. (1992) problematiza-as com maior ênfase e em maior número. Segundo este arqueólogo, na Arqueologia Histórica é comum o estudo de artefatos, estruturas, documentos escritos, mapas, pinturas, desenhos, fotos, história e testemunhos orais, além das transformações na paisagem decorrentes das ações dos grupos humanos. Baseados em Orser Jr. (1992), classificamos os artefatos em Arqueologia Histórica como aqueles itens fabricados e/ou modificados pela ação humana, incluindo louças, garrafas e frascos de vidro, metais e assim por diante. Já as estruturas, entendidas como qualquer evidência de presença humana que não pode ser removida do sítio arqueológico, estariam relacionadas na Arqueologia Histórica a poços, trincheiras, lareiras, fossas sanitárias, casas, fortes e outras edificações.

Esta peculiaridade da Arqueologia Histórica, em poder confrontar diversas fontes, também reserva a esta subdisciplina um papel de destaque no estudo dos grupos humanos. Além de dar "voz" aos esquecidos pela História Tradicional (Funari 1996), cabe à Arqueologia Histórica analisar os domínios nos quais o registro documental é falho ou extremamente tendencioso (Lima, 2002b). Segundo Funari (2002, p. 107-108),

> tem-se buscado mostrar que ela [Arqueologia Histórica] não é uma simples *ancilla*, serva ou auxiliar da documentação escrita e da ciência da História, pois a cultura material pode não só complementar as informações textuais, como fornecer informações de outra forma não disponíveis e até mesmo confrontar-se às fontes escritas.

Durante muito tempo a Arqueologia foi vista como auxiliar da Antropologia ou da História, mas não nela mesma. Segundo Funari (1998, p. 8), "ela é considerada uma disciplina independente, intimamente relacionada com a História e com outras ciências sociais". Em relação a este embate, Lima (2002, p. 11-12) afirma que uma disputa entre o caráter antropológico ou histórico da Arqueologia já não faz mais nenhum sentido nos dias atuais, pois, "tanto a antropologia tem uma dimensão histórica, quanto à história tem uma dimensão antropológica, e a arqueologia deve transitar na inserção entre elas". Sendo assim, não devemos considerar a Arqueologia como auxiliar de nenhuma outra disciplina, mas sim como

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

uma área que busca o "diálogo" com diferentes saberes (Funari, 1998). É como afirma Lopes (2009, p. 51):

> Esta situação suscita debates que exigem, entre os interlocutores, abertura para questionamentos onde não cabe o dogmatismo teórico ainda verificado nas ciências e muito menos o feudalismo científico que fragmenta as áreas do conhecimento tornando-as, apesar de tão próximas, ilustres desconhecidas.

Dessa forma, considerando a Arqueologia e suas variantes como possuidoras de teorias e métodos próprios que permitem conhecer as tensões sociais e a variedade de situações sociais vivenciadas através da cultura material e da troca de conhecimento com outras disciplinas, a importância da Arqueologia situa-se justamente na democratização do passado fornecendo aberturas para a vida diária do povo e permitindo que se supere a parcialidade das evidências eruditas (Funari, 1998; 2002). Conforme Lima (2002), a força da Arqueologia Histórica reside justamente no estudo das coisas da vida diária aparentemente pouco importantes para um "olhar leigo", mas que estão intimamente associadas a processos sociais mais amplos.

2.1 A Arqueologia Histórica e o modelo histórico-cultural, processual e pós-processual

Como afirmamos anteriormente que a Arqueologia é uma disciplina independente, apesar de ser um campo multi e interdisciplinar (Lima, 2002), é necessário situarmos as três principais correntes teóricas que são utilizadas nas abordagens arqueológicas: o modelo histórico-cultural, a arqueologia processual e pós-processual. Primeiramente, para entendermos tais propostas, é necessário considerarmos as continuidades na utilização destes referenciais, muito antes das rupturas que poderiam ser geradas por maneiras de pensar tão distintas. Além disso, estes modelos foram e são adotados tanto na Arqueologia Pré-Histórica quanto na Arqueologia Histórica (Symanski, 1996; Funari, 2003).

Inicialmente, antes de abordarmos o modelo histórico-cultural, é necessário reconhecermos que ele continua a ser fortemente empregado na Arqueologia (Funari, 2003), o que corrobora a afirmação de uma continuidade nesta forma de pensar a cultura material e o sítio arqueológico. Segundo Najjar (2005), até a década de 1960 o histórico-culturalismo foi a perspectiva teórica reinante nos trabalhos arqueológicos, voltados exclusivamente a

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

exaustivas descrições de sítios e materiais arqueológicos. De acordo com Funari (2003, p. 49), o modelo histórico-cultural

> [...] parte do pressuposto de que as pessoas compartilham, de forma homogênea, os traços culturais e que as tradições passam de geração em geração. Todos os indivíduos de determinado grupo compartilham as mesmas idéias e a mesma cultura material. [...] Esse modelo, ainda que tenha sofrido muitas críticas por seus equívocos (generalizações descoladas da realidade), como veremos, continua a ser o mais utilizado em arqueologia, em suas múltiplas variantes e formas.

Apesar das constantes críticas ao histórico-culturalismo, devido à precariedade das análises empregadas em tal modelo, devemos situá-lo como parte de um processo dialético e de amadurecimento da Ciência Arqueológica. Ao arqueólogo, tendo novas possibilidades teórico-metodológicas em mãos e aceitas em ambiente acadêmico, as críticas ao passado são de fácil elaboração. No entanto, antes de desmerecermos o modelo histórico-cultural, devemos reconhecê-lo como importante etapa da construção do pensamento arqueológico. Apesar de estar vinculado a preceitos nacionalistas de unidade cultural, o histórico-culturalismo resultou em um significativo aperfeiçoamento de métodos arqueológicos como a seriação, estratigrafia, classificação e aumento da compreensão do modo como se vivia no passado (Trigger, 2004, p. 190).

No que tange a abordagem histórico-cultural na Arqueologia Histórica, em sua versão empobrecida, Lima (2002) afirma que além do caráter pontual, empiricista, descritivo, classificatório e biográfico do referido modelo teórico, há uma preferência pelo estudo de estruturas e artefatos remanescentes do poder religioso, militar e civil, conferindo à subdisciplina um caráter elitista. Estas características vão de encontro à Arqueologia Histórica praticada por alguns pesquisadores nos Estados Unidos, que buscam atuar em sítios associados a lugares e personagens importantes na ideologia nacional dominante, em detrimento de análises que abarquem a diversidade dos grupos humanos em um mesmo contexto (Orser Jr., 2005).

Considerada por Najjar (2005) como marco na arqueologia moderna, a Arqueologia Processual, ou Nova Arqueologia, surgiu na década de 1960 nos Estados Unidos como alternativa aos pesquisadores que acreditavam serem possíveis análises mais profundas dos grupos com o meio em que viviam. Foi neste período que a Arqueologia foi aproximada à Antropologia, o que acabou gerando os futuros debates entre processualistas e pós-

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

processualistas. Estes últimos defensores de uma Arqueologia relacionada à História (Lima, 2002).

Um dos pressupostos básicos da Nova Arqueologia é a busca por "elementos universais de comportamento humano, que não se limitariam a uma ou outra sociedade (Funari, 2003, p. 50). Para tal premissa, ocorreu a utilização de teorias e métodos nas investigações arqueológicas, o que daria ao processualismo um caráter positivista em decorrência de seu rigor científico. Até mesmo recursos estatísticos e matemáticos forma incorporados na Nova Arqueologia com o intuito de dar validade científica as pesquisas (Najjar, 2005).

Para situarmos a proposta processualista na Arqueologia História, devemos considerar o pressuposto básico desta forma de pensar: o comportamento dos grupos humanos (Trigger, 2004). Como a Arqueologia Histórica na América estuda o Mundo Moderno, o comportamento relacionado aos hábitos de consumo acabou sendo uma determinante nesta linha de pesquisa. De acordo com Symanski (1996, p. 64),

> um dos principais temas de debate nos trabalhos de orientação processual em Arqueologia Histórica diz respeito ao modo no qual a variabilidade do *status* social é refletida arqueologicamente. Um pressuposto básico é que o poder de compra do indivíduo estará refletido na qualidade do material encontrado no registro arqueológico.

Apesar de considerarmos a importância da Nova Arqueologia, Lima (2002) a critica. Segundo esta autora, o processualismo é uma ferramenta teórico-metodológica de pouca utilidade na Arqueologia Histórica, pois, enaltece em demasia a antropologia e as generalizações. Em contrapartida é desapegado da História e nega a importância das trajetórias históricas particulares. Trigger (2004) segue esta mesma linha de pensamento, criticando a Nova Arqueologia por esta se proclamar produtora de generalizações objetivas e etnicamente neutras baseadas em um anti-historicismo. Estas características estão, na verdade, fortemente vinculadas a uma forma de validação da ordem vigente no contexto em que surgiu a Nova Arqueologia: os Estados Unidos da década de 1960, racionalmente projetado para atender aos interesses de indivíduos empreendedores que desprezavam a História (Trigger, 2004). Apesar das ferozes críticas, Lima (2002) e Trigger (2004) reconhecem o processualismo como importante etapa na formação do pensamento arqueológico atual, principalmente no que tange a elaboração de minuciosas metodologias e técnicas científicas.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Além disso, pode fornecer esquemas interpretativos aplicáveis a qualquer contexto histórico (Funari, 2003).

Na década de 1980 surgiu na Europa, em especial na Inglaterra, uma nova forma de pensar e interpretar os dados arqueológicos em contrapartida à Nova Arqueologia: o pós-processualismo. Segundo Najjar (2005), este pensamento contribuiu para a Arqueologia na medida em que validou a possibilidade de utilização de uma pluralidade de métodos interpretativos em uma mesma pesquisa, o viés simbólico da cultura material e as análises qualitativas ao invés das quantitativas. O pós-processualismo também é conhecido como contextual, pois se preocupa com o "contexto histórico e social da produção de conhecimento, com a subjetividade e comprometimento do arqueólogo com os grupos sociais" (Funari, 2003, p. 51). Para entendermos melhor o pós-processualismo, recorremos à noção formulada por Tânia Andrade Lima (2002, p. 9):

> Essa reação, que trouxe consigo o retorno ao historicismo e ao particularismo da velha e desprezada História Cultural, valorizando contextos históricos, ideologias e diversidade, voltou-se para a investigação das estruturas subjacentes às expressões culturais, para os significados da cultura material e sua dimensão simbólica, para o indivíduo em lugar do sistema.

A partir de Lima (2002), verificamos que o pós-processualismo é uma importante ferramenta para corroborar as pesquisas em Arqueologia que primam por revelar as especificidades de determinado grupo social, tanto em suas relações internas quanto em um contexto mais amplo, e que reconhecem a importância da História e da dinamicidade da cultura material nas relações sociais (Funari, 2003). A partir destes fatores, e reconhecendo que dentro das sociedades há grande variação, o pensamento pós-processualista busca estudar a dinâmica interna das sociedades, das relações de poder, dos conflitos de classe e de gênero dentro de contextos históricos específicos (Lima, 2002; Funari, 2003). Segundo Symanski (1996), os trabalhos de orientação pós-processual aderem a análises profundamente interpretativas da cultura material, embasadas no que existe de mais recente na produção teórica das ciências sociais.

Se nos primórdios no processualismo o "grito de guerra" consistia em afirmar que Arqueologia é Antropologia ou não é nada, no pós-processualismo passou a ser Arqueologia é História Cultural ou não é nada. Esta afirmação visava um enfrentamento com o processualismo e uma troca de saberes entre Arqueologia e História, e não simplesmente em colocar a Arqueologia dentro da História Cultural (Lima, 2002). Aliás, é preciso reconhecer

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

que durante as décadas de 1980 e 1990 os historiadores culturais aproximaram-se muito dos arqueólogos, principalmente no que tange o estudo da cultura material (Burke, 2005). Antes deste fato, na obra "O processo civilizador", do cientista social Norbert Elias, o autor aborda os significados simbólicos da cultura material, como o garfo e a faca, bem como os comportamentos a ela associados através de diferentes períodos históricos, havendo uma aproximação com a Arqueologia Histórica. É interessante observarmos que a primeira edição da referida obra foi lançada em 1939. Logicamente, a forma com que Elias (1994) analisa a cultura material difere, em parte, da maneira como os arqueólogos a analisam.

Se a história do pensamento arqueológico pode ser resumida em três linhas teórico-metodológicas, Lima (2002, p. 9) nos dá a idéia do foco de cada uma delas: se a escala de análise apropriada para o histórico-culturalismo foi o sítio e, para o processualismo, a região, para o pós-processualismo passou a ser o indivíduo. Além destas características, temos na arqueologia histórico-cultural uma ênfase em cronologias de culturas, no processualismo em leis gerais de comportamento e no pós-processualismo um viés contextual, simbólico e crítico (Orser Jr., 1992).

Em suma, as três principais linhas de pensamento arqueológico, o modelo histórico-cultural, processual e pós-processual, devem ser reconhecidas como etapas de um processo dialético de construção dos referenciais teóricos na Arqueologia. Antes das críticas é preciso considerar que a convivência de teorias divergentes e, às vezes, contraditórias constitui uma salutar característica da arqueologia na atualidade (Funari, 2003). Sendo assim, não podemos simplesmente desmerecer nenhum dos modelos aqui abordados, pois estaríamos cometendo o mesmo erro de alguns processualistas que recusaram a aproximação da Arqueologia com a História.

2.2 Arqueologia Histórica na América

O estudo de Arqueologia Histórica tal qual propomos no presente trabalho, considerando suas premissas teórico-metodológicas, pode ser entendido somente através do contexto que o legitima: o continente americano a partir da formação do Mundo Moderno. Dessa forma, a abordagem adotada nesta pesquisa faz referência a Arqueologia Histórica surgida na América do Norte. Esta relação pode ser entendida através da seguinte definição:

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

> [...] o termo "Arqueologia Histórica" tem sido usado, em particular na América do Norte, para referir-se ao estudo de um período histórico específico, o moderno (*sensu anglico*, *i.e.* do século XV em diante, Deetz 1977), em geral nas Américas. O termo Arqueologia Histórica, com tal definição, não é usado na Europa e na Ásia, já que se entende por históricas diversas arqueologias, como a Clássica e a Egípcia, para mencionar apenas duas delas (Funari, 2002, p.107).

A partir de Funari (2002), verificamos que existe uma variedade de "Arqueologias Históricas" aplicáveis em diferentes contextos. Dessa forma, para corroborar o presente estudo precisamos reconhecer as peculiaridades da Arqueologia Histórica na América. Esta variante da Arqueologia surgiu no final da década de 1930 nos Estados Unidos em oposição à Arqueologia Pré-Histórica, mais como uma auxiliar da História do que uma Ciência em si mesma (Zanettini, 2005). No entanto, precisamos considerar que a Arqueologia Histórica na América, principalmente no que tange seus processos atuais de formação, sofreu fortes influências do pensamento europeu a partir da década de 1980, como o pós-processualismo.

Podemos afirmar que a Arqueologia Histórica na América surgiu através do estudo de estruturas e artefatos que estavam vinculados a uma classe dominante, como, por exemplo, monumentos e locais relevantes para a construção e validação das grandes narrativas. Ou seja, vinculada a uma História Tradicional e excludente, onde a elite européia e seus descendentes eram o centro dos estudos (Zanettini, 2005).

Tratando inicialmente da cultura material dos grupos europeus na América, este ramo da arqueologia expandiu-se com o passar dos anos, englobando o estudo dos diferentes grupos humanos do continente americano a partir do período moderno. Eis que surge a importância da Arqueologia Histórica: o estudo de práticas sociais e grupos humanos excluídos das narrativas históricas dominantes, pelo viés da cultura material. Segundo Najjar (2005), o objetivo geral da Arqueologia Histórica deve ser o de conhecer, através da cultura material, temas que a história não consegue acessar, pois os objetos têm um valor simbólico que nem sempre é percebido e/ou descrito pela história.

Na América do Norte estas lacunas estão sendo preenchidas principalmente por pesquisadores como Orser Jr. (1992; 2005), que primam por contribuir no estudo de grupos humanos que não pertençam à elite americana. O referido autor é conhecido por promover pesquisas nas diferentes estruturas de fazendas o que, no caso da América do Norte, permite compreender como funcionava a interação de grupos de diferentes culturas em um mesmo contexto.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Considerando que a Arqueologia Histórica na América estuda o início do período moderno em diante, ou seja, do século XV até os dias atuais, cabe atualmente à Arqueologia Histórica examinar os primórdios dos processos que envolvem a modernidade, como o colonialismo, capitalismo, globalização e eurocentrismo. Neste sentido, o que demarca o campo operacional da Arqueologia Histórica na América é justamente o colonialismo europeu (Funari, 2002; Lima, 2002; Lima, 2008).

Este processo deve ser encarado de forma crítica pelo pesquisador, objetivando sempre por denunciar a dependência dos mais variados grupos humanos do continente americano à produção material e intelectual dos países centrais. Além disso, para uma compreensão mais consistente deste processo, aos seus agentes deve ser estendido um papel ativo nas relações sociais, onde além da dominação há grande espaço para as diferentes culturas se reinventarem e se apropriarem das coisas a seu jeito (Certeau, 1994; Lima, 2002).

2.3 Arqueologia Histórica no Brasil

As pesquisas em Arqueologia Histórica no Brasil ampliaram-se recentemente, principalmente na década de 1980 (Funari, 2004). No entanto, Tânia Andrade Lima (1993) afirma que foi na década de 1960 que a Arqueologia Histórica emergiu no Brasil como prática de pesquisa institucionalizada. Antes do referido marco cronológico, foram realizados trabalhos em sítios históricos na década de 1930, em fortes militares na Bahia e em estruturas remanescentes de possíveis grupos quilombolas no Paraná, na década de 1940, em uma vila espanhola em Paranaguá/PR, e na década de 1950, em uma capela de um colégio jesuíta no Paraná e nas missões de São Nicolau, São Luiz Gonzaga e São Borja no Rio Grande do Sul. É preciso salientar que os trabalhos realizados antes da década de 1960 não foram publicados e/ou ocorreram de forma totalmente assistemática, a não ser o trabalho citado da década de 1940, de autoria de uma arqueóloga norte-americana, que foi publicado na revista *American Antiquity* (Ibidem).

Quando tratamos de Arqueologia Histórica no Brasil precisamos considerar que somente com o fim da Ditadura Militar, em 1985, se multiplicaram as pesquisas que deram ênfase à diversidade social brasileira, propiciando um salto quantitativo e qualitativo nos estudos em Arqueologia Histórica no Brasil (Lima, 2008). Como vemos, o período da Ditadura Militar (1964-1985) tirou inclusive a liberdade de se pesquisar a Arqueologia, o que

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

pode ser considerado como um dos fatores que propiciaram certo atraso na adoção de novas linhas teórico-metodológicas por arqueólogos brasileiros. Esta afirmação pode ser corroborada se considerarmos que foi somente no início da década de 1990 que o processualismo passou a ser adotado nos trabalhos de Arqueologia no Brasil (Lima, 2002).

No entanto, a questão dos regimes militares como "sufocadores" da liberdade nas pesquisas em Arqueologia não foi um fenômeno isolado e tipicamente brasileiro, pois ocorreu em toda a América do Sul. A Arqueologia Histórica, em especial, foi muito prejudicada, pois,

> [...] o estudo da cultura material histórica foi feito, por muito tempo, até a década de 1980, principalmente por não arqueólogos, em geral arquitetos e historiadores da arte. Os três países [Argentina, Brasil e Uruguai] foram afetados pelo jugo militar no período entre o início da década de 1960 até meados da década de 1980. Enquanto historiadores e outros estudiosos conseguiram, às vezes, evitar a perseguição, já que seu trabalho acadêmico poderia ser levado adiante às suas próprias expensas, os arqueólogos, pela própria natureza do trabalho de campo, não podiam contar com fundos. Neste contexto, era muito difícil opor-se à linha oficial dos militares (Funari, 1998, p. 13).

Devemos considerar que a Arqueologia Histórica no Brasil ainda está em fase de amadurecimento, pois, com a Ditadura Militar, houve uma brusca ruptura no que tange a construção da subdisciplina. É por isso que pesquisadores como Funari (1998), Lima (2002) e Symanski (2009) vêm alertando os arqueólogos que trabalham como o período histórico que busquem ferramentas que darão suporte a interpretações críticas da cultura material e que não fiquem presos a análises puramente descritivas em suas pesquisas. Reconhecendo que a Arqueologia Histórica no Brasil precisa "apertar o passo e acertar o compasso se não quiser ficar para trás", como afirma Lima (2002, p. 19), os arqueólogos que trabalham com esta subdisciplina devem "libertar-se" da versão empobrecida do histórico-culturalismo e contribuírem para a efetiva produção de conhecimento em nosso país, levando em conta a dimensão política da Arqueologia Histórica em dar "voz aos esquecidos" e em contribuir através de novas interpretações em contraponto à História Tradicional (Symanski, 2009).

Para situarmos a Arqueologia Histórica brasileira no tempo, convencionou-se como marco cronológico de estudos o período posterior a 1.500 d.C., contemplando os sítios construídos a partir da ocupação portuguesa (Najjar, 2005). Segundo Herberts (2009, p.39),

> este campo de estudo abarca desde o período da chegada dos europeus no continente americano e a ocupação destes territórios, antes habitados estritamente por populações autóctones, para ser povoado e colonizado por outros grupos étnicos estrangeiros, até os dias atuais.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

No entanto, devemos ser mais críticos em relação a este processo. A Arqueologia Histórica no Brasil não pode ser tratada somente pelo viés da "europeização", pois, conforme já foi mencionado, havia no Brasil, antes da chegado do europeu, culturas milenares que ainda perduram, além das culturas marginalizadas pela História Tradicional introduzidas pelos processos de formação do Mundo Moderno. Dessa forma, a Arqueologia Histórica deve "olhar" para estes grupos e analisar como eles reinventaram seu cotidiano a partir de uma nova realidade, muitas vezes imposta à força.

De acordo com Nascimento (2009), os estudos de Arqueologia Histórica vêm crescendo no Brasil desde as últimas décadas do século passado, onde Arno Kern, Tânia Lima, Pedro Paulo Funari e Paulo Zanettini na década de 1990, foram os precursores desse novo campo, apesar de adotarem diferentes concepções teóricas e metodológicas. Na década de 1990 foi inaugurada uma nova fase da Arqueologia Histórica no Brasil, refletida em trabalhos que contemplam temas como: gênero, etnicidade, capitalismo e paisagem (Najjar, 2005).

Atualmente, os estudos em Arqueologia Histórica no Brasil mostram o caráter multidisciplinar da arqueologia como disciplina científica (Najjar, 2005). Este caráter multidisciplinar associado à série de fontes de informação utilizadas em Arqueologia Histórica como artefatos, estruturas, arquitetura, documentos escritos, informações orais, imagens e alterações na paisagem, conferem à subdisciplina um extenso domínio sobre os aspectos cotidianos e a processos histórico-sociais mais amplos (Lima, 2002).

2.4 Arqueologia Histórica no Rio Grande do Sul

Apesar de já termos citado que um dos primeiros trabalhos em Arqueologia Histórica no Brasil ocorreu no Estado do Rio Grande do Sul na década de 1950, é preciso salientar que esta escavação ocorreu de forma totalmente assistemática (Lima, 1993). Os primeiros trabalhos sistemáticos e com uma metodologia definida ocorreram nas décadas de 1960 e 1970 nos quadros do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) na região das Missões Jesuíticas. Estas pesquisas estavam fundamentadas na abordagem teórica do modelo Histórico-Cultural, buscando seqüências cronológicas a partir de estudos tipológicos (Oliveira; Symanski, 1999).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Na década de 1980 as pesquisas em Arqueologia Histórica no Rio Grande do Sul continuaram concentradas na Região das Missões. Os trabalhos deste período foram realizados por pesquisadores com orientações teóricas distintas, o que acarretou em uma falta de uniformização metodológica. A maior parte dos trabalhos foi planejada e desenvolvida nos locais dos antigos povoados de São Miguel, São Lourenço, São João, São Luiz e Santo Ângelo, para os quais foram elaborados projetos específicos (Oliveira; Symanski, 1999; Arqueologia Histórica ..., 2011).

A década de 1990 no Rio Grande do Sul inaugurou, nas premissas da Arqueologia Histórica, a preocupação com sítios domésticos, localizados em áreas urbanas e rurais, bem como o estudo de lixeiras coletivas. Estas pesquisas voltaram-se para a análise de objetos que compunham o cotidiano de agentes sociais no contexto do século XIX, fundamentadas no processualismo e no pós-processualismo (Symanski, 1996; Oliveira; Symanski, 1999). Neste período Tocchetto (2004) afirma que um dos primeiros trabalhos foi realizado no ano de 1994 na parte frontal de um Solar em Porto Alegre. Como publicação de referência da década de 1990 Tocchetto (2004) destaca a dissertação de mestrado de Luís Cláudio Pereira Symanski (1996), que incentivou e tornou possíveis as pesquisas em unidades domésticas. Neste período houve um crescimento nas publicações e discussões sobre Arqueologia Histórica em diferentes centros de pesquisa do Rio Grande do Sul, como o CEPA (Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas) da UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul).

A Arqueologia Histórica na década de 2000, no Rio Grande do Sul, foi caracterizada pela continuidade dos trabalhos gerados nos anos 1990, através de análises baseadas no processualismo e no pós-processualismo, como a tese de doutorado de Tocchetto (2004). No entanto, verificamos também neste período as permanências do modelo Histórico-Cultural, como o artigo de Ribeiro; Pestana; Fonseca; Weska (2006). A maioria dos trabalhos em Arqueologia Histórica da década 2000 no Rio Grande do Sul, como teses de doutorado e dissertações e mestrado, concentraram-se na PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), em movimento que estava ocorrendo desde fins dos anos 1990.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

2.5 Arqueologia Histórica no Vale do Taquari

As pesquisas em Arqueologia Histórica no Vale do Taquari/RS, região geopolítica onde se centra o presente estudo, vêm sendo realizadas pelo Setor de Arqueologia do Centro Universitário Univates há cerca de dez anos. Até o presente momento, as publicações em Arqueologia Histórica no Vale do Taquari/RS estão embasadas nas premissas do patrimônio cultural (Machado; Lopes, 2008; Machado; Lopes; Gheno, 2009).

No artigo intitulado "O patrimônio cultural sob as lentes da Arqueologia Histórica – colonização e imigração no Vale do Taquari/RS", de autoria de Neli T. G. Machado e Sérgio Nunes Lopes, a Arqueologia Histórica é utilizada para denunciar as políticas públicas escassas na referida região em relação à preservação patrimonial, bem como para expor o grande potencial que o Vale do Taquari possui no que tange a implantação de políticas relacionadas ao turismo em estruturas remanescentes de grupos provenientes dos processos de colonização e imigração européia. Esta premissa é exposta com a finalidade de preservação destes bens, que propiciam uma relação íntima com a identidade dos grupos que habitam o Vale do Taquari. Neste artigo também é citada a estrutura arquitetônica onde os recipientes de vidro analisados no presente estudo foram coletados: a Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer.

Outra publicação com propósitos semelhantes à anterior é "Arqueologia Histórica e a problemática do patrimônio: discussões acerca da preservação, turismo e educação patrimonial no Vale do Taquari – Rio Grande do Sul", de autoria de Neli T. G. Machado, Sérgio Nunes Lopes e Diego Antônio Gheno. O referido artigo objetiva por tratar da pluralidade de interpretações capazes de referenciar vários momentos do cotidiano humano através da cultura material, sob a ótica do Patrimônio Histórico-Cultural e da Arqueologia Histórica. Além disso, o enfoque arqueológico como fonte potencial para confrontar possíveis distorções construídas pela História Tradicional também são elencados neste artigo.

A partir desta breve revisão bibliográfica percebemos que no Vale do Taquari ainda não foram publicados trabalhos em Arqueologia Histórica que primam por analisar artefatos em um estudo de caso. Sendo assim, o presente trabalho visa preencher, em parte, esta lacuna, bem como, contribuir modestamente para a literatura arqueológica brasileira em um estudo sobre recipientes de vidro provenientes de uma casa comercial que "vivenciou" boa parte do breve século XX.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

3 AS CASAS COMERCIAIS COMO ESPAÇOS PRIVILEGIADOS EM ÁREAS DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMÃ: O CONTEXTO HISTÓRICO DA CASA COMERCIAL DE ARNALDO FENSTERSEIFER

> Suas lojas [de comerciantes portugueses do século XVI], tal como as dos primeiros merceeiros das Europa, oferecem todas as mercadorias ao mesmo tempo, as mais modestas e comuns, farinha, carne seca, feijão, tecidos importados, mas também as mercadorias de preço elevado, como escravos negros ou fabulosas pedras preciosas. Até na selvagem Argentina do século XVIII se ergue, para o uso dos *gauchos*, a *pulpéria*, uma loja com grades, onde se vende de tudo, sobretudo o álcool, e que abastece os comboios de tropeiros e de carreteiros (Braudel, 1996, p. 94).

Não querendo cometer anacronismos, por estarmos analisando a cultura material de uma casa comercial localizada no atual município de Roca Sales/RS que esteve em atividade ao longo do século XX, a citação de Braudel (1996) apenas situa as casas de comércio no Brasil e América do Sul como resultados de um processo histórico amplo, que já havia sido iniciado muito antes de uma efetiva imigração e colonização de grupos alemães.

Tal discussão é necessária, pois entendemos que as casas de comércio localizadas em zonas interioranas do Rio Grande do Sul, como é o caso do presente estudo, foram, durante certo período, uma espécie de porta de comunicação com as regiões centrais, além de fazerem parte dos processos de desenvolvimento econômico e comercial das localidades de imigração e colonização (Dreher, 2005; Grützmann, 2008b). O que queremos dizer, é que devemos entender o fenômeno das casas comerciais em uma esfera mais ampla entre os processos que as geraram. Como estamos trabalhando com materiais arqueológicos provenientes de uma casa comercial situada em uma localidade onde predominou a colonização alemã, não podemos continuar a atrelar somente este fator como uma determinante no desenvolvimento

da economia na região em estudo: O Vale do Taquari (Machado; Relly; Schneider, 2008).

Sem querer estender tal premissa, para não perdermos o norte deste trabalho, procuraremos tratar neste capítulo de alguns aspectos históricos referentes às casas comerciais em áreas de imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul, com enfoque na Região do Vale do Taquari. Como entendemos que a Arqueologia possui forte relação com a História (Lima, 2002), é imprescindível abordarmos os processos históricos que envolvem as casas de comércio na região em estudo, destacando seus agentes sociais, bem como tratando dos produtos que comercializavam; que no caso da casa comercial de Arnaldo Fensterseifer, localizada em Fazenda Lohmann, no atual município de Roca Sales/RS, resultarão na cultura material que centra este trabalho: os recipientes de vidro. Sendo assim, procuraremos tratar também neste capítulo de um breve histórico sobre a referida casa comercial, para situarmos o contexto em que a cultura material em análise teve parte de seu "ciclo de vida".

3.1 Algumas considerações sobre as casas comerciais de grupos alemães no Rio Grande do Sul

Para compreendermos o surgimento das casas de comércio em áreas de colonização alemã, no Rio Grande do Sul, precisamos recuar no tempo. Apesar de estarmos trabalhando com materiais arqueológicos oriundos de um estabelecimento comercial que manteve atividade ao longo do século XX, foi no século XIX que se estruturaram as bases do comércio realizado por grupos alemães através das "vendas", ou casas comerciais (Amado, 2002; Christillino, 2005; Witt, 2008).

Tomando o ano de 1824 e a Colônia de São Leopoldo como referências no que tange a inserção dos germânicos na história gaúcha (Machado; Relly; Schneider, 2008), podemos afirmar que a abertura de casas de comércio administradas pelos referidos grupos não se distanciou muito do período inicial de sua colonização no Rio Grande do Sul. Na obra de Amado (2002), percebemos que em 1829, em São Leopoldo, já havia uma casa comercial cujo proprietário era de origem alemã. Para entendermos o surgimento e a disseminação dessas "vendas" é necessário avançarmos algumas décadas e considerarmos os seguintes aspectos:

> Os colonizadores ao tomarem posse da sua propriedade, tiveram que se preocupar desde logo com a necessidade de produzir excedentes para serem vendidos, pois precisavam de recursos para pagar as dívidas contraídas com a compra de terras.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

> Assim, surgiram em todas as localidades as "vendas", onde ocorria a comercialização desses excedentes, em forma de troca de produtos da agropecuária por mantimentos e vestuário. Os agricultores levavam a "venda" ovos, galinhas, manteiga, banha e em troca traziam tecidos, sal, açúcar e outros produtos não existentes na propriedade (Ahlert, 2005, p. 85).

Apesar de Ahlert (2005) fazer referência ao contexto do Vale do Taquari no século XIX no período posterior à década de 1850, época da promulgação da Lei de Terras (1850) e do Decreto nº 1318 (1854) que instituíram que a terra deveria ser repassada ou transferida somente por meio de contratos de compra e venda (Machado; Relly; Schneider, 2008), podemos perceber o quão importante foram as casas comerciais nas primeiras décadas de colonização alemã no Rio Grande do Sul no que tange o acúmulo de capital, tanto do agricultor quanto do comerciante, e o fornecimento de produtos e mercadorias que os colonos não tinham condições de adquirir sem se deslocarem até áreas centrais como Porto Alegre e São Leopoldo, por exemplo. O surgimento das casas comerciais administradas por grupos germânicos não é algo restrito ao Rio Grande do Sul. A partir de Seyferth (1974), que pesquisou sobre a colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim/SC ao longo do século XIX e XX, verificamos que as "vendas" desempenharam papel semelhante nas duas regiões supracitadas:

> A sobrevivência dos colonos nos seus lotes dependia estritamente da existência de uma parte da produção para vender no mercado (ou seja, na venda) e da compra de gêneros nesse mesmo mercado, embora as transações em dinheiro não fossem tão freqüentes. A venda foi extremamente importante, uma vez que toda a economia colonial girava em torno dela e apenas com poucas exceções as transações comerciais tomaram outro rumo (Seyferth, 1974, p. 95).

Apesar de importantes agentes do comércio, não podemos desconsiderar as atividades exploratórias que os "vendeiros" exerciam, principalmente em áreas rurais. Segundo Amado (2002, p. 37), "como era o comerciante rural quem fixava os preços nas picadas, desde o início comprou barato a produção agrícola dos colonos e vendeu-lhes caro os produtos de Porto Alegre". Dessa forma, com o passar dos anos, o poder aquisitivo do colono baixou embora sua produção tenha aumentado e se diversificado. Em contrapartida, o comerciante rural enriqueceu cada vez mais, tornando-se praticamente o dono da vida econômica de uma picada. O agricultor estava irremediavelmente preso à venda, era sempre devedor, já o comerciante era sempre o credor (Amado, 2002).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Esta relação, de devedor e credor, entre agricultor e comerciante solidificou-se principalmente em fins do século XIX, quando se tornou comum o "vendeiro" atuar também como uma espécie de banqueiro. Sperb (1987) afirma que por volta de 1875 esta duplicidade de funções ocorreu de forma mais intensa no Rio Grande do Sul. No entanto, esta atividade desenvolvida pelo "vendeiro" divergia, em alguns casos, da concepção atual que possuímos de banco e banqueiro. De acordo com Seyferth (1974, p. 112), "a venda, funcionando como banco dos colonos, diferia desse tipo de instituição em um aspecto importante: não era o colono que recebia juros pelas importâncias depositadas na venda; o colono pagava ao vendeiro para que este guardasse o seu dinheiro". Sendo assim, observamos mais uma atividade de exploração econômica desenvolvida pelo "vendeiro", além da taxação arbitrária sobre os produtos dos agricultores.

A função bancária das casas comerciais, em fins do século XIX e início do século XX, nem sempre era regida através de moeda, pois, no período citado, ela não circulava nas colônias. A economia girava em torno da permuta (Dreher, 2008). A partir de Amado (2002, p. 86), verificamos como ocorria esta relação:

> Quando um agricultor estava em dificuldades, [o comerciante] concedia-lhe crédito na venda e fornecia sementes, tendo como garantia as futuras colheitas. Os imigrantes recém-chegados tinham direito a empréstimos até que a terra começasse a produzir. As trocas, no início eram feitas à vista, passaram para o sistema de contas correntes: cada mercadoria comprada ou vendida pelo colono era anotada num livro, na coluna "deve" ou "haver", conforme o caso.

No período inicial da colonização alemã no Vale do Taquari, metade do século XIX, verificamos que "os comerciantes também atuaram no mercado de terras, pois investiam suas "sobras" em títulos de terras visando a sua "revenda", o que proporcionava importantes somas de recursos" (Christillino, 2005, p. 315). Os comerciantes, em determinados casos, não se dedicavam somente à venda e/ou troca de produtos e mercadorias. Além do mercado de terras alguns comerciantes no Vale do Taquari, como Pedro Müchel nas décadas de 1860 e 1870, atuaram em outras atividades como: comercialização de escravos, madeiras e transporte por meio de lanchões (tipo de embarcação) (Christillino, 2005).

Observamos que os comerciantes exerciam controle econômico em diversos setores o que, de certa forma, favoreceu o enriquecimento e prestígio social de muitos. É importante ressaltar que as diferentes atividades exercidas pelos "vendeiros" mudaram ou extinguiram-se nas décadas finais do século XIX e ao longo do século XX, como a comercialização de

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

escravos com a Abolição da Escravatura em 1888 (Machado; Relly; Schneider, 2008). No entanto, o comércio de madeiras exercido pelos comerciantes muitas vezes transformou-se no estabelecimento de serrarias, bem como o controle sobre os meios de transporte acarretou em uma constante modernização e diversificação dos mesmos: no transporte fluvial com a aquisição de barcos a vapor e posteriormente com motor, e no transporte terrestre com a aquisição de carroças e posteriormente caminhões e ônibus (Dreher, 2008b; Witt, 2008).

As casas comerciais, em áreas rurais, eram também locais de entretenimento e de intenso convívio social. Além do comércio, algumas "vendas" também promoviam bailes. Segundo Gerhardt (2004), eventualmente as pessoas se reuniam para dançar nas casas comerciais maiores, pois, em determinados casos, era o único espaço coberto nas regiões interioranas que podia ser utilizado para esta finalidade. No livro do Jubileu de Diamante do município de Estrela/RS, organizado por Arnaldo J. Diel (1951), percebemos que além do comércio de fazendas, louças, miudezas, secos e molhados, a casa comercial de Theobaldo Gräbin, localizada em Barra da Sêca, atual município de Colinas/RS, destacava-se pela realização de bailes (FIGURA 1). De acordo com Rockenbach; Flores (2004) era comum o "vendeiro" desocupar seu armazém para realizar festividades que contavam com a presença de praticamente toda a comunidade circundante à casa comercial.



FIGURA 1 – Propaganda da casa comercial de Theobaldo Gräbin.
Fonte: Diel, 1951, p. 42.

Além disso, as "vendas" eram os locais onde perpassava o cotidiano das áreas rurais. As casas comerciais eram um ponto de reunião, era o local onde se vivia o dia-a-dia da picada, onde todos se encontravam, sabiam das novidades, jogavam e bebiam (Amado, 2002).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

De acordo com Weimer (2008), que foi proprietário de uma casa comercial no Vale do Taquari em meados do século XX, o trabalho não parava nem aos domingos: "como não havia futebol, cinema, etc., o ponto de encontro dos colonos era na casa comercial, onde jogavam cartas, bebiam, conversavam e se inteiravam de todos os acontecimentos da semana" (Ibidem, p. 87-88). Sperb (1987, p. 17-18) nos dá a noção das diferentes atividades que eram realizadas nas casas comerciais em áreas rurais de colonização alemã, descrevendo toda a dinâmica destes locais:

> A venda é seguramente o lugar de maior movimento na colônia, e toda Picada tinha pelo menos uma. Era o lugar onde se realizavam as transações comerciais, onde o produto dos colonos era cotado e onde estes podiam adquirir gêneros que não produziam. Lugar onde entre um charuto, um copo de vinho ou aguardente e uma rapadura se discutia e ficava sabendo todas as novidades, desde políticas até religiosas, onde seguramente também se faziam mexericos da vida dos vizinhos e se realizavam negócios e transações entre freqüentadores. Lugar que podia se transformar, num fim de semana, num salão de baile, possibilitando a reunião de famílias, o encontro de jovens casadoiros.

Witt (2008) trabalha parte de sua tese de doutorado com casas comerciais de grupos alemães no Rio Grande do Sul ao longo do século XIX, utilizando-as para validar uma das formas pelas quais os imigrantes alemães e seus descendentes se organizaram para se aproximar e participar da política no Rio Grande do Sul no referido século. A tese levantada por Witt (2008) nos fornece outra característica das casas comerciais, para além de um local utilizado para venda e troca de produtos e mercadorias, como espaço para o desenvolvimento e organização de ideologias e partidos políticos. Além disso, o próprio comerciante, em certos casos, exercia algum cargo político na cidade em que residia (Ferri, 1998).

A partir de Amado (2002), percebemos as formas de distinção que havia nas relações entre o "vendeiro" e o freguês, pois, no caso da casa comercial de Ignácio Rasch que esteve em atividade em meados do século XIX em São Leopoldo, a autora expõe que todos se ligavam ao comerciante, que a cada dia tornava-se mais atrevido, sem respeitar a Lei e nem pessoa alguma. A partir desta afirmação, verificamos que o comerciante, em determinados casos, era dotado de grande valor simbólico, pois na área em que determinada casa comercial se situava, todos o conheciam e acabavam freqüentando seu estabelecimento (Certeau; Giard; Mayol, 1996). Apesar de não ser o foco deste trabalho é importante refletirmos sobre a posição social do comerciante, principalmente como detentor de capital simbólico:

> A posição do agente no espaço social, determinada pelo volume do capital global possuído e pelo peso relativo dos capitais particulares na composição total do capital, implica em uma maior ou menor dominação/subordinação em relação às

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

> demais posições. Em cada campo específico, quanto maior o volume do tipo de capital eficiente em todos os jogos do campo, maior a probabilidade do agente ocupar uma posição dominante. Visto que as relações de força do espaço social são relações de poder, os agentes alocados nas posições dominantes no espaço social são possuidores de uma espécie de capital, o capital simbólico, geralmente reconhecido como prestígio, fama e aceito como legítimo pelos outros, e, por conseguinte, na qualidade de proprietários de capital simbólico, possuem o poder de impor as visões do mundo social (Pereira; Catani, 2002, p. 114).

Bergesch (2003) afirma que nas colônias alemãs no Rio Grande do Sul, ao longo do século XX, o agricultor sempre procurava o comerciante mais próximo, pois, este possuía telefone, sabia falar português, providenciava tudo o que faltava, lia os jornais e transmitia as novidades, ajudava com conselhos e conhecimentos em documentos e escrituras. Quando Bergesch (2003) afirma que o comerciante providenciava de tudo ao agricultor, poderia ser até mesmo dinheiro (Ahlert, 2005). Seyferth (1974, p. 118) afirma que "os vendeiros exerciam [sobre os agricultores] uma espécie de domínio cultural e político, além do econômico, pois eram também donos das notícias". Os comerciantes tinham a função de conselheiros locais, pois eram procurados até mesmo na escolha de sementes, em opiniões acerca de utensílios ou novas plantações, bem como na recomendação de remédios em caso de doença (Seyferth, 1974). Dessa forma, entendemos que as características acima elencadas são meios que favoreciam os comerciantes em uma disputa por posições sociais privilegiadas através de diferentes campos: *capital econômico* (financeiro), *capital cultural* (formas de relação à cultura erudita e escolar), *capital social* (rede de relações sociais) e o *capital simbólico* (poder de reconverter os outros capitais em vantagens sociais) (Souza, 2009, p. 32-33). Dessa forma, tanto o comerciante quanto sua "venda" eram dotados de capital simbólico. Esta afirmação pode ser corroborada se considerarmos que

> [...] era o vendeiro a pessoa mais bem informada de toda a região e também aquele que de uma certa forma podia decidir sobre os destinos de um grupo de pessoas. Era ele que estabelecia as regras nas transações comerciais com os colonos. Era ele que direta ou indiretamente se comunicava com São Leopoldo e Porto Alegre e dela trazia toda a sorte de novidades. O vendeiro sabia de tudo e de todos. O estar bem informado, acrescido do controle econômico que exercia, faziam-no um sujeito de prestígio e poderoso na povoação (Sperb, 1987, p. 18).

Quando tratamos de casas comerciais em zonas interioranas é necessário desconsiderarmos que estas regiões estavam isoladas das demais, pois a própria existência das casas de comércio auxilia no combate a essa falsa idéia (Witt, 2008). De acordo com Dreher (2005), as casas comerciais eram o meio de ligação da picada com o mundo exterior. Eram elos importantes, senão os únicos, que proporcionavam as colônias tomar conhecimento de

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

diferentes realidades, bem como dos produtos padronizados que foram sendo introduzidos pelo capitalismo industrial no final do século XIX e início do século XX (Symanski, 2002). Segundo Witt (2008, p. 284), "as vendas constituíram-se numa das *peças-chave* para o desenvolvimento da Colônia alemã. Foram, sem dúvida, um *locus* colonial privilegiado, onde vendeiro e freguês negociavam, repartiam novidades e *tomavam partido* nas mais diversas situações".

Apesar de terem sido o centro nevrálgico de muitas colônias alemãs, em meados do século XIX e décadas iniciais do século XX, as casas comerciais entraram em um processo de crise após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Com o desenvolvimento de uma indústria incipiente e a redução dos cultivos agrícolas, as casas comerciais perderam mercado. Além disso, intensificou-se um sistema de comércio sem o intermédio do "vendeiro" de áreas rurais. Segundo Tedesco (2000, p. 89, nota 3), "o comerciante foi substituído pelas agroindústrias e seus aparatos técnico-mercantis". Seyferth (1974, p. 144) nos dá uma noção deste período de crise das casas comerciais:

> Nesta fase de transição [processo de industrialização no Brasil, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial], a venda perdeu gradativamente a sua importância. O volume dos negócios com produtos coloniais diminuiu bastante por duas razões fundamentais: a nova estrutura da propriedade agrícola, atomizada e trabalhada em tempo parcial pelo colono-operário, e a presença de outros tipos de indústria da transformação dos produtos agrícolas.

Sendo assim, com a produção colonial bruta destinada para as pequenas fábricas, sem o intermédio do "vendeiro", as casas comerciais passaram a ser apenas um estabelecimento de comércio varejista que atendia, em certos casos ainda atende, algumas necessidades básicas dos núcleos rurais (Seyferth, 1974). Devemos enquadrar o fenômeno das casas comerciais como pertencente a um contexto histórico específico, onde os processos de industrialização nacional acabaram por determinar uma contínua ruptura em sua atuação no mercado. No entanto, não podemos desconsiderar as continuidades das casas comerciais como importantes espaços de sociabilidade nas áreas rurais, apesar de terem perdido seu prestígio no campo econômico.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

3.2 Relações de gênero nas casas comerciais: muito além de um espaço estritamente masculino

Como o foco deste trabalho é a cultura material, não podemos deixar de relacionar os agentes sociais que dela fizeram uso em algum momento de suas vidas. Como estamos analisando uma variedade de objetos de vidro que incluem recipientes de remédios, de loções e perfumes, de óleos e de medicamentos de uso animal, faz-se necessário destacar os indivíduos que utilizaram ou manipularam os conteúdos que os contentores de vidro em estudo algum dia abrigaram (Lima, 2002).

Os recipientes de vidro desta pesquisa foram coletados, como já foi citado, em uma casa comercial cujos proprietários eram de origem alemã. Além disso, a referida casa comercial, apesar de não estar mais em atividade, situa-se na localidade de Fazenda Lohmann, Roca Sales/RS, onde predominou a colonização alemã (Ahlert; Gedoz, 2001). Esta reflexão se faz necessária para caracterizarmos os indivíduos que consumiram os produtos que resultaram na cultura material em estudo. No entanto, não podemos cometer o erro de acreditar que as redes sociais e de comércio não se davam com outras regiões e grupos étnicos (Witt, 2008). Além disso, discutimos até o momento sobre a relação entre "vendeiro" e "colono", ou comerciante e agricultor. No entanto, nem todos os fregueses das casas comerciais eram agricultores, ou exclusivamente agricultores. Em um estudo de caso, Sperb (1987) destaca que alguns clientes da "venda" de João Pedro Schmitt, que funcionou em Novo Hamburgo no século XIX, tinham diferentes profissões como, por exemplo, as de curtidor, mestre-escola e advogado.

Verificamos que as casas comerciais eram espaços de sociabilidade, onde circulavam uma variedade de grupos sociais e étnicos. No entanto, queremos propor neste sub-capítulo uma breve discussão sobre as relações de gênero nas casas comerciais, com destaque para o "esquecido" papel da mulher. Esta abordagem torna-se relevante, pois, "as mulheres ficaram virtualmente "invisíveis" para os historiadores no sentido de que a importância de seu trabalho diário, sua influência política (em todos os níveis da política), em geral, foi subestimada, e a mobilidade social foi, via de regra, discutida apenas em termos masculinos (Bridenthal & Koonz, 1977; Scott, 1988 *apud* Burke, 2002, p. 76).

Observamos em obra publicada recentemente, por historiadores que tratam da Região do Vale do Taquari, sobre o município de Colinas, que "as casas comerciais foram um lugar restrito ao universo masculino" (Machado; Relly; Schneider, 2008, p. 130). Esta afirmação

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

pode ser um tanto quanto radical e generalizante se aprofundarmos as pesquisas nas relações de gênero, utilizando a cultura material, fontes bibliográficas e iconográficas (Funari; Carvalho, 2009).

Antes de propormos qualquer discussão ao universo feminino nas casas comerciais é preciso "encarar a perspectiva de gênero como não determinada por modelos biologicamente construídos, e sim como uma construção cultural que perpassa todas as esferas da vida social" (Freitas, 1998, p. 293-294). Além disso, podemos considerar que "homem" e "mulher" são papéis sociais, definidos e organizados de forma diversa em diferentes períodos, não sendo categorias universais (Burke, 2002; Freitas, 1998). Dessa forma, as discussões sobre relações de gênero não devem destacar somente uma categoria, mas sim refletir sobre mulheres e homens de uma maneira múltipla e relacional em um contexto histórico-social específico (Funari; Carvalho, 2009).

Em relação aos espaços sociais que estamos analisando, as casas comerciais, não podemos continuar a pensar que estes lugares eram estritamente masculinos, assim como afirmam Machado; Relly; Schneider (2008). Tratando inicialmente do termo "comerciante", é possível propor que ele não estava necessariamente ligado ao gênero masculino. Apesar de não ser comum, esta atividade era realizada também por mulheres. Não identificamos nenhuma casa comercial de propriedade de uma mulher em nossa pesquisa, no entanto, observamos em alguns relatos e imagens que as atividades de uma casa comercial eram realizadas, muitas vezes, em família. No relato abaixo podemos perceber esta relação, bem como as diferentes atividades exercidas pelos proprietários de casas comerciais, não ficando restritas à venda e troca de produtos e mercadorias:

> Nosso trabalho aumentou bastante e, apesar de coordenarmos tudo em conjunto, a esposa e eu tivemos que repartir as responsabilidades. Ela não mediu esforços para cuidar de todos os serviços da "venda" e em bem atender os nossos fregueses. Eu cuidava dos serviços de fora, do transporte externo, pois começamos também a comprar porcos, fumo, cereais, etc., fretando toda a mercadoria que aparecesse (Weimer, 2008, p. 87).

A partir de Weimer (2008), observamos que sua mulher administrava a casa de comércio da família enquanto ele realizava atividades externas vinculadas aos serviços da "venda". Esta relação não ocorreu de forma isolada. Para tanto, precisamos considerar que:

> A atuação feminina também se fez presente na indústria e no comércio. Mesmo quando não estavam diretamente à frente dos negócios, as mulheres de donos de manufaturas e de casas de comércio cuidavam do empreendimento. Quando o

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

> marido realizava suas costumeiras viagens de negócios, a mulher gerenciava as transações comerciais (Grützmann, 2008, p. 52).

Na FIGURA 2, que ilustra parte da casa comercial de Leopoldo A. Marder, na época localizada no distrito de Roca Sales, município Estrela/RS, observamos duas mulheres atrás do balcão da referida "venda". Sendo provavelmente da família de Leopoldo, é possível que desempenhassem também a função de comerciantes, não sendo a posição das pessoas na foto mera construção de imagem. No entanto, a figura citada também nos remete a uma problematização sobre os clientes, ou fregueses das "vendas". Se na administração das casas comerciais verificamos que tanto homens quanto mulheres exerceram atividades semelhantes, é interessante pensarmos se havia diversidade de gênero também do "outro lado do balcão". Em nossa pesquisa, apesar de estarmos trabalhando com materiais arqueológicos de uma casa comercial localizada na zona rural de Roca Sales, verificamos através de imagem da década de 1920, de uma casa de comércio de Estrela, um ambiente em que homens e mulheres encontram-se na posição de consumidores (FIGURA 3). No entanto, precisamos considerar que estamos tratando de um estabelecimento de comércio localizado na "cidade" e não no "interior".



FIGURA 2 – Casa Comercial de Leopoldo A. Marder.
Fonte: Diniz; Toth. 1926, p. 179.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Como as casas comerciais em zonas rurais eram, e ainda são, locais de intenso convívio social, ideais para tomar uma "*cachacinha* e fazer um jogo de cartas" (Ahlert, 2005, p. 85), hábitos tradicionalmente encarados como pertencentes ao universo masculino, é possível que este tipo de estabelecimento tenha sido classificado como restrito aos homens. Apesar de pesquisar áreas de colonização italiana no Rio Grande do Sul, Giron (2000, p. 35) faz uma breve descrição do cotidiano nas casas comerciais em zonas rurais: "há os vagares do domingo onde os homens se reúnem para os jogos dominicais, dos quais as mulheres são excluídas, na venda ou no salão da comunidade, onde tratam de assuntos masculinos, negócios e aventuras próprias ou de outros". Sendo assim, há uma problemática que envolve as casas comerciais no que tange as relações de gênero: se haveriam diferenças entre os freqüentadores das "vendas" localizadas em zonas rurais e urbanas.



FIGURA 3 – Casa Comercial de Frederico Ruschel.
Fonte: Diniz; Toth, 1926, p. 85.

Provavelmente existiam diferenças. Primeiramente, devemos considerar que nas zonas urbanas, no contexto em que estamos trabalhando, havia uma estrutura diferenciada. Nas zonas rurais, como já discutimos, as casas comerciais poderiam concentrar muitas atividades: comércio de diversos tipos de produtos, banco, salão de baile, botequim, farmácia, entre outras. Já nas áreas urbanas estas atividades eram desempenhadas por estabelecimentos que exerciam as referidas atividades de forma específica. Tomando a área urbana do município de

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Estrela como exemplo, já que a casa comercial deste estudo foi fundada quando Roca Sales pertencia à Estrela, observamos que desde as décadas iniciais do século XX as casas comerciais realizavam apenas o comércio de fazendas, miudezas, confecções, louças, ferragens, tintas, secos e molhados. Para as outras atividades acima descritas já existiam bancos, como o Banco Pelotense, salões de baile, como o Salão Ruschel, locais de jogos, como a Confeitaria Elite, e farmácias, como a de Arthur Buchmann (Diniz; Toth, 1926; Hessel, 1983).

Como nas zonas rurais as casas comerciais concentravam diversas atividades, como a de botequim, é possível que tenham sido freqüentadas assiduamente pelo gênero masculino. É como afirma Hessel (1983, p. 75): "No interior, um dos passatempos mais difundidos era o jogo de cartas, em suas diversas modalidades, no qual homens consumiam tardes inteiras em torno de mesas nas vendas (casas comerciais)". Apesar desta importante característica, não podemos afirmar que as mulheres não fizeram parte das relações sociais nestes estabelecimentos. Tomando como exemplo a ocorrência de bailes nas casas comerciais, devemos considerar que dificilmente eles ocorreriam sem a presença do gênero feminino. Além disso, as casas de comércio em zonas rurais eram os locais onde as pessoas se encontravam, eram espaços sociais de uma colônia. De acordo com Grützmann (2008b, p. 66), as "vendas" eram

> [...] pontos de encontros e de recreação não apenas por ocasião dos bailes, mas também em outros momentos, atuando como locais de prosa acerca das novidades, geralmente trazidas pelo caixeiro-viajante, ocasião propícia para também saborear cerveja, cachaça, refrescos, gasosas e guloseimas; de parada quase obrigatória no caminho de retorno do culto e/ou da missa; de realização de jogos de carta; de leitura de jornais e de almanaques; e de reunião de jovens aos domingos que faziam do entorno da venda um *point* de entretenimento e de paquera.

Além disso, não podemos deixar de considerar a cultura material como sendo também um reflexo das relações de gênero (Funari; Carvalho, 2009). Como as casas comerciais vendiam diversos produtos, muitos deles estavam associados ao universo feminino. Na coleção de recipientes de vidro que estamos analisando neste trabalho, temos a incidência de loções, perfumes e medicamentos relacionados à higiene, beleza e saúde da mulher. Dessa forma, seria difícil não haver relações de gênero entre a clientela das casas comerciais em zonas rurais.

A partir desta breve discussão sobre as relações de gênero em casas comerciais, procuramos revelar que estes espaços não eram restritos aos homens; apesar de serem

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

freqüentadores assíduos nas “vendas” localizadas em zonas rurais. Como não é o foco deste trabalho, não buscamos aprofundar a temática das relações de gênero. Existem muitos aspectos que precisam ser considerados, principalmente no que tange a compreensão das várias identidades sociais que, neste caso, se relacionam à mulher: como a comerciante, a agricultora, entre outras (Freitas, 1998). Observamos que em relação à “mulher-comerciante” existem bibliografias e imagens que corroboram um estudo de caso, diferentemente de outras identidades femininas que possam relacionar-se ao estudo de gênero em casas comerciais, onde praticamente não encontramos fontes em nossa pesquisa. Para tal premissa, a cultura material pode ser uma fonte com extremo potencial.

3.3 Aqui vendem de tudo: a variedade de mercadorias nas casas comerciais

Neste trabalho propomos a análise de vestígios vítreos coletados em uma casa comercial e, dessa forma, se faz necessário discutirmos se os recipientes em questão, antes de serem descartados e ainda acondicionando seus conteúdos originais, faziam parte somente do cotidiano da família proprietária da referida casa de comércio ou eram também consumidos por outros agentes sociais da localidade em que ela se situava. Como não tivemos acesso aos livros-caixa da casa comercial em estudo, que estão em posse da família herdeira, precisamos refletir se o material analisado realmente era vendido naquele estabelecimento e também em outras “vendas”, o que pode corroborar hipóteses referentes aos comportamentos de consumo em um contexto mais amplo, principalmente em relação às práticas de cura, no caso do estudo de recipientes de remédio, de higiene e de beleza, em relação aos vidros de loções e perfumes.

Nas casas comerciais do período que estamos abordando, década de 1920 até meados da década de 1980, espaço de tempo em que funcionou o estabelecimento de comércio em estudo, houve muitas mudanças no que tange suas atividades, bem como as mercadorias que comercializavam. Se nos concentrarmos nas casas de comércio localizadas em áreas rurais, houve uma contínua substituição no papel do “vendeiro” como intermediário dos produtos coloniais ao longo das décadas de 1940 e 1950 (Seyferth, 1974). Apesar desta característica já ter sido citada anteriormente, ela é importante para entendermos a crise das casas comerciais no século XX; no que tange o campo econômico.

No entanto, no período em que as casas de comércio eram intermediárias dos produtos coloniais entre as localidades interioranas e áreas centrais, as operações comerciais entre

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

"vendeiros" e agricultores se davam, geralmente, na base da troca. O agricultor trazia algum produto agropecuário e em contrapartida levava algum artigo fabricado ou gênero alimentício (Sperb, 1987). Para termos uma noção desta relação e dos gêneros comercializados nas casas comerciais Rockenbach; Flores (2000, p. 44) nos dão um breve panorama deste sistema: "o vendeiro recebe banha, fumo, grãos e outros produtos agrícolas do colono e lhe fornece produtos industrializados: sal, café, açúcar, farinha, sagu, louças, tecidos, ferramentas, insumos agrícolas, remédios, etc.". Este sistema subsistiu, ao menos nas colônias alemãs, até a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Na maioria dos casos, os "vendeiros" abriam contas-correntes para os fregueses onde havia a receita, formada por ovos, toucinho, feijão, banha, e a despesa, feita de sal, açúcar, café, tecidos, entre outros (Dreher, 2008).

A partir deste breve panorama, verificamos que as "vendas" constituíam uma rede de intermediação de produtos locais, regionais, nacionais e importados. Eram ao mesmo tempo locais de armazenagem de produtos agrícolas e ponto de distribuição de mercadorias não produzidas na área colonial (Seyferth, 1974; Tedesco, 2000). Como neste trabalho propomos analisar também produtos industrializados, é necessário darmos atenção a este tipo de mercadoria. De acordo com Witt (2008, p. 285), "ao se comparar as mercadorias vendidas em cada estabelecimento comercial, percebe-se que as necessidades eram as mesmas: vestuário, medicação, alimentos não produzidos na colônia, como o sal, objetos e ferramentas para a lide diária". Para termos uma noção geral dos produtos industrializados que eram comercializados nas "vendas", recorrermos à crônica histórica de Adilar Signori, cujo pai era proprietário de uma casa comercial em Roca Sales/RS no período de 1940 até 1960:

> Os muitos produtos ofertados eram bem consideráveis. Citamos alguns, inclusive aquelas marcas antigas que não mais existem. Bacalhau da Noruega. Refrigerante de gasosa e laranjinha da Stringhini. Grapette da Aurora. Massas e bolachas da Coroa e Isabela. Todos os produtos "frescais" ou "molhados", como denominávamos (queijo, salame, copa, lingüiça, torresmo, mortadela, fiambre, alguns da marca Rola). Porcelanas da Schmidt de Blumenau (louças e bibelôs). Ferramentas (enxadas, pás, martelo, pregos). Plásticos e Oleados da Plavinil e Vulcan. Chapéus Ramenzoni. Tamancos e alpargatas. Artigos de vestuário (meias, cuecas, botões, elásticos, cintos). Máquina de costura Lada. Panelas e chaleiras de alumínio Royal. Material escolar. Tintas Tucano. Camisa social e esportiva marca Prata. Óleos e perfumes Gessy, Glastora, Palmolive, Gumex (Signori, 2009, p. 82-83).

Na maioria das "vendas" havia as fazendas (tecidos e vestuário), louças, tintas, ferragens (pregos, grampos para cerca e arame farpado liso), miudezas (botões, agulhas, alfinetes, linhas, sabonetes e elásticos) e os secos e molhados (aguardente, açúcar, carne seca, toucinho, sal, entre outros) (Goerck, 2005; Witt, 2008). Esta diversidade de produtos pode ser

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

verificada, no contexto que estamos abordando, em propagandas de casas comerciais do município de Estrela e dos distritos de Roca Sales, emancipado em 1954, e Corvo, emancipado em 1992, sendo renomeado para Colinas (Diniz; Toth, 1926; Diel, 1951; Perfil do Vale do Taquari, 2011).

Um dos produtos comercializados nas casas comerciais que merecem destaque neste trabalho, por serem a maioria na coleção de recipientes de vidro analisada, são os medicamentos (Rockenbach; Flores, 2000; Witt, 2008). A um primeiro olhar pode parecer estranho, mas as "vendas" eram locais de tradição neste tipo de comércio. Segundo Panzetti (2006, p. 39-40), "em todas as cidades do Brasil, desde os primeiros tempos da colonização, foi hábito dos comerciantes de secos e molhados negociarem com drogas e medicamentos, não só para uso humano como para tratamento dos animais domésticos". Müller (1981) afirma que as "vendas" das colônias alemãs também desempenhavam a função de farmácia e perfumaria. Esta relação, das casas comerciais funcionando também como farmácias, viria a mudar, no Brasil, somente a partir do início da década de 1930. Foi neste período que foi promulgado o decreto 20.931, de 11 de janeiro de 1932, que regulava o exercício da medicina e profissões correlatas, como a de farmacêutico (Weber, 2009). No entanto, o processo de restrição quanto à venda de medicamentos em estabelecimentos leigos, como as "vendas", deu-se de forma contínua, como podemos verificar pelos vestígios arqueológicos de diferentes décadas, e também pelas discussões que ainda cercam este tipo de comércio em armazéns, supermercados e bares, vigentes desde o início da década de 1970 no Brasil (Melo; Teixeira; Mânica, 2007).

Apesar da regulamentação da profissão de farmacêutico ter ocorrido na década de 1930, a existência de farmácias, no contexto abordado, nos remete às décadas anteriores do século XX. É interessante observarmos que neste período as farmácias estavam geralmente anexadas às clínicas médicas, sendo de propriedade da família, ou do próprio médico (Costa, 1922).

As farmácias do início do século XX geralmente preservavam características do século XIX, intimamente relacionadas às antigas boticas, que eram estabelecimentos onde os remédios eram preparados de forma artesanal, geralmente através de substâncias de origem vegetal, animal ou mineral (Edler, 2006). Na FIGURA 4 observamos que a farmácia do Dr. Emilio Welke conservava esta característica, principalmente através dos boiões e potes etiquetados, e dos instrumentos dispostos na bancada (Temporão, 1986). Além disso, os

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

espaços mostrados na imagem sugerem uma relação com as boticas, como a balaustrada que separava os fregueses, que tinham a opção de sentar-se enquanto esperavam o remédio ficar pronto, e do balcão-altar, onde era prestado atendimento (Edler, 2006). Mas isso não significa que medicamentos industrializados não fossem comercializados por estes estabelecimentos.



FIGURA 4 – Farmácia do médico Emilio Welke, em Estrela/RS.
Fonte: Costa, 1922, p. 372.

Na Farmácia de Arthur Buchmann (FIGURA 5), localizada em Estrela, verificamos que ela seguia uma configuração semelhante à Farmácia de Emilio Welke. Pelos recipientes dispostos nas prateleiras, provavelmente de princípios ativos utilizados no preparo de remédios, havia um forte vínculo com as boticas do século XIX. Além disso, podemos observar a introdução dos medicamentos industrializados neste tipo de estabelecimento como, no caso, a *Cafiaspirina* da Bayer. Sendo da família da *Aspirina*, é importante considerarmos que estes medicamentos foram as primeiras criações da indústria farmacêutica, em fins do século XIX (Barros, 2010).

Com o andar do breve século XX este tipo de formatação das farmácias, relacionadas às antigas boticas, viria a desaparecer. Em decorrência da industrialização crescente dos produtos farmacêuticos, principalmente a partir da década de 1940, e da pressa dos fregueses, por remédios já prontos, a existência deste tipo de estabelecimento tornou-se obsoleta (Barros, 2010; Edler, 2006). Isto abriria espaço para as farmácias e drogarias tais como conhecemos hoje.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)



FIGURA 5 – Farmácia de Arthur Buchmann, em Estrela/RS.
Fonte: Diniz; Toth, 1926, p. 133.

Ressaltar o papel das farmácias nos permite verificar os diferentes espaços em que os medicamentos poderiam ser adquiridos no contexto abordado. Nas décadas iniciais do século XX, no caso do município de Estrela/RS, não foram evidenciadas em nossa pesquisa farmácias em áreas rurais. Dessa forma, podemos sugerir que eram as casas comerciais que praticavam tal atividade no referido período. Como estamos trabalhando com vestígios arqueológicos coletados em uma "venda" localizada em Roca Sales, que até 1954 era distrito de Estrela, devemos considerar a fundação da Casa de Saúde Roca-Salense em 1925 que também poderia comercializar medicamentos (Diniz; Toth, 1926; Hessel, 1983). Somente na década de 1950 verificamos a existência de farmácias em Roca Sales, sendo uma delas a Farmácia Rocasalense, de propriedade de Atualvo P. de Athayde (Diel, 1951; Ferreira, 1959).

Em relação à totalidade das mercadorias que eram vendidas nas casas comerciais, no contexto abordado, verificamos que as redes de comércio, tanto de produtos coloniais quanto de produtos industrializados, se davam principalmente com estabelecimentos varejistas e atacadistas de Porto Alegre/RS (Ferreira, 1959; Dreher, 2008). Esta ligação, das colônias com a capital, já vinha ocorrendo desde o século XIX, sendo "igualmente importante no processo da industrialização, na medida em que propiciou a formação e acumulação de capital comercial" (Ahlert; Gedoz, 2001, p. 85).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Em muitos casos o próprio "vendeiro" percorria o trajeto até a capital para adquirir mercadorias, ou as comprava por intermédio dos caixeiros-viajantes, que representavam empresas de Porto Alegre (Amado, 2002). Weimer (2008, p. 88), que foi proprietário de casa comercial no Vale do Taquari em meados do século XX, relata tal situação, além de descrever o principal meio de transporte da época: "começamos a ser visitados por viajantes, dos quais compramos muita mercadoria. Também viajávamos seguidamente a Porto Alegre para abastecer nosso estoque, sempre por meio da navegação [...]".

A relação do transporte das mercadorias se dava de forma dinâmica. Apesar de a navegação ser o meio mais utilizado em longas distâncias, é preciso considerar a utilização das carroças no transporte interno, principalmente entre os armazéns dos portos e as casas comerciais, bem como dos caminhões, ônibus e trens, que se tornaram predominantes ao longo do século XX, tomando mercado do transporte fluvial (Goerck, 2005; Weimer, 2008; Witt, 2008).

3.4 De pai para filho: a casa comercial de Arnaldo Fensterseifer

Após reflexões sobre as casas comerciais em áreas de colonização e imigração alemã no Rio Grande do Sul e Vale do Taquari, abordadas de forma geral nos sub-capítulos anteriores, é necessário considerarmos alguns aspectos sobre o local onde a cultura material que centra este estudo foi coletada: a Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer, conhecida também como Salão Fensterseifer.

A construção que abrigava a referida casa comercial está situada na localidade de Fazenda Lohmann, pertencente ao atual município de Roca Sales/RS. No entanto, até o ano de 1954, esta área compreendia o 3º Distrito de Estrela/RS (Hessel, 1983; Perfil do Vale do Taquari, 2011).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

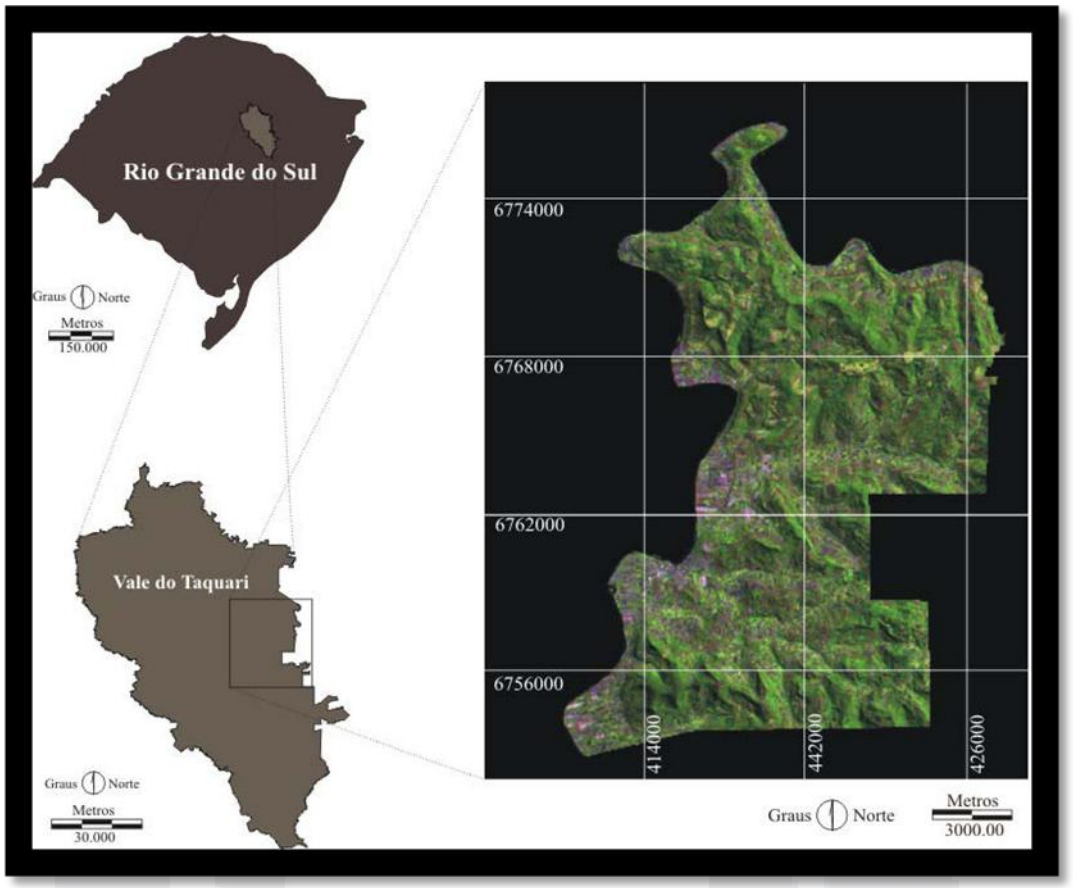


FIGURA 6 – Localização do município de Roca Sales/RS.
Fonte: Périco; Cemin; Rempel, 2005, p. 17.

A região em questão foi colonizada por grupos alemães na década de 1870, auge da imigração no Vale do Taquari/RS, em áreas que anteriormente pertenciam a Santos Pinto e Cláudio José Monteiro (Ahlert; Gedoz, 2001; Christillino, 2005; Menasche; Schmitz, 2009). Um dos primeiros colonizadores alemães de Fazenda Lohmann foi Cristiano Fensterseifer, pai de Arnaldo Fensterseifer (Ferri, 1998). Apesar de ter chegado antes de 1890, foi no ano de 1906 que Cristiano Fensterseifer estabeleceu uma casa comercial em Fazenda Lohmann (Diel, 1951; Hessel, 1983).

Em imagem da década de 1920 desta casa comercial (FIGURA 7), observamos a existência de grande sortimento de mercadorias, muitas delas já citadas neste capítulo, como as fazendas, no armário de fundos, e as ferragens, penduradas junto ao forro do teto. Esta imagem está presente no *Album commemorativo do cincoentenario do município de Estrella*, sendo provavelmente uma propaganda dos estabelecimentos daquele município que mais detinham capital econômico, ou simbólico. Na mesma página em que se encontra a imagem, há o seguinte texto: “casa de fazendas, louças, tintas, ferragens, miudezas, *seccos* e molhados,

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

etc., etc." (Diniz; Toth, 1926, p. 199). Portanto, a "venda" de Cristiano Fensterseifer, não fugia à regra das outras casas comerciais do período quanto as mercadorias comercializadas. Chama atenção os dois "etc." presentes no final do texto, que podem sugerir outros ramos de comércio, como o de medicamentos, de meios de transporte, entretenimento ou mesmo a compra e venda de produtos coloniais. No entanto, a FIGURA 7 nos revela outro aspecto. O homem no centro da imagem, de pé atrás do balcão, é Arnaldo Fensterseifer[1]. Por sua posição na imagem, provavelmente já auxiliava nos negócios do pai, vindo a tornar-se, anos depois, proprietário da casa comercial em estudo.



FIGURA 7 – Casa Comercial de Cristiano Fensterseifer.
Fonte: Diniz; Toth, 1926, p. 199.

Apesar da "venda" de Cristiano Fensterseifer ter sido estabelecida em Fazenda Lohmann, ela não é a mesma em que foram coletados os materiais arqueológicos em estudo; até porque não há mais vestígios daquela construção atualmente. A antiga casa comercial onde realizamos pesquisas foi construída por volta do ano de 1924, conforme placa de fundação ainda presente na fachada do "casarão", pelo também "vendeiro" Carlos Welp (Diniz; Toth, 1926). A FIGURA 8 ilustra o período em que Welp administrava a casa comercial.

[1] Arnaldo Fensterseifer foi identificado na FIGURA 7 por seu filho, Henrique Fensterseifer.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)



FIGURA 8 – *Casa Commercial Fazenda Lohmann*, de Carlos Welp.
Fonte: Diniz; Toth, 1926, p. 199.

Nas primeiras décadas do século XX houve um grande crescimento no número de casas comerciais estabelecidas em Estrela/RS. Cristiano Fensterseifer e Carlos Welp não foram casos isolados neste tipo de negócio. Segundo Costa (1922), em 1920 o município contava com mais de 150 casas comerciais. No 3º Distrito, Roca Sales, havia 19 casas comerciais, sendo que somente 4 estavam estabelecidas em sua sede. Este crescimento no número de casas comerciais pode ter diversas causas, como o incremento populacional e a progressiva abertura do mercado para o comércio dos excedentes agrícolas (Ahlert; Gedoz, 2001). Este último aspecto merece destaque, pois, como verificamos acima, a maioria das casas comerciais estavam localizadas em zonas rurais, o que facilitava as negociações com os agricultores, tornando-os além de fornecedores os principais clientes (Amado, 2002).

Em nossas pesquisas identificamos que Carlos Welp não atuou por muito tempo na *Casa Commercial Fazenda Lohmann*. Apesar de não termos precisado a data em que vendeu sua casa comercial para os Fensterseifer, é possível que este processo tenha ocorrido ainda na década de 1920. Apesar de termos realizado pesquisas no Cartório de Estrela[2] e nas Juntas

[2] Não obtivemos autorização para realizarmos pesquisas nos registros do Cartório de Roca Sales.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Comerciais de Porto Alegre, Estrela e Lajeado, não conseguimos identificar quando ocorreu a troca de proprietários da casa comercial em estudo, pois não foram evidenciados registros.

De acordo com os filhos de Arnaldo Fensterseifer, Henrique e Curt[3], a casa comercial foi comprada de Carlos Welp pelo avô deles, Cristiano Fensterseifer. Assim que foi comprada, a casa comercial passou a ser administrada por Arnaldo Fensterseifer, mas a data em que a transação ocorreu não soube ser precisada. Segundo Curt, o processo teria ocorrido quando seu pai teria 18 anos de idade. Como Arnaldo teve a referida idade entre 1922 e 1923[4], neste período a casa comercial, possivelmente, estava em construção, além de pertencer a Carlos Welp. Dessa forma, acreditamos que a cultura material em análise possa fornecer respostas em relação ao período de troca de proprietários da referida casa comercial no que tange uma cronologia de ocupação.

Apesar desta problemática, devemos salientar que, tanto no período em que pertenceu a Carlos Welp quanto no período em que pertenceu ou Arnaldo Fensterseifer, a casa comercial em estudo estava situada em um local privilegiado de Fazenda Lohmann. A ordenação espacial daquela comunidade estava baseada em uma réplica do padrão característico das aldeias camponesas na Alemanha, centrado no conjunto igreja – escola – casa comercial – salão de festas (Woortmann, 2000 *apud* Wedig; Menasche, 2009). Esta configuração confere um caráter simbólico à casa comercial citada, pois além de todas as atividades de uma "venda", ela concentrou as funções de escola, salão de baile[5], consultório médico, farmácia, fábrica de sabão, depósito de produtos coloniais e moradia para a família proprietária[6]. Machado; Lopes (2008) afirmam que na Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer também funcionou uma espécie de banco privado, onde o proprietário recolhia depósitos e emprestava valores aos clientes. É importante salientarmos que a Igreja Evangélica de Fazenda Lohmann foi construída no ano de 1925, um ano após a abertura da casa comercial por Carlos Welp (Diniz; Toth, 1926). Esta ordenação caracterizava uma

[3] Entrevista realizada em 01/09/2011 na serraria de Curt Fensterseifer em Fazenda Lohmann, Roca Sales, localizada ao lado da casa comercial em estudo. A entrevista foi breve, não durando mais do que 10 minutos. Devido à indisponibilidade de tempo dos entrevistados, até o momento não foi possível realizar um trabalho nos moldes da História Oral.

[4] Arnaldo Fensterseifer (20/12/1904 – 16/12/1980). Fonte: Cemitério Evangélico de Fazenda Lohmann.

[5] No período em que pertenceu à Arnaldo Fensterseifer, a casa comercial tinha como nome popular Salão Fensterseifer.

[6] Entrevista com Curt e Henrique Fensterseifer, realizada em 01/09/2011. Os períodos em que as referidas funções foram desempenhadas na casa comercial não souberam ser precisados pelos entrevistados.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

espécie de núcleo em Fazenda Lohmann, concentrando muitas das atividades desenvolvidas por aquela comunidade como, por exemplo, religiosas, comerciais e sociais (FIGURA 9).

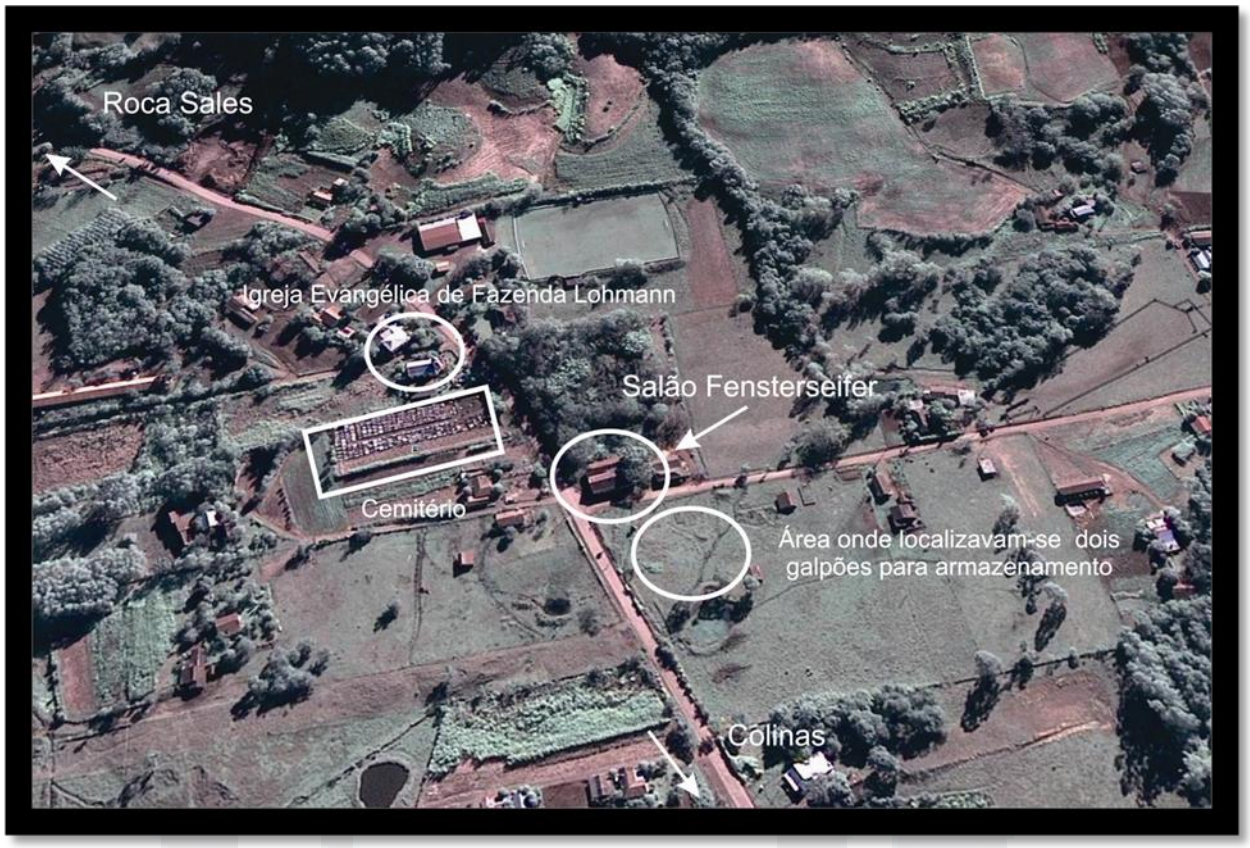


FIGURA 9 – Localização do Salão Fensterseifer e da Igreja Evangélica de Fazenda Lohmann, Roca Sales/RS.
Fonte: Adaptado por Marcos Rogério Kreutz a partir do *software Google Earth* (2011).

A maioria das funções acumuladas pela casa comercial em estudo, no período em que pertenceu a Arnaldo Fensterseifer, podem ser relacionadas às atividades desenvolvidas por outras "vendas" localizadas em áreas de colonização alemã no Rio Grande do Sul (Amado, 2002; Ahlert, 2005; Rockenbach; Flores, 2004; Seyferth, 1974; Sperb, 1987; Witt, 2008). Em relação aos produtos comercializados, como não tivemos acesso aos livros-caixa da referida casa comercial, não podemos precisar quais eram vendidos no estabelecimento, nem as suas especialidades. A pesquisa sobre este aspecto seria interessante, pois iria auxiliar na classificação da casa comercial de Arnaldo Fensterseifer no campo econômico. Segundo Tedesco (2000), havia as casas comerciais "fortes" e as "fracas", algumas especializadas na compra de suínos, outras só de cereais (milho e trigo) e outras negociavam de tudo (fazendas, secos e molhados, ferragens, calçados).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)



FIGURA 10 – Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer, em Fazenda Lohmann, Roca Sales/RS.
Fonte: Diel, 1951, p. 107.

A partir da FIGURA 10 podemos afirmar que Arnaldo Fensterseifer negociava de tudo em sua casa comercial. Esta propaganda, presente no livro do Jubileu de Diamante de Estrela (1951), destaca em primeiro lugar a continuidade do ramo comercial na família Fensterseifer, procurando estabelecer uma relação de confiança com o freguês. Além disso, observamos três características desta casa comercial: comercializava uma variedade de mercadorias, comprava e vendia produtos coloniais e funcionava como salão de baile. Se nos centrarmos no aspecto da "tradição", em relação à Casa Comercial de Cristiano Fensterseifer, veremos que ela vendia de tudo: fazendas, louças, tintas, ferragens, miudezas, secos e molhados (Diniz; Toth, 1926).

Como estamos trabalhando com o período em que a casa comercial em estudo pertenceu a Arnaldo Fensterseifer, é necessário discutirmos se ele era um vendedor "fraco" ou "forte" em Fazenda Lohmann (Tedesco, 2000). Inicialmente, para tal premissa, precisamos considerar que seu estabelecimento estava localizado na área central da comunidade, além de situar-se às margens da estrada geral no ponto que ligava o 3º ao 4º Distrito de Estrela, hoje os municípios de Roca Sales e Colinas. Além de todas as funções desempenhadas por sua casa comercial, conforme já foi citado, Arnaldo era proprietário de dois galpões que serviam para armazenagem de produtos coloniais que, apesar de terem sido demolidos, localizavam-se na

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

esquina paralela à casa comercial[7] (FIGURA 9). Além disso, comparando a FIGURA 8 e a FIGURA 10 verificamos que Arnaldo Fensterseifer realizou reformas na casa comercial, provavelmente entre as décadas de 1930 e 1940, aumentando sua estrutura (FIGURA 11; ANEXO A) . Em Arqueologia Histórica, este fator pode ser interpretado como elevação de capital econômico de determinada família ou indivíduo (Orser Jr., 1992).

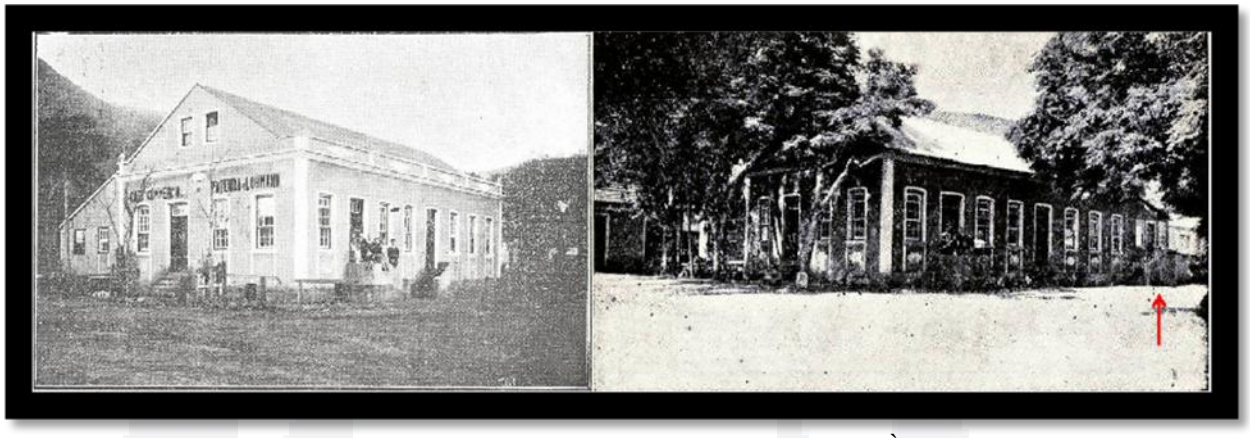


FIGURA 11 – Aumento na estrutura da Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer. À esquerda imagem da década de 1920, quando a casa comercial pertencia a Carlos Welp, e à direita imagem da década de 1950, quando a casa comercial já era de propriedade de Arnaldo Fensterseifer.
Fonte: Diniz; Toth, 1926, p. 199; Diel, 1951, p. 107.

Arnaldo Fensterseifer também era proprietário de meios de transporte. Segundo seus filhos, Curt e Henrique Fensterseifer, por volta da década de 1930, Arnaldo possuía um caminhão para transportar mercadorias até Estrela, e de lá carregar as que vinham de Porto Alegre. Em relação aos produtos industrializados vendidos na casa comercial de Arnaldo Fensterseifer, a maioria provinha de atacadistas de Porto Alegre, inclusive os medicamentos. É interessante salientarmos que a "farmácia" existente na casa comercial em estudo era administrada pela esposa de Arnaldo Fensterseifer, Asta Winkel Fensterseifer (12/12/1924–17/01/1991)[8]. Esta característica permite situarmos uma das identidades sociais das mulheres na casa comercial em estudo, bem como sua influência nas práticas de cura em Fazenda Lohmann (Freitas, 1998; Grützmann, 2008; Seyferth, 1974).

A partir dos dados supracitados, acreditamos que a Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer tenha sido uma "venda" "forte" e influente em Fazenda Lohmann. Esta afirmação pode ser corroborada também pelo seu período de funcionamento, atravessando os anos de crise das casas comerciais a partir da segunda metade do século XX (Seyferth, 1974;

[7] Entrevista com Curt e Henrique Fensterseifer, realizada em 01/09/2011.

[8] Entrevista com Curt e Henrique Fensterseifer, realizada em 01/09/2011.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Tedesco, 2000). Segundo Curt e Henrique Fensterseifer, a casa comercial de seus pais funcionou até fins da década de 1980, sendo administrada pela mãe, Asta Winkel Fensterseifer, após o falecimento do pai, Arnaldo Fensterseifer.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

4 VESTÍGIOS DO COTIDIANO: OS RECIPIENTES DE VIDRO DA CASA COMERCIAL DE ARNALDO FENSTERSEIFER

> [...] e que há de mais familiar, de mais cotidiano, do que aqueles gestos, aqueles objetos, aqueles usos que constituem a cultura material? (Pesez, 1998, p. 204 *apud* Netto; Souza, 2011, p. 65).

Após tratarmos das teorias que fundamentam a Arqueologia Histórica, bem como do contexto histórico das casas comerciais em áreas de imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul, procuraremos analisar neste capítulo a cultura material coletada na antiga Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer. Apesar da incidência de metais e louças na coleção arqueológica deste estudo, em número bastante reduzido, concentramos nossos esforços somente na análise dos recipientes de vidro, por representarem 91,30% do total de materiais arqueológicos coletados.

As análises desenvolvidas neste capítulo buscam caracterizar e contextualizar a cultura material coletada através de cronologias, possíveis em decorrência das marcas deixadas nos recipientes pelos métodos de confecção, da cor dos vidros, da comparação com anúncios de revistas, bibliografias especializadas, *sites* de laboratórios, bulas de medicamentos e das informações presentes nos rótulos dos vidros em estudo. Além disso, procuraremos tratar de aspectos relacionados às práticas de saúde na localidade de Fazenda Lohmann e das continuidades na fabricação, comercialização e uso de alguns medicamentos da coleção analisada.

4.1 O vidro como material arqueológico: reflexões sobre o contexto nacional

As pesquisas em Arqueologia Histórica no Brasil, principalmente a partir de década de 1990, concentraram-se no estudo das louças. As faianças e porcelanas, por serem freqüentemente encontradas em sítios arqueológicos históricos, receberam atenção especial dos pesquisadores. Como nos anos 1990 novas teorias arqueológicas adentraram no ambiente acadêmico brasileiro, como o processualismo e o pós-processualismo, os estudiosos elegeram a louça como o principal artefato que poderia ser utilizado para corroborar seus embasamentos teóricos (Lima, 2002c). Neste período houve grande quantidade de dissertações de mestrado cujo enfoque principal foi dado à louça (Motta, 1998; Ognibeni, 1998; Souza, 1998; Symanski, 1997). Esta característica perdurou nos anos 2000, como podemos verificar nas teses de doutorado de Machado (2004) e Tocchetto (2004).

Neste período, a ênfase no estudo das louças se deu em decorrência da teoria processual, em análises que objetivavam por verificar o modo pelo qual a variabilidade do *status* social era refletida arqueologicamente. Segundo Symanski (1996), um pressuposto básico da referida teoria é que o poder de compra do indivíduo estará refletido na qualidade do material encontrado no registro arqueológico. Dessa forma, como muitas louças tinham custo elevado, se encontradas em contexto arqueológico podem indicar se determinado grupo ou indivíduo era de classe abastada ou não. Este parece ter sido um aspecto esquecido pelos arqueólogos brasileiros em análises sobre outras categorias de artefatos, como os recipientes de vidro, principalmente os de medicamentos. Segundo Edler (2006, p. 83),

> o acesso aos produtos das farmácias, boticas e drogarias, muitos deles importados, eram quase sempre uma prerrogativa dos brancos ricos. Os setores subalternos, formados pela imensa população de pobres e escravos, contavam com remédios caseiros, fórmulas feitas com ervas nacionais e outros produtos recomendados ou administrados por curandeiros, mezinheiros, barbeiros e sangradores.

É importante salientarmos que Edler (2006) faz referência ao século XIX. Em relação aos recipientes de medicamentos evidenciados em contextos datados do século XX, esta premissa não deve considerada em análises. Principalmente a partir da segunda metade do século XX houve um movimento inverso, onde as classes subalternas começaram a procurar compulsivamente os medicamentos, enquanto nas classes mais abastadas o médico teve papel preponderante (Baudrillard, 1995). Como os artefatos de sítios arqueológicos históricos do século XIX são constantemente estudados no Brasil, analisar o *status* social de determinado grupo pelos recipientes de medicamentos seria um trabalho original e inédito.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Apesar de a louça ter sido o enfoque de muitos trabalhos acadêmicos em Arqueologia Histórica no Brasil, verificamos que alguns tratavam de um artefato que até então era encarado como pouco representativo em análises qualitativas: o vidro (Machado, 2004, Motta, 1998; Ognibeni, 1998, Symanski, 1997; Tocchetto, 2004). A falta de representatividade deste artefato para os arqueólogos brasileiros na década de 1990 pode ser verificada nas palavras de Symanski (1998, p. 75), quando analisou recipientes de remédios de um sítio histórico em Porto Alegre/RS: "o consumidor que comprou um vidro de remédio estava interessado no seu conteúdo, e não no recipiente. As peças de louça, por outro lado, foram compradas, na grande maioria das vezes, pelo produto em si". Apesar de Symanski (1998) reconhecer a importância dos vestígios vítreos para a Arqueologia Histórica, um fator não foi considerado por este autor: pensar o recipiente como parte do produto. Segundo França; Queluz (2010, p. 4), "o frasco não é um elemento isolado, mas sim um componente do produto, funcionando como um instrumento de comunicação e venda, ao interferir na qualidade percebida do conteúdo". Baudrillard (2004) partilha desta mesma idéia ao considerar que a virtude essencial do vidro vem a ser sua pureza, sua objetividade, a imensa conotação higiênica e profilática que faz dele o verdadeiro material do porvir.

Como vimos em Symanski (1998), na década de 1990 surgiu no Brasil uma inquietação por parte dos pesquisadores de Arqueologia Histórica em refletir sobre as potencialidades do vidro, que geralmente é o segundo artefato mais encontrado em sítios arqueológicos históricos no Brasil, depois da louça (Lima, 2002c). Neste período destacam-se os trabalhos de Zanettini (1998); Zanettini; Camargo (1999) e Lima (1996).

Na dissertação de mestrado de Zanettini (1998), em decorrência da grande quantidade de vidros provenientes das escavações da Calçada de Lorena, o autor fez o seguinte questionamento: "o que fazer com os vidros?" (Ibidem). Em um contexto onde as bibliografias especializadas no Brasil eram escassas, Zanettini (1998) foi um dos primeiros arqueólogos brasileiros que propuseram alternativas concisas de análise para os vestígios vítreos de sítios arqueológicos históricos, baseadas em aspectos cronológicos, evidenciados através dos métodos de confecção dos recipientes de vidro.

Seguindo esta mesma linha, Zanettini; Camargo (1999) aprofundaram questões sobre a datação de recipientes de vidro, além de fornecerem um histórico sobre a produção de vidros no contexto mundial e nacional. Esta publicação foi um marco na Arqueologia Histórica brasileira, pois até então as análises de recipientes de vidro, quando realizadas, eram baseadas

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

somente na literatura estrangeira. Esta era uma problemática que envolvia o estudo de vestígios vítreos no Brasil, pois, em muitos casos, considerava-se, em análises de recipientes brasileiros, períodos e técnicas de outros contextos que não o nacional (Symanski, 1998). Na falta de bibliografias especializadas no Brasil, muitos arqueólogos recorreram às fartas publicações norte-americanas e européias sobre os processos de confecção de recipientes de vidro que vinham crescendo desde a década de 1960 (Lima, 2002c). Ainda hoje é tentador recorrermos a estas bibliografias devido ao fácil acesso, como no *site* da *Society for Historical Archaeology* (SHA)[9], mas devemos estar cientes dos anacronismos que podem ser gerados.

Apesar da análise sobre os métodos de confecção de recipientes de vidro ser um excelente indicador cronológico (Santos, 2005), não podemos cometer o erro de acreditar que esta é a única informação que os vestígios vítreos podem fornecer. Ainda na década de 1990, Lima (1996) inaugurou uma linha de investigação em Arqueologia Histórica que primava por abordar, através da cultura material, práticas de saúde e higiene. Lima (1996) explorou o comportamento obsessivo da população no Rio de Janeiro oitocentista relacionado à descarga de fluídos corporais, indicado por frascos de laxantes, urinóis, escarradeiras e potes de rapé (Symanski, 2009). Symanski (1998) adotou método semelhante ao analisar a amostra de vidros do Solar Lopo Gonçalves, em Porto Alegre/RS.

No Rio Grande do Sul verificamos dois trabalhos relevantes de Arqueologia Histórica com enfoque nas práticas de saúde: as dissertações de Zeli T. Company (2006) e Daiane Brum Bitencourt (2011). As autoras analisam recipientes de medicamentos populares em diferentes contextos, a cidade do Bom Jesus/RS, de 1898 até 1927, e a cidade de Porto Alegre/RS, de 1776 até 1936, relacionando-os com doenças, cuidados com o corpo e com os vários "profissionais" da saúde existentes nos contextos abordados: benzedores, curandeiros, práticos, médicos, boticários e farmacêuticos. É interessante salientarmos que os recipientes de medicamentos foram pouco abordados pela Arqueologia Histórica no Brasil. Sendo as garrafas de bebidas mais comuns no registro arqueológico histórico, os pesquisadores focaram suas análises neste tipo de material, não expandindo o conhecimento sobre outras classes de artefatos (Lima, 2002c).

No entanto, em trabalhos cujo enfoque é dado às garrafas de bebidas, podem ser situadas contribuições para o estudo de outras classes de recipientes de vidro. Na dissertação

[9] www.sha.org.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

de mestrado de Santos (2005) há um importante referencial para análise de vestígios vítreos em sítios arqueológicos do século XIX. Além disso, este autor busca interpretar os significados vinculados à fabricação, apropriação e utilização de artefatos de vidro e grês relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas em sítios de unidades domésticas e lixeiras coletivas oitocentistas do município de Porto Alegre/RS. Em sua tese de doutorado, Santos (2009) explora o potencial interpretativo apresentado por inscrições e rótulos comerciais de produtos, como cervejas, refrigerantes e água minerais, em Porto Alegre entre 1875 a 1930. Com este enfoque, Santos (2009) destaca as mudanças no significado social de beber durante o período e as diferentes estratégias dos fabricantes na identificação das bebidas. Os objetivos propostos por Santos (2005; 2009), tanto em sua dissertação de mestrado quanto em sua tese de doutorado, podem ser direcionados para análise de outras classes de artefatos vítreos, contribuindo para reflexões não somente materiais, mas também simbólicas.

Assim como afirmamos no primeiro capítulo deste trabalho, que a Arqueologia no Brasil ainda está em processo de construção, a análise de recipientes de vidro em sítios arqueológicos históricos encontra-se neste mesmo patamar. Como podemos observar em alguns trabalhos publicados nas duas últimas décadas sobre vestígios vítreos, existe uma mudança contínua do "olhar" dos pesquisadores sobre estes artefatos. Se inicialmente os vidros eram analisados somente por um viés descritivo, ao longo da década de 1990 passaram a ser importantes indicadores cronológicos, além de reveladores de práticas e valores sociais (Santos, 2005; 2009).

4.2 Um local especial na Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer: o sótão

A coleção de recipientes de vidro analisadas neste trabalho provém do "casarão" onde funcionou a Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer, localizada em Fazenda Lohmann, no município de Roca Sales/RS, coordenadas 22J0414199 UTM6753328, altitude 59m (FIGURA 12). Atualmente o "casarão" está abandonado, o que se verifica desde o falecimento da esposa de Arnaldo Fensterseifer, Asta Winkel Fensterseifer (12/12/1924-17/01/1991). No entanto, os herdeiros ainda fazem pequenos reparos para conservar a construção, pois ela serve de depósito de madeiras da serraria de Curt Fensterseifer, filho de Arnaldo e Asta W. Fensterseifer. A referida serraria localiza-se ao lado da antiga casa comercial, estando em atividade desde o início da década de 1980. Este estabelecimento sempre foi administrado por Curt Fensterseifer. É interessante observarmos que há uma

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

tradição na vinculação de casas comerciais e serrarias desde o século XIX. Neste período, geralmente o "vendeiro" também era proprietário de serraria, mas não é o que se verifica neste caso. (Seyferth, 1974; Witt, 2008).

Os trabalhos arqueológicos realizados na antiga Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer iniciaram-se no ano de 2006, pelo Setor de Arqueologia/MCN do Centro Universitário Univates, coordenado pela Profª. Drª Neli T. G. Machado. Neste período estava sendo realizado um levantamento de sítios arqueológicos históricos nos municípios de Roca Sales/RS e Colinas/RS. Verificou-se nestes trabalhos o potencial arqueológico de construções que abrigaram casas comerciais, pois muitos artefatos localizados nestes locais ainda encontravam-se intactos e situados nos contextos onde foram originalmente descartados. Nesta etapa da pesquisa, além da Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer, destacou-se também o potencial do Salão Gräbin, localizado na Linha 31 de Outubro, em Colinas/RS, que ainda não recebeu a atenção "arqueológica" merecida.

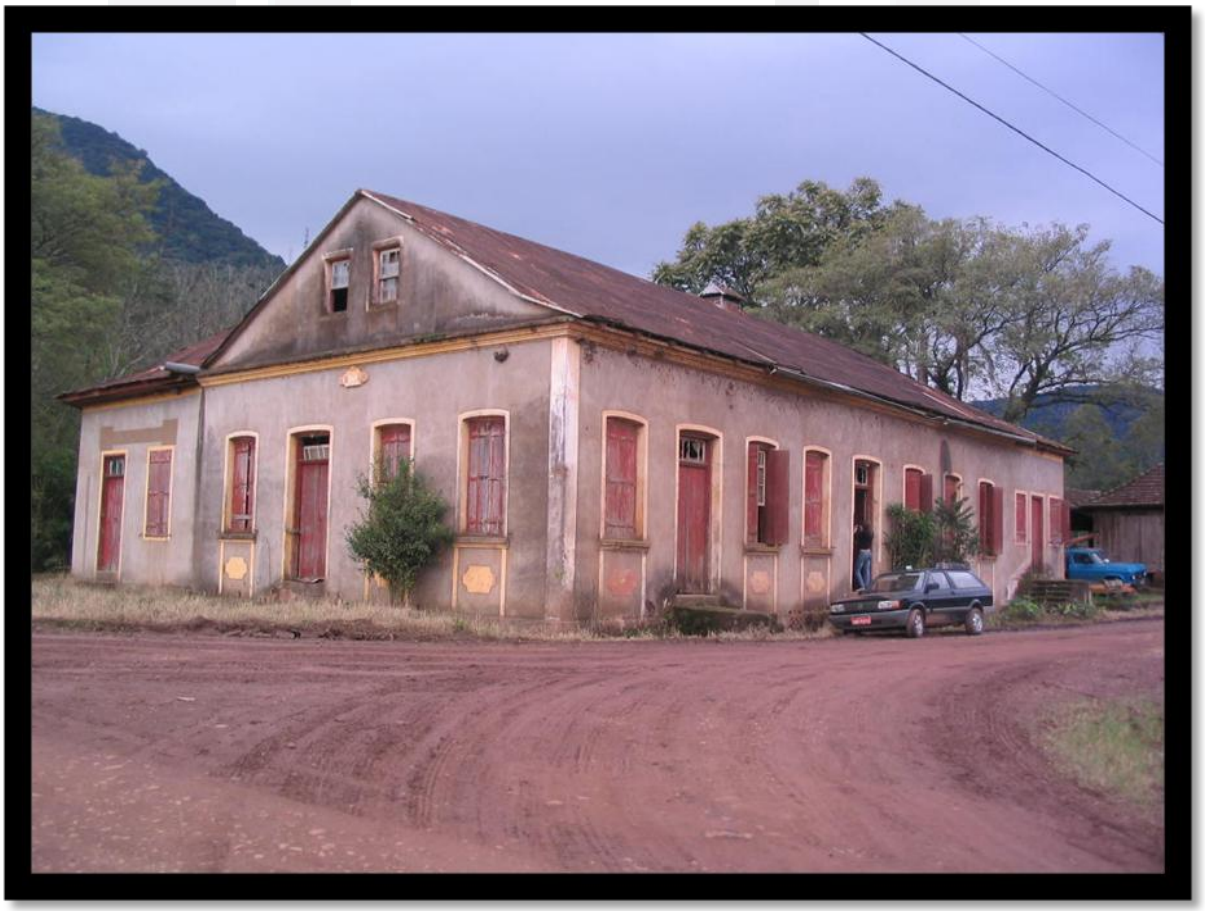


FIGURA 12 – Local onde funcionou a Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer, Fazenda Lohmann, Roca Sales/RS. À direita situa-se a Serraria de Curt Fensterseifer.
Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates (2008).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Apesar do levantamento arqueológico realizado em outubro de 2006, somente em agosto de 2007 a equipe do Setor de Arqueologia/MCN/Univates foi autorizada pelos herdeiros da antiga Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer a realizar uma pesquisa efetiva. Como haviam muitos materiais dispersos pelos cômodos do "casarão", recipientes de vidro, livros-caixa, recibos, notas fiscais, revistas, jornais, entre outros, os herdeiros optaram por realizar uma organização dos referidos espaços. A equipe do Setor de Arqueologia/ MCN/Univates teve autorização para coletar somente a cultura material, composta por 84 recipientes de vidro, 6 peças de louça e 2 metais. Tanto os metais quanto as louças não foram considerados no presente trabalho.

A coleta dos materiais arqueológicos foi realizada em um único dia, 15/08/2007, no local onde haviam sido originalmente descartados: o sótão da antiga Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer (ANEXO B). A coleta ocorreu de forma assistemática, porém todo o processo foi registrado através de imagens seqüenciadas (FIGURA 13).



FIGURA 13 – Coleta de materiais arqueológicos no sótão da antiga Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer pela equipe do Setor de Arqueologia/MCN/Univates.
Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates (2007).

Esta metodologia foi adotada em decorrência do pouco tempo disponibilizado para a pesquisa arqueológica no local, bem como pela falta de bibliografias em Arqueologia Histórica sobre análises distribucionais em espaços internos de unidades domésticas ou

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

comerciais. Provavelmente isto ocorra, pois as pesquisas em Arqueologia Histórica no Brasil geralmente abordam sítios do século XIX, onde era freqüente o descarte de lixo em áreas próximas das habitações, principalmente através de enterramentos (Tocchetto, 2004). Aliás, ainda não foram realizadas intervenções arqueológicas próximas à edificação onde a cultura material deste estudo foi coletada. A referida área apenas foi percorrida com o intuito de se evidenciar materiais arqueológicos em nível superficial do solo, porém tal método foi infrutífero.

Durante a coleta da cultura material pela equipe do Setor de Arqueologia/ MCN/Univates verificou-se que os recipientes de vidro não haviam sido organizados no sótão, diferentemente das revistas, jornais, livros-caixa, recibos e notas fiscais (FIGURA 13 e FIGURA 14). Provavelmente os recipientes de vidro não tinham, para quem os descartou, o mesmo valor simbólico dos outros materiais evidenciados no sótão. No entanto, é preciso considerar que os vidros foram "guardados" por algum motivo, talvez para reutilização dos recipientes. Neste caso, é preciso considerar também que os materiais presentes no sótão podem ter sofrido "arrumações" durante o passar dos anos, pois não estamos lidando com camadas estratigráficas, mas sim com um ambiente dinâmico, que sempre foi ocupado durante os anos em que a Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer funcionou e foi habitada.



FIGURA 14 – Recipientes de medicamentos dispostos no sótão da Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer antes da intervenção arqueológica.
Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates (2007).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Os recipientes de vidro do sótão da antiga Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer não podem merecer significação secundária no contexto arqueológico. De acordo com Schiffer (1972 *apud* Symanski, 2000), o material descartado em seu contexto original de uso é designado refugo primário. Este fator pode indicar a importância dos recipientes de vidro para os agentes que os descartaram, provavelmente por serem facilmente reutilizáveis. Além disso, é preciso considerar o ambiente onde a cultura material em estudo foi coletada: o sótão. Este ambiente revela outro comportamento em relação às práticas de descarte, onde as coisas materiais não são jogadas fora, como em uma lixeira, mas afastadas de seus ambientes usuais. Dessa forma, o sótão revela materiais que têm um significado especial para quem algum dia os utilizou (Machado, 2004).

Como estamos trabalhando com materiais arqueológicos provenientes de uma casa comercial, logo podemos pensar que faziam parte de seu estoque e eram direcionados somente para venda. Se considerarmos tal premissa, a afirmação de que os recipientes de vidro em estudo são caracterizados como refugo primário estaria errada, pois a casa comercial não seria seu local de uso, no caso dos frascos de medicamentos e cosméticos. No entanto, a Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer, além de armazém, depósito, entre outras funções, também era o local onde a família proprietária residia. Como os recipientes de vidro coletados estavam vazios, acreditamos que tenham sido consumidos pela família Fensterseifer. Devido à grande quantidade de recipientes de medicamentos e cosméticos na coleção analisada consideramos que, na maioria das vezes, estes produtos são consumidos na intimidade de cada lar. Somente dois recipientes da coleção estão cheios, sendo que um está sem rótulo e o outro é um medicamento de uso animal, o que pode indicar que os outros foram consumidos, principalmente se considerarmos que 89,28% dos recipientes da coleção em estudo estão inteiros. Apesar desta hipótese, devemos considerar que os recipientes de vidro, juntamente com seus conteúdos originais, eram vendidos na Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer.

Apesar de não termos obtido acesso aos livros-caixa da Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer para comprovarmos com precisão quais mercadorias eram vendidas, verificamos no segundo capítulo deste trabalho que o filho de Arnaldo Fensterseifer, Henrique Fensterseifer, afirmou que existia uma espécie de farmácia na casa comercial de seu pai. Verificamos também que os "vendeiros" comercializavam medicamentos, tanto de uso humano quanto animal, e cosméticos (Panzetti, 2006; Grützmann, 2008b). Estes produtos são a maioria na coleção analisada. Além disso, evidenciamos no balcão da antiga Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer resquícios da propaganda do medicamento *Sadol*, que até

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

os dias atuais continua sendo comercializado em farmácias (FIGURA 15). Portanto, os produtos da coleção de recipientes de vidro em análise poderiam ser consumidos tanto pela família proprietária da casa comercial quanto por outros moradores de Fazenda Lohmann e proximidades.



FIGURA 15 – Resquício da propaganda do medicamento *Sadol*, colada na parte inferior do balcão da antiga Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer.
Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates (2011).

4.3 Estabelecendo um método para análise dos recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer

Para a caracterização da cultura material coletada no sótão da antiga Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer fez-se necessário o estabelecimento de uma metodologia, que consistiu em três etapas. Como estamos trabalhando com vestígios vítreos, sob as premissas da Arqueologia Histórica, o primeiro passo analítico a ser dado, e sem o qual a investigação não avança, diz respeito à tecnologia de fabricação dos vidros. A análise deste fator pode fornecer elementos para uma cronologia, tanto dos recipientes quanto da ocupação de determinado sítio arqueológico. No entanto, é importante salientarmos que esta não é a única, nem a mais relevante, via de análise de recipientes de vidro (Lima, 2002c).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Nesta primeira etapa de análise nos baseamos somente em bibliografias de autores brasileiros. Como estamos trabalhando com uma maioria de produtos nacionais identificados (72,59%), as bibliografias estrangeiras, apesar de vastas, não se enquadram neste tipo de análise no que tange uma datação adequada dos vidros, apesar dos métodos de confecção dos recipientes serem semelhantes. Segundo Santos (2005), em fins do século XIX, enquanto o Brasil ainda confeccionava recipientes de vidro de forma manual, na América do Norte e na Europa a indústria vidreira já apresentava processos de automação. Estas técnicas, manuais, semi-automáticas ou automáticas deixam diferentes sinais nos recipientes de vidro, o que pode indicar períodos distintos de confecção. Portanto, em análises de vidros nacionais é pouco confiável adotarmos referências de autores que trabalham com contextos onde a tecnologia empregada na fabricação de vidros divergia da brasileira. De acordo com Zanettini (1998), salvo algumas manifestações no período colonial, a manufatura de vidros irrompe no Brasil em meados do século XIX, assumindo expressão somente no século XX.

Para a análise das tecnologias empregadas na fabricação dos recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer utilizamos três trabalhos: o artigo de Zanettini; Camargo (1999) e as dissertações de mestrado de Zanettini (1998) e Santos (2005). Nas três referências os autores consideram aspectos da indústria vidreira nacional, enquadrando-se com a coleção analisada neste trabalho. Como não evidenciamos vestígios arqueológicos anteriores ao século XX, abordaremos somente os métodos de confecção de recipientes de vidro deste período. Esta análise não prima por estabelecer datas precisas, mas apenas para situar a coleção analisada em seu contexto, além de fornecer dados sobre a situação das tecnologias empregadas na fabricação de recipientes vítreos em diferentes Estados brasileiros, dando um panorama sobre o desenvolvimento da indústria vidreira no contexto nacional.

Não procuramos fazer exaustivas classificações sobre as técnicas de fabricação dos recipientes analisados, apenas abordamos a relação dos métodos de confecção empregados. Dessa forma, baseados em Zanettini; Camargo (1999), dividimos o método de confecção em três categorias: manual, semi-automático/automático e automático. Esta classificação é possível somente pelas marcas de molde deixadas nos recipientes quando são confeccionados. As marcas de molde são produzidas quando uma pequena quantidade de vidro quente entra em contato e verte entre as extremidades ou emendas do molde (Santos, 2005). Para entendermos estes processos devemos considerar que o vidro

> é o resultado da fusão de diversas matérias-primas inorgânicas minerais, as quais depois de submetidas a um processo de resfriamento controlado, se transformam

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

> num material rígido, homogêneo, estável, inerte, amorfo e isótropo (possui propriedades idênticas em todas as direções). Sua principal característica é ser moldável a uma determinada temperatura, sem qualquer tipo de degradação (Jaime; Dantas, 2009, p. 13).

Dessa forma, para dar formato à massa vítrea, desde o final do século XVII os fabricantes vêm utilizando diferentes tipos de moldes que deixam marcas específicas ao longo dos recipientes. O método de confecção manual é um processo quase artesanal, que consiste na produção de um recipiente por meio de sopro da massa vítrea em um molde através da utilização de um tubo ou cana de soprar. Este processo é realizado pelo próprio artesão ou operário, sem o auxílio de máquinas. É comum os recipientes produzidos manualmente apresentarem assimetria, grande quantidade de vidro na base e bolhas. Na coleção analisada identificamos somente recipientes confeccionados de forma manual através de moldes de duas partes. Este molde vem sendo utilizado desde fins do século XIX no Brasil, e deixa marcado nos recipientes duas linhas verticais opostas, que correm da base em direção ao gargalo, porém não chegam até a extremidade do gargalo (FIGURA 16) (Zanettini, 1998; Zanettini; Camargo, 1999; Santos, 2005).

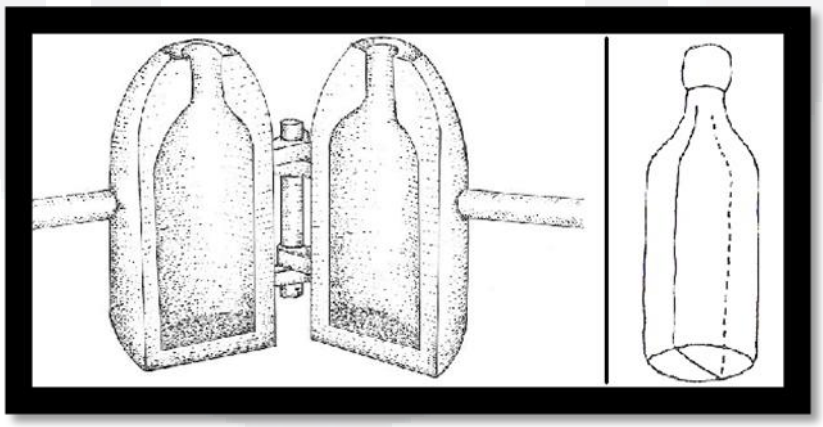


FIGURA 16 – da esquerda para direita: um dos tipos de molde de duas partes, e a marca deixada em recipientes confeccionados com este tipo de molde.
Fonte: <http://www.sha.org/bottle/hingemold.jpg>; Zanettini; Camargo, 1999, p. 11.

Os métodos de confecção semi-automáticos e automáticos deixam marcas semelhantes nos recipientes de vidro. A diferenciação entre estes processos se dá pela mão-de-obra e pelo maquinário empregado na produção. A grande diferença das máquinas semi-automáticas e automáticas é que as primeiras necessitavam que trabalhadores semi-especializados alimentassem as máquinas com massa vítrea, e as colocassem em movimento. Já as máquinas automáticas eram construídas sobre tanques de derretimento da massa vítrea e possuíam

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

mecanismos que dispensavam a alimentação manual. As máquinas semi-automáticas começaram a ser empregadas no Brasil por volta de 1906, na fábrica Santa Marina, no Estado de São Paulo. Já as máquinas automáticas fizeram-se presentes na produção vidreira nacional por volta de 1917, na fábrica Cisper, do Estado do Rio de Janeiro (Zanettini; Camargo, 1999; Santos, 2005).

Tanto o modo de confecção semi-automático quanto o automático deixam as seguintes marcas nos recipientes: uma ou duas linhas horizontais que contornam a junção do gargalo com o pescoço (extremidade abaixo do gargalo), marcas verticais que percorrem todo o recipiente e uma marca horizontal pouco acima da base do recipiente (FIGURA 17). A diferenciação destes métodos de confecção se dá somente através de catálogos de colecionadores ou de fabricantes. No entanto, em alguns, casos é possível perceber que as máquinas automáticas deixam cicatriz em formato circular na base do recipientes, ou um polígono pouco regular também na base do recipiente (Zanettini; Camargo, 1999). Esta problemática justifica a classificação semi-automático/automático em nossa análise quanto ao método de confecção dos recipientes. Além disso, é importante salientarmos que no caso do Brasil todas as técnicas de fabricação de recipientes de vidro, sejam elas manuais, semi-automáticas ou automáticas, ainda convivem em harmonia no momento presente. Dessa forma, todo o cuidado é pouco no que tange as análises tecnológicas de recipientes de vidro (Zanettini, 1998). Nesta etapa de análise ainda consideramos as cores dos recipientes de vidro que, apesar de possuírem pouca precisão em cronologias, podem auxiliar a situar o período em que foram confeccionados (Zanettini; Camargo, 1999).

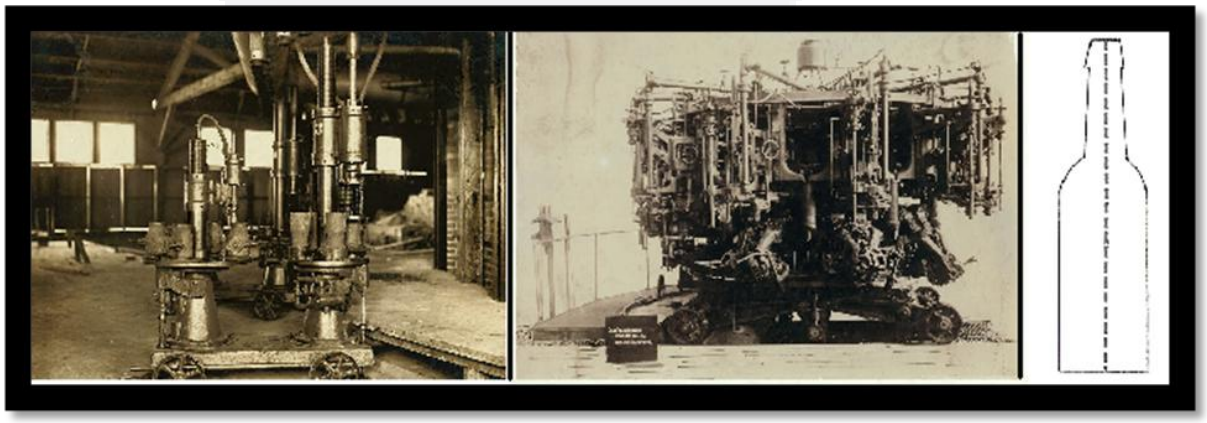


FIGURA 17 – da esquerda para direita: máquina semi-automática, automática, e marca principal deixada nos recipientes por ambos os processos de confecção.
Fonte: <http://www.sha.org/bottle/Glassmaking/ONeillmilkbottlemachine.jpg>; <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Ten_Arm_Owens_Automatic_Bottle_Machine.jpg>; Zanettini; Camargo, 1999, p. 11.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Em uma segunda etapa de análise buscamos problematizar as informações que constam nos rótulos dos vidros. Como estamos analisando uma coleção onde os recipientes ainda possuem rótulo – 69,04% entre rótulos inteiros e fragmentados – buscamos classificar os recipientes quanto ao conteúdo original que acondicionavam, nome/marca do produto e da empresa que o fabricou, bem como verificar possíveis datas presentes nos rótulos, como registro e validade do produto. A partir destes dados foi possível verificar quais produtos da coleção estão sendo comercializados atualmente. Em alguns casos, importantes dados históricos podem ser verificados em bulas atuais de medicamentos que têm tradição no mercado nacional, como registro inicial do produto e o início das atividades de determinado laboratório. Aliás, pesquisas em *sites* de laboratórios também podem fornecer históricos relevantes quanto ao período de funcionamento de determinada empresa ou comercialização de determinado medicamento.

Baseados em Zanettini (1998), Zanettini; Camargo (1999) e Santos (2005), e nas informações presentes nos rótulos dos recipientes da coleção analisada, criamos uma única ficha de análise para os recipientes em estudo através do *software Microsoft Office Excel 2007*. Nesta ficha estabelecemos os seguintes itens: a) número de inventário, b) método de confecção, c) conteúdo original do recipiente, d) empresa que fabricou o conteúdo original, e) cidade/UF/país da empresa que fabricou o conteúdo original, f) nome/marca do produto, g) empresa que fabricou o recipiente, h) cidade/UF/país da empresa que fabricou o recipiente, i) cor do recipiente, j) estado do artefato, k) estado do rótulo, l) datas presentes nos rótulos (DNSP/validade do produto/outros). É importante salientarmos que no item "l" a sigla DNSP refere-se ao Departamento Nacional de Saúde Pública, órgão competente no que tange o registro de medicamentos no Brasil desde o início da década de 1920, sendo substituído, após 1937, pelo DNS (Departamento Nacional de Saúde) (Lima; Fonseca; Hochman, 2005). A partir de fins da década de 1990 o órgão responsável pelo registro de medicamentos no Brasil passou a ser a ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) (Gava, 2005).

Em uma terceira etapa de análise dos recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer consideramos alguns aspectos relacionados às práticas de saúde em Fazenda Lohmann, através de casos específicos. Nesta etapa procuramos considerar aspectos já tratados por bibliografias especializadas que corroborem as análises propostas. Dessa forma, utilizamos os trabalhos de Lima (1996), Company (2006) e Bitencourt (2011), no que tange as propostas da medicina humoral, Company (2006) e Weber (2004; 2009) em relação aos discursos científicos no Rio Grande do Sul ao longo do século XX, além de relatos sobre

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

práticas de saúde em áreas de imigração e colonização alemã (Goerck, 2005; Müller, 1981; Weimer, 2008). Nas etapas de análise propostas neste trabalho buscamos ressaltar algumas potencialidades da coleção analisada, e não esgotar suas possibilidades interpretativas.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

4.4 Quantidades e qualidades: reflexões sobre os vestígios vítreos da Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer

A coleção de recipientes de vidro coletados na antiga Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer é composta por 84 peças, possuindo grande potencial para diferentes interpretações devido ao seu ótimo estado de conservação. A partir do número total da coleção, verificamos que 69,04% dos recipientes possuem rótulo, entre inteiros e fragmentados, e 89,28% dos recipientes apresentam sua estrutura intacta (FIGURA 18).



FIGURA 18 – Parte dos recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer.
Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates (2011).

A primeira etapa de análise consistiu-se na identificação do método de confecção dos recipientes. A partir do GRÁFICO 1 percebemos que a maioria dos recipientes da coleção analisada foi confeccionada pelo método semi-automático ou automático (64,28%), sendo que 52,38% são de produtos nacionais identificados, o que pode indicar o primeiro sinal concreto de que estamos trabalhando com recipientes posteriores à década de 1920.

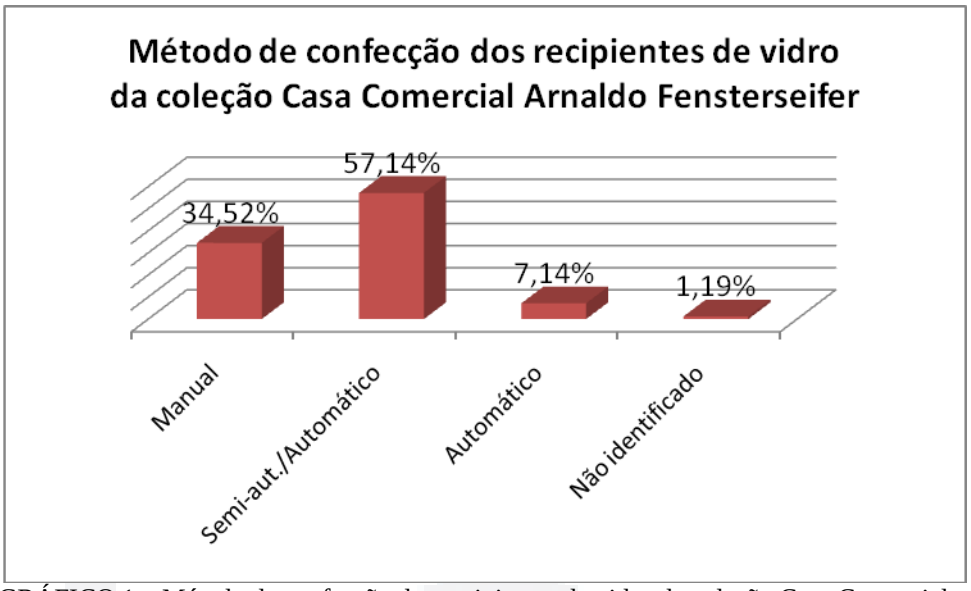


GRÁFICO 1 – Método de confecção dos recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer.
Fonte: elaborado pelo autor (2011).

Apesar de termos identificado somente três empresas vidreiras na coleção analisada, em número bastante reduzido, estamos refletindo sobre um contexto histórico em que a fabricação de vidros no Brasil já havia se consolidado (Zanettini, 1998). Dentre as marcas identificadas, em análise possível através das inscrições em relevo na base ou no corpo do recipiente, estão a Santa Marina, cuja marca nos recipientes é "S.M.", a Wheaton, cuja marca é o "W" e a Frascasil, cuja inscrição se dá pelo nome da empresa em extenso (GRÁFICO 2). Não identificamos referências que tratassem da Frascasil, apenas da Santa Marina e da Wheaton. Sobre estas duas últimas empresas é importante considerarmos que ambas têm origem no Estado de São Paulo, sendo que a Santa Marina iniciou suas atividades a partir de 1896, e a Wheaton a partir de 1952. Em relação à Santa Marina, verificamos que esta empresa passou a utilizar máquinas semi-automáticas em 1906, e as automáticas a partir de 1921 (Zanettini; Camargo, 1999; Santos, 2005). Todos recipientes cujos fabricantes identificamos foram confeccionados pelo método semi-automático ou automático.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

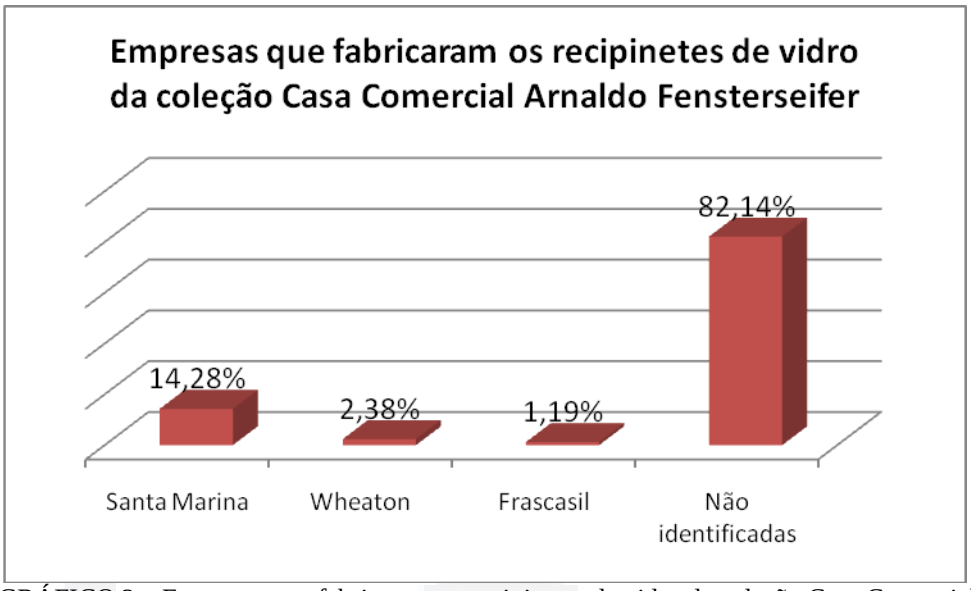


GRÁFICO 2 – Empresas que fabricaram os recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer.
Fonte: elaborado pelo autor (2011).

Como a indústria vidreira no Brasil passou a adotar tais métodos, o semi-automático e o automático somente nas décadas iniciais do século XX, já temos outro indicativo de que a coleção analisada situa-se neste contexto (GRÁFICOS 1 e 2) (Santos, 2005). No entanto, não podemos considerar que os vidros confeccionados pelo método manual sejam de um período anterior. Como já vimos em Zanettini (1998) há uma grande problemática em relação aos métodos de confecção de recipientes empregados pela indústria vidreira nacional, que de forma alguma podem ser classificados linearmente. Se tomarmos como exemplo o método manual, veremos que 19,04% dos recipientes confeccionados com este método são de produtos do Rio Grande do Sul, e somente 1,19% são de produtos de São Paulo. No entanto, se considerarmos o método semi-automático e automático, veremos que 20,92% dos recipientes são de produtos de São Paulo, enquanto 3,57% são de produtos do Rio Grande do Sul. Apesar dos dados referirem-se somente aos recipientes identificados, eles podem indicar uma disparidade no que tange a tecnologia empregada na fabricação de vidros em diferentes Estados do Brasil, cuja concentração de indústrias deu-se em São Paulo e no Rio de Janeiro. No Rio Grande do Sul não verificamos a existência de indústrias vidreiras de grande porte ou expressividade no cenário nacional (Zanettini, 1998; Zanettini; Camargo, 1999; Santos, 2005).

Outro aspecto considerado na classificação dos recipientes de vidro foi a cor. Apesar de ser um atributo de pouca confiabilidade quanto à delimitação de uma cronologia precisa,

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

pois são vários os fatores que podem influenciar na sua definição, como o nível de calor no forno, o tempo que a peça é re-aquecida, a quantidade de óxido de ferro na massa vítrea e o acréscimo de agentes colorantes ou descolorantes, no caso da coleção analisada percebemos uma maior incidência de cores relacionadas à fabricação de recipientes de vidro no século XX (GRÁFICO 3) (Zanettini; Camargo, 1999; Santos, 2005).

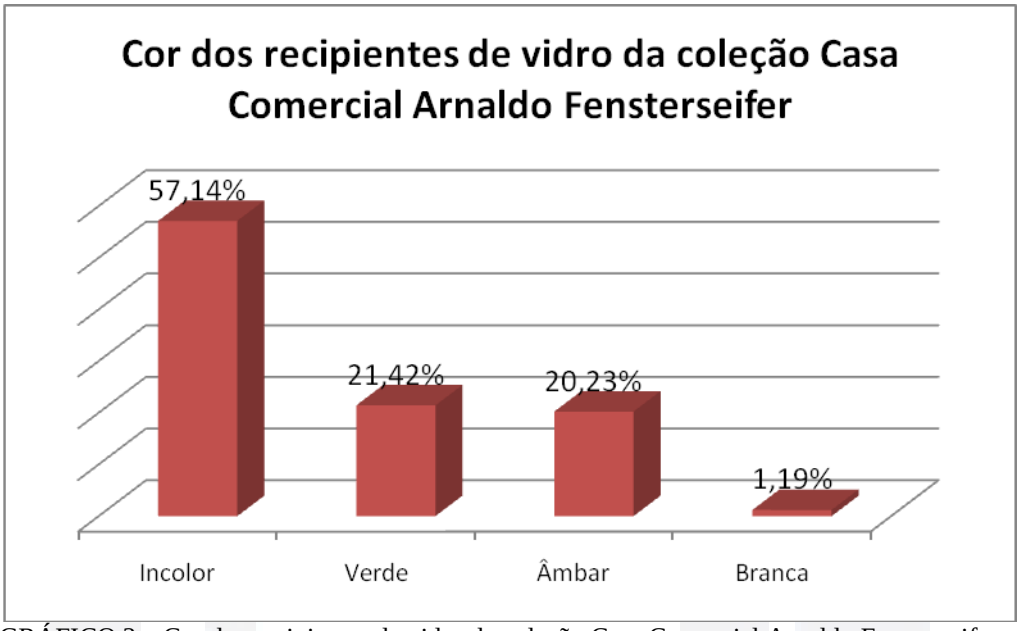


GRÁFICO 3 – Cor dos recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer.
Fonte: elaborado pelo autor (2011).

Os vidros incolores passaram a ser fabricados em fins do século XIX e início do século XX, ampliando a visualização total do produto, o que de certa forma garantia a qualidade e fidelidade daquilo que se estava consumindo. Apesar de serem utilizados em larga escala pela indústria alimentícia, os vidros translúcidos passaram a ser empregados também no acondicionamento de cosméticos e medicamentos (Zanettini; Camargo, 1999). No entanto, há casos em que os produtos não podem ficar expostos à luz solar, pois seu conteúdo pode ser alterado, não sendo possível a utilização de vidros incolores. Dessa forma, é imprescindível a adoção de recipientes coloridos que filtrem o máximo possível de luz. Neste caso, o vidro âmbar é o mais adequado, utilizado largamente na indústria de bebidas, e a partir de meados do século XX em praticamente todos os tipos de medicamentos (Zanettini; Camargo, 1999; Alves; et al., 2008). Na coleção analisada verificamos que dos 20,23% de vidros na cor âmbar, 19,04% são de medicamentos, dos quais 15,47% foram classificados pelo método semi-automático ou automático. A partir destes dados é possível afirmar que estes recipientes foram confeccionados em meados do século XX.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Antes de finalizarmos as análises iniciais, é necessário um parêntese. Voltando à questão dos métodos de confecção de recipientes de vidro, bem como à discussão proposta no início deste capítulo sobre considerarmos o frasco como parte do produto, verificamos um caso peculiar na coleção analisada. A partir de dois recipientes de um mesmo medicamento, o *Bálsamo Allemão de Nohascheck*, ambos confeccionados por método semi-automático ou automático, observamos diferenças em suas estruturas (FIGURA 19). Se nos ativermos somente à base destes recipientes veremos o quanto a tecnologia empregada na confecção dos vidros primou por um produto livre de imperfeições e cada vez mais simétrico, como se o recipiente fosse um dos sinais que desse credibilidade ao produto (França; Queluz, 2010).

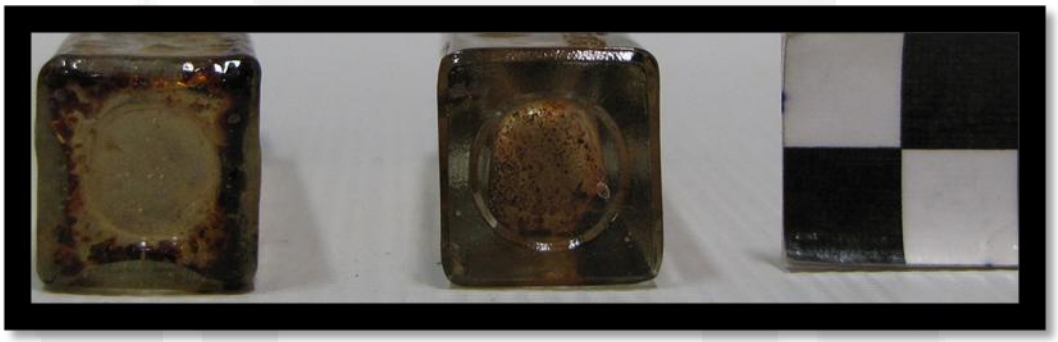


Figura 19 – Bases de dois recipientes do medicamento *Bálsamo Allemão de Nohascheck*.
Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates (2011).

Estas análises iniciais objetivaram por situar no tempo a coleção de recipientes de vidro da Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer. Apesar de não indicar datas precisas, verificamos que estes dados preliminares relacionam-se com o período de construção e funcionamento da casa comercial em estudo, não pertencendo a datas anteriores. Além disso, os referidos dados caracterizam os recipientes que não possuem rótulo nem inscrições, classificados como "não identificados".

Na segunda etapa de análises propostas para os vidros da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer buscamos inferir sobre alguns dados presentes nos rótulos dos recipientes. Inicialmente classificamos a coleção quanto ao conteúdo original dos frascos para identificarmos quais produtos estes contentores acondicionavam (GRÁFICO 4).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

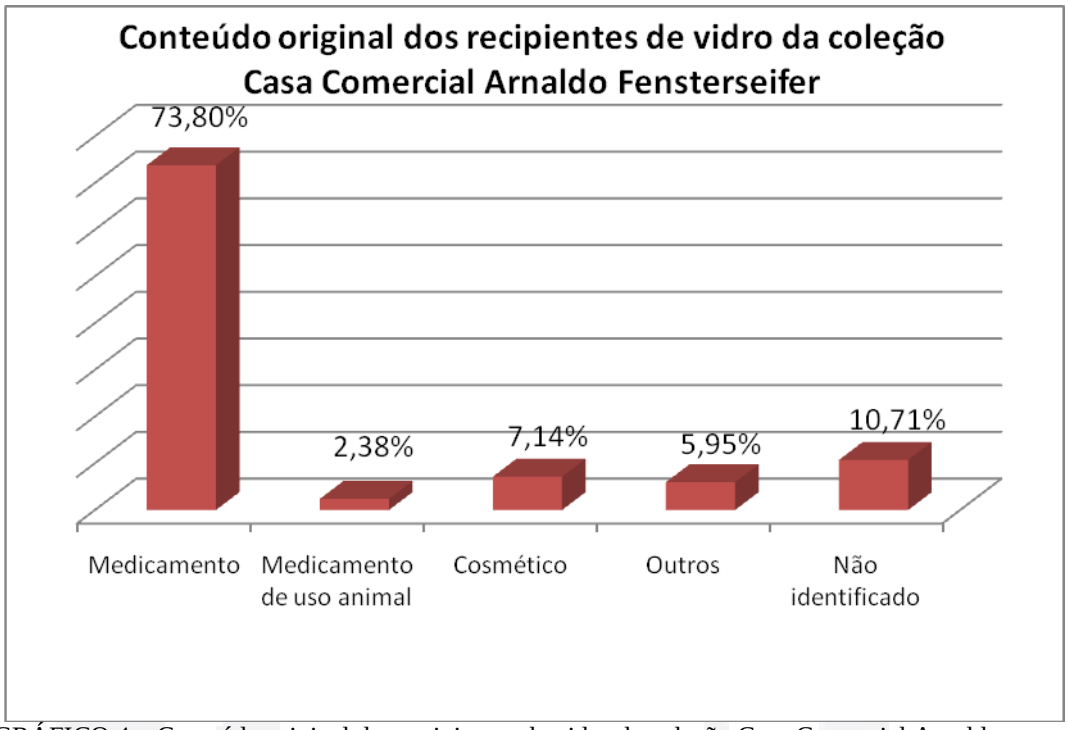


GRÁFICO 4 – Conteúdo original dos recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer.
Fonte: elaborado pelo autor (2011).

Verificamos uma grande quantidade de medicamentos na coleção analisada (73,80%) (ANEXO C), seguida de cosméticos (7,14%), que inclui frascos de perfumes e loções (ANEXO D), e medicamentos de uso animal (2,38%) (ANEXO E). Na classificação outros (5,95%), abarcamos recipientes de óleo lubrificante, goma arábica, tinta para tecidos e têmpera (ANEXO F). Estes produtos não dão uma noção da diversidade de mercadorias que poderiam ser comercializadas em uma casa comercial, porém, acreditamos que neste caso tenham sido consumidas pela família Fensterseifer, que residia no local. No entanto, não podemos descartar que estes produtos poderiam fazer parte de uma rede mais ampla de consumo em Fazenda Lohmann e arredores.

Ao analisarmos o GRÁFICO 4 é impossível não refletirmos sobre a quantidade de medicamentos coletados em relação aos outros produtos. Provavelmente eram consumidos em maior número, ou tinham um significado especial para quem os descartou no sótão da casa comercial. Se nos ativermos somente aos recipientes de medicamentos e cosméticos, em se tratando de um contexto que gira em torno do século XX, perceberemos a materialização de um discurso moderno de cuidados com o corpo. Estes cuidados estão relacionados ao controle dos odores corporais e a um esforço das pessoas em manterem a boa saúde; ou ao menos aparentarem que estão bem de saúde. É provável que o elevado número de recipientes de

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

medicamentos na coleção analisada reflita este quadro: de um século XX marcado por uma medicalização sem precedentes no Ocidente, onde as enfermidades foram muito mais diluídas do que eliminadas (Lima, 1996; Moulin, 2008).

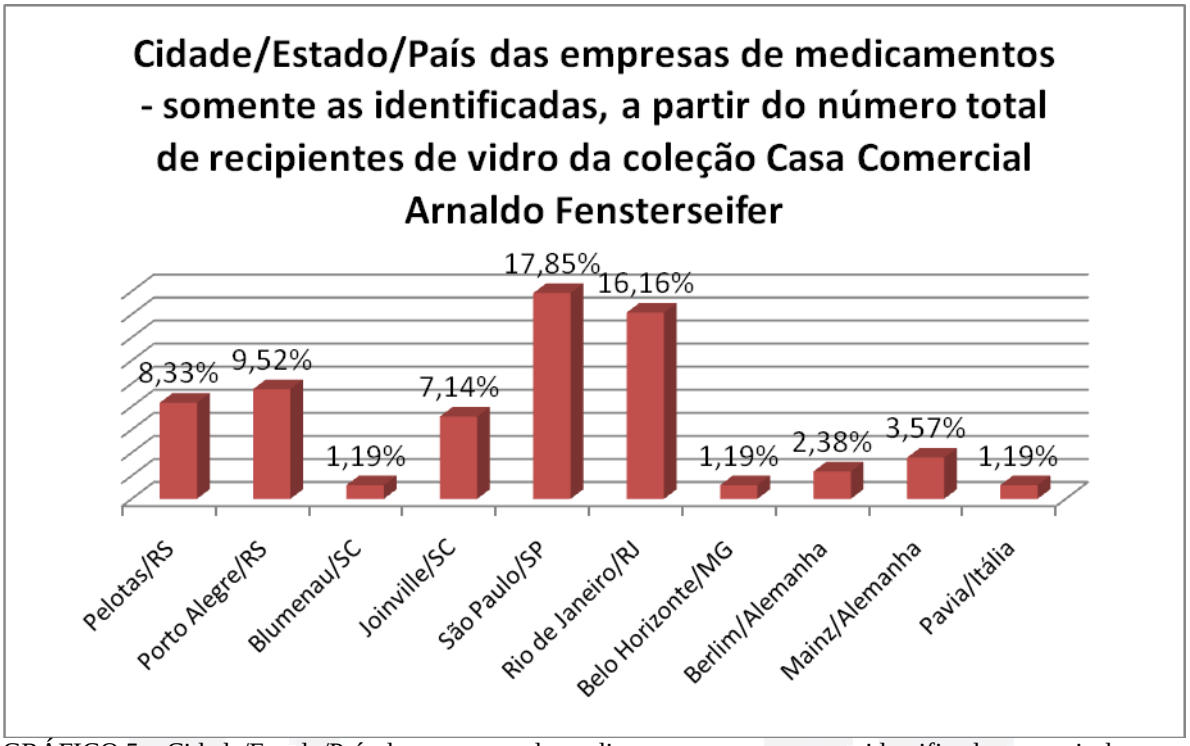


GRÁFICO 5 – Cidade/Estado/País das empresas de medicamentos – somente as identificadas, a partir do número total de recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer.
Fonte: elaborado pelo autor (2011).

Ainda em relação aos medicamentos da coleção analisada percebemos no GRÁFICO 5 que eles provinham de diferentes lugares do Brasil e do exterior, indicando uma vasta rede comercial já consolidada. Além disso, há uma grande quantidade de medicamentos originários da Região Sudeste (35,20%), o que pode indicar o crescimento e concentração da indústria farmacêutica nacional naquela região. Company (2006) corrobora esta hipótese ao afirmar que os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro foram se tornando o centro da indústria farmacêutica no Brasil novecentista. Produtos da região sul também se destacam em número (26,18%). Provavelmente isto ocorra devido à presença na coleção analisada de medicamentos populares produzidos no Sul do Brasil que ganharam notoriedade no cenário nacional ao longo do século XX, como o *Peitoral de Angico Pelotense*, o *Galenogal*, o *Bukru* e o *Renascim* (Bueno, 2008; Company, 2006).

Para estabelecermos um período aproximado de no que tange a fabricação e consumo das mercadorias que compõem a coleção de recipientes de vidro da Casa Comercial Arnaldo

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Fensterseifer, relacionamos as datas presentes nos rótulos dos recipientes com bibliografias, *sites* de laboratórios e bulas de medicamentos atuais. Observamos a presença de datas somente nos rótulos de recipientes de medicamentos, que se referem ao período em que os produtos foram registrados no DNSP ou em outro órgão que não identificamos. A única exceção diz respeito a um medicamento de uso animal, em cujo rótulo o ano de 1949 aparece como sendo o de vencimento do produto.

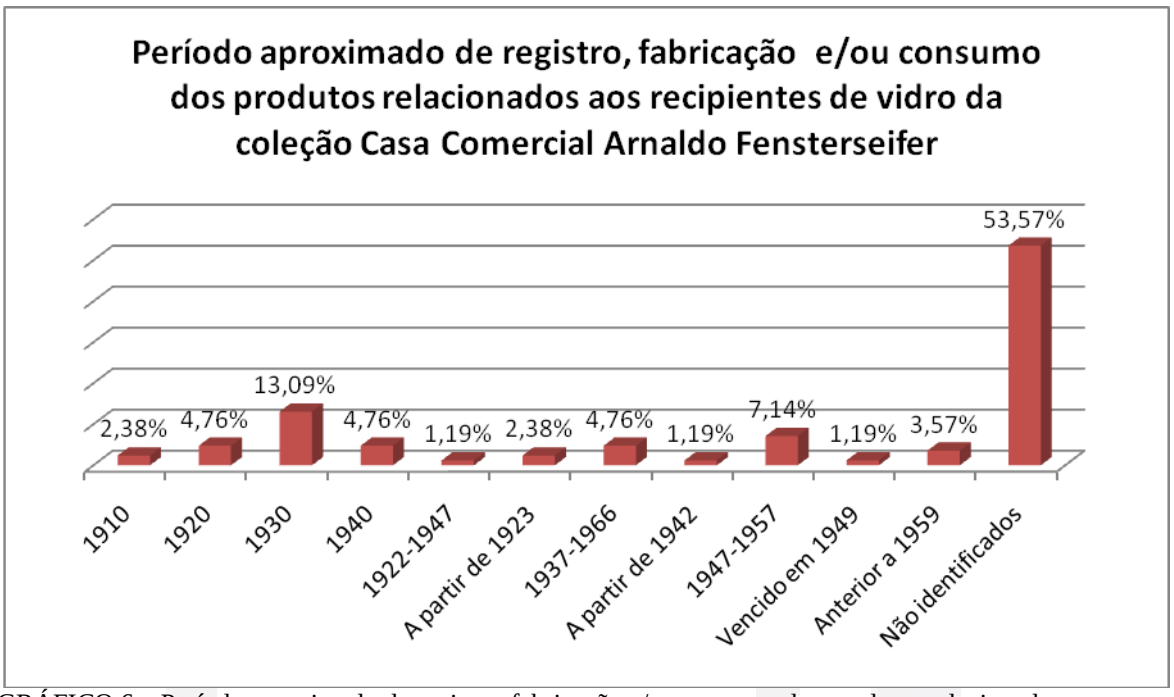


GRÁFICO 6 – Período aproximado de registro, fabricação e/ou consumo dos produtos relacionados aos recipientes de vidro da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer.
Fonte: elaborado pelo autor (2011).

Apesar da grande quantidade de recipientes não identificados (53,57%) na análise proposta pelo GRÁFICO 6, foi possível destacarmos períodos mais precisos de parte da cultura material analisada no que tange seu "ciclo de vida". Segundo Symanski (2000), no caso analisado, este ciclo compreende a manufatura, a aquisição, o uso, a manutenção e o descarte do recipiente que acondicionou o produto. É importante salientarmos que em determinados casos o recipiente poderia ser reutilizado para acondicionar outras substâncias.

As quatro classificações iniciais propostas no GRÁFICO 6, décadas de 1910, 1920, 1930 e 1940, se referem ao período em que os medicamentos foram registrados. Estas datas não indicam com precisão quando os produtos foram adquiridos ou consumidos, apenas ilustram o período quando passaram a ser produzidos. Em medicamentos que ainda são comercializados atualmente, como é o caso do *Bukru*, podemos extrair importantes

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

informações de suas atuais bulas. Apesar do rótulo do recipiente de *Bukru* que consta na coleção em análise não apresentar a data de seu registro, verificamos em sua bula atual que este medicamento começou a ser comercializado em 1923, sendo sempre de propriedade do Laboratório Kraemer, de Porto Alegre/RS (Bukru, 2010) (FIGURA 20). Dessa forma, o caso do medicamento *Bukru* gerou a classificação "a partir de 1923". O segundo recipiente deste medicamento presente na coleção em análise está quebrado, apresentando somente parte de sua estrutura. No entanto, percebemos que se trata de um recipiente semelhante ao outro, provavelmente sendo da mesma época.



FIGURA 20 – da esquerda para a direita: recipiente do medicamento *Bukru*, da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer, e recipiente atual do mesmo medicamento.
Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates (2011).

A classificação "1922-1947" se refere a 1 (um) recipiente do medicamento *Renascim*, quando era de propriedade do Laboratório Hinsch & CIA, de Blumenau/SC. A data de 1922 consta no rótulo do recipiente como sendo a de registro do medicamento, e a data de 1947 foi o ano em que o *Renascim* foi adquirido pelo Laboratório Catarinense Ltda., de Joinville/SC (INPI, 2011). Na coleção analisada identificamos 6 (seis) recipientes do medicamento *Renascim* do período em que já pertencia ao Laboratório Catarinense, gerando a classificação "1947-1957". Esta delimitação temporal foi possível, pois na tampa destes recipientes consta a denominação "L.C.L. A FONTE DA SAÚDE" (FIGURA 21). Acreditamos que a sigla

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

"L.C.L." se refira à Laboratório Catarinense Ltda., razão social que a empresa possuía de 1945 a 1957, quando passou a ser denominada Laboratório Catarinense S.A. (Laboratório Catarinense, 2011).



FIGURA 21 – Tampa de um dos recipientes do medicamento *Renascim*, da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer.
Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates (2011).

Os 4 (quatro) recipientes do medicamento *Neo-Iodamina* geraram a classificação "1937-1966". Conforme o rótulo destes medicamentos, sua data de registro no DNSP ocorreu no ano de 1937, sendo que o Laboratório Paulista de Biologia, fabricante da *Neo-Iodamina*, esteve em atividade de 1912 até 1966 (Uma indústria ..., 2000). No caso do recipiente do medicamento *Pílulas de Herva-de-bicho Compostas Imescard*, ainda à venda no mercado, a data de registro no DNSP, 14/03/1925, não foi suficiente para indicar uma cronologia adequada. No rótulo deste medicamento a razão social da empresa que o produziu é denominada Laboratórios Osório de Moraes LTDA., estabelecida somente no ano de 1942. Esta dado gerou a classificação "a partir de 1942" no GRÁFICO 6 (Histórico de ..., s.d.).

A classificação "anterior a 1959" se refere aos 3 (três) recipientes do medicamento *Bálsamo Allemão de Nohascheck* presentes na coleção analisada. Como este medicamento ainda é vendido no mercado brasileiro, foi possível identificarmos em sua bula atual que em 30 de novembro de 1959 o laboratório químico-farmacêutico D. A. Nohascheck, estabelecido em Mainz, na Alemanha, concedeu direitos exclusivos de fabricação e venda para o Laboratório Saúde Ltda., de Porto Alegre/RS; que continua sendo o detentor da propriedade

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

do *Bálsamo Allemão de Nohascheck* (Bálsamo Allemão ..., 2010). Como nos recipientes da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer não constam referências ao Laboratório Saúde, acreditamos que eles sejam do período em que eram fabricados pelo laboratório alemão D. A. Nohascheck. Outro indício que corrobora esta hipótese é a inscrição "D A N", de Daniel Adalbert Nohascheck, na tampa dos recipientes analisados.

A partir do GRÁFICO 6 identificamos que parte da coleção de recipientes de vidro analisada foi fabricada e/ou consumida em meados do século XX. Em relação aos recipientes classificados somente através da data de registro do conteúdo original, é provável que pertençam a períodos posteriores, como podemos observar no caso do medicamento *Pílulas de Herva-de-bicho Compostas Imescard*. Outra evidência que nos auxilia a situar a coleção analisada em meados do século XX é a presença pouco expressiva de produtos de empresas multinacionais. Isto reflete um período em que a indústria nacional, principalmente a de medicamentos, estava em alta. Segundo Panzetti (2006), a partir da década de 1950 há uma constante desnacionalização da produção de medicamentos no Brasil, acarretada pela defasagem tecnológica e pelo domínio do capital estrangeiro. Neste período inicia-se um aumento no número de empresas multinacionais e uma redução das empresas nacionais, em um processo que irá consolidar-se na década de 1980.

Em relação aos produtos farmacêuticos da coleção de recipientes de vidro analisada, é importante salientarmos que além do *Bukru*, do *Bálsamo Allemão de Nohascheck* e das *Pílulas de Herva-de-bicho Compostas Imescard*, já citados, ainda estão à venda no mercado brasileiro o *Galenogal*, o sal de frutas *Eno*, a Tintura de Iodo e o Óleo de Rícino. O *Renascim* também se encontra a venda atualmente, porém seu nome deu origem a dois novos medicamentos: o *Renascim Complement* e o *Renascim Cálcio 500D*. Estes dados evidenciam as continuidades que existem nas práticas de saúde em relação aos medicamentos, como o *Bálsamo Allemão de Nohascheck*, produzido deste o século XVIII, e o *Galenogal*, produzido desde fins do século XIX (Bálsamo Allemão ..., 2010; Company, 2006). Para compreendermos algumas dessas práticas de saúde em Fazenda Lohmann, no contexto identificado através da cultura material analisada, propomos o estudo de casos específicos relacionados a alguns medicamentos da coleção de recipientes de vidro da Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

4.4.1 As continuidades da medicina humoral em Fazenda Lohmann: *Galenogal, Oxan* e Óleo de Rícino

A medicina humoral, ou Teoria dos Humores, praticada na Grécia Antiga desde o século V a.C., consiste na procura por um equilíbrio dos líquidos corporais. Estando voltada para o reconhecimento de sintomas e não propriamente de enfermidades, na medicina humoral acredita-se que qualquer perturbação no estado de saúde de um indivíduo é decorrente de desequilíbrios nos fluídos corpo. Segundo esta premissa, o aparecimento de doenças pode ocorrer pela disfunção ou desordenamento dos humores corporais (Bitencourt, 2011; Company, 2006). Os humores básicos dividem-se em quatro: sangue, fleuma (catarro), bile amarela e bile negra (atrabile). De acordo com a medicina humoral, se qualquer um dos líquidos corporais não estiver balanceado, ou seja, em excesso, dificilmente se desfrutará de plena saúde (Lima, 1996).

A medicina humoral acredita que o desequilíbrio dos fluídos corporais é ocasionado tanto por fatores internos quanto externos. De acordo com a Teoria dos Humores, a própria "natureza" do indivíduo é capaz de eliminar os "líquidos" em excesso, bastando ao médico apenas auxiliar neste processo de restabelecimento da saúde, sem interferir em demasia (Lima, 1996). No entanto, se os enfermos não conseguirem expulsar os humores excessivos por meio natural, o expurgo dos fluídos corporais é realizado com a ação de medicamentos e/ou tratamentos especializados. Estes expurgos podem ser feitos pelas cavidades anal, bucal, nasal, vaginal e por orifícios menores, como a uretra e os poros, sendo que os principais medicamentos e procedimentos utilizados são os vomitivos, purgativos, sangrias, triaga, pedra de bezoar, ventosas, vesicatórios e clísteres (Bitencourt, 2011). Apesar da pouca confiabilidade nos dias atuais, a medicina humoral ainda é praticada, principalmente através dos purgativos e das sangrias (Lima, 1996). É interessante observarmos as continuidades da Teoria dos Humores, que se misturou até mesmo às novas ideologias da medicina científica nos séculos XIX e XX (Company, 2006).

Na coleção de recipientes de vidro analisada neste trabalho, identificamos três medicamentos associados à medicina humoral, o *Galenogal*, o *Oxan* e o Óleo de Rícino, corroborando a hipótese da sua continuidade no século XX (Company, 2006; Lima, 1996). Entendendo que os medicamentos da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer foram consumidos pela família proprietária do estabelecimento, mas que também faziam parte de

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

um contexto mais amplo no que tange as práticas de saúde, verificamos em Fazenda Lohmann, mesmo em meados do século XX, indícios das permanências da medicina humoral.

Em relação ao Óleo de Rícino, podemos afirmar que foi um medicamento muito popular no Brasil durante o século XIX. Neste período, de uma incipiente indústria farmacêutica, "a famosa triologia dos remédios, tanto nos núcleos do sul como nas fazendas paulistas, era composta de óleo de fígado de bacalhau para fortificar, sal amargo para o estômago e óleo de rícino como purgante" (Alvim, 1998, p. 267). Hessel (1983) afirma que na cidade de Estrela/RS em fins do século XIX os poucos produtos farmacêuticos comercializados eram as *Pílulas Bristol*, o Óleo de Rícino e a *Aspirina Bayer*. O óleo de rícino, ainda vendido no mercado nacional, auxilia nas descargas dos fluídos corporais pela cavidade anal, tendo efeito laxativo (Lima, 1996). No entanto, observamos que este medicamento passou a ser empregado também como emoliente da pele (Hemafarma, 2011).

Já o *Oxan* é um rapé medicinal fabricado pela *Bayer*, que não é mais comercializado atualmente. É importante esclarecer que o rapé é o tabaco em pó, sendo que seu uso era feito através de aspiração nasal. Em Lima (1996) verificamos que a utilização de rapé era muito comum no século XIX, sendo indicado para desobstruir as vias respiratórias, favorecendo a eliminação dos humores mucosos pela cavidade nasal. Por isso é associado à medicina humoral. O recipiente de *Oxan* da coleção analisada demonstra as permanências no uso do rapé, mas através de um produto industrializado (FIGURA 22).

No século XIX era comum acondicionar o tabaco em pó em pequenas caixas feitas de metais nobres, como ouro e prata, em porcelana, faiança fina, chifre, madeira, osso, etc., indicando que era utilizado pelas mais variadas classes sociais. No entanto, no decorrer do século XX, as novas ideologias higienistas não viram com "bons olhos" a utilização do rapé, sendo mais adequado neste contexto confinar os catarros no interior do corpo (Lima, 1996).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)



FIGURA 22 – Recipiente do rapé medicinal *Oxan*.
Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates (2011).

O outro medicamento da coleção analisada que foi associado à medicina humoral é o *Galenogal*. Sendo comercializado desde fins do século XIX até os dias atuais, com a fórmula original, o *Galenogal* é um medicamento fitoterápico indicado como antitérmico, anti-inflamatório e analgésico. No decorrer de sua longa história o *Galenogal* teve diferentes aplicações, sendo utilizado como depurativo do sangue, ou seja, para "limpar" suas impurezas, e também contra a sífilis. (Company, 2006; Galenogal, 2011). Segundo Company (2006, p. 186), "a questão da limpeza do sangue está fortemente ligada à Teoria dos Humores e aos cuidados com o corpo, sendo o sangue o mais comum dos humores extirpados (evidenciado pelo intenso uso da sangria, sanguessugas, etc.)". Em relação ao tratamento contra a sífilis, observamos uma mudança no discurso dos fabricantes deste medicamento. Em Company (2006, p. 185) há um anúncio de 1917 do *Almanach de Pelotas* em que o *Galenogal* é descrito como "o poderoso destruidor da *syphilis*". Já no rótulo dos recipientes deste medicamento da coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer, posteriores ao ano de 1935, observamos que o *Galenogal* passou a ser apenas um auxiliar no tratamento da sífilis (FIGURA 23).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)



FIGURA 23 – Recipientes do medicamento *Galenogal*.
Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates (2011).

Com o avanço da indústria farmacêutica, principalmente dos antibióticos na década de 1940, não foi reservado um lugar de destaque para o *Galenogal* no rol dos medicamentos. De "destruidor" de um mal social como a sífilis, o *Galenogal* passou a ser apenas um auxiliar em seu tratamento. Atualmente, a sífilis não é mais mencionada em sua bula. Aliás, o *Galenogal* continua sendo um "auxiliar", mas no tratamento de espinhas, cravos, furúnculos e demais afecções da pele (Barros, 2010; Company, 2006; Galenogal, 2011).

4.4.2 Práticas de saúde peculiares: o caso do *Bálsamo Allemão de Nohascheck*

Na análise dos recipientes de vidro coletados no sótão da Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer identificamos 3 (três) exemplares do medicamento *Bálsamo Allemão de Nohascheck*, provindos da Alemanha. Segundo Fike (1987 *apud* Bitencourt, 2011) os bálsamos são geralmente destinados a amenizar alguma dor ou crise, podendo ser utilizados para acalmar tosses e crises no aparelho respiratório, assim como dores musculares e reumáticas, doenças e feridas na pele, auxílio no fortalecimento dos cabelos, tendo uma

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

infinidade de indicações. Ao pesquisarmos relatos sobre o consumo de medicamentos em áreas de imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul durante o século XX, verificamos que a utilização do *Bálsamo Allemão de Nohascheck* era muito comum. No entanto, ao consultarmos a bula atual deste medicamento verificamos um caso peculiar em seu uso.

O *Bálsamo Allemão de Nohascheck*, também conhecido como *Mainzer Tropfen*, é utilizado em inalação como descongestionante das vias respiratórias ou externamente (topicamente) para o tratamento de nevralgias (dores nos nervos e suas ramificações). Como antisséptico nasal, o referido medicamento deve ser utilizado através da inalação dos vapores formados quando aplicado por via tópica na região do tórax (peito) (Bálsamo Allemão ..., 2010). A bula deste medicamento deixa bem claro que seu uso é tópico, porém, em tempos onde as informações sobre a utilização de fármacos eram escassas, como no século XIX e início do século XX, as pessoas consumiam o *Mainzer Tropfen* como bem entendiam.

A partir da bula atual do *Bálsamo Allemão de Nohascheck*, comparamos as indicações deste medicamento com relatos de pessoas que o utilizaram ao longo do século XX. O relato de Müller (1981, p. 40) é esclarecedor, indicando pouco conhecimento de como utilizar o *Mainzer Tropfen*:

> Outro elemento de largo uso na medicina caseira colonial eram os "Mainzetroppe", Bálsamo Alemão, gotas contra a tosse. Até o vidrinho em que vinha era inconfundível, pois era quadrado. O líquido era preto como café forte e tinha um cheiro característico que ficava na gente. No dia seguinte era comum ouvir-se alguém dizer "Haste Mainzetroppe genom?", tomaste gotas contra a tosse? Verdade seja dita que as tais gotas eram tiro-e-queda. Eram tomadas antes de ir para a cama. Num torrão de açúcar, a mãe, o pai ou um irmão mais velho pingava três ou quatro gotas e deixava-se derreter na boca, antes de engolir. Não havendo torrão, enchia-se uma colherinha com açúcar e fazia a mesma operação antes descrita.

Müller (1981) afirma que ingeria o medicamento para combater a tosse, utilizando açúcar para melhor administrar o gosto desagradável do *Bálsamo Allemão de Nohascheck*. Goerck (2005) também utilizava o *Mainzer Tropfen* desta forma, ingerindo-o junto a um torrão de açúcar, porém, com o objetivo de proteger-se contra as doenças transmissíveis. Já Weimer (2008) afirma que em sua família, ao menos uma vez por mês, todos tinham que tomar de duas a três gotas do *Mainzer Tropfen* para regular os intestinos. Weimer (2008) diz que o cheiro do *Bálsamo Allemão de Nohascheck* era muito desagradável, e seu gosto mais ainda, porém, junto ao açúcar ficava gostoso.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Através destes relatos observamos que era comum a ingestão de um medicamento de uso externo. Provavelmente em Fazenda Lohmann o *Mainzer Tropfen* era usado da mesma forma, e nas mais diversas situações, como Müller (1981) que o utilizava para combater tosses, Goerck (2005) que o utilizava contras as doenças transmissíveis e Weimer (2008) que o utilizava para regular os intestinos. Para compreendermos estas peculiaridades, Weber (2004) afirma que a maioria das pessoas não entende a química dos medicamentos, elas apenas utilizam a medicação que foi indicada sem saber como ela funciona, ou os problemas que pode acarretar. O caso do *Bálsamo Allemão de Nohascheck* nos remete às *artes de fazer* defendidas por Certeau (1994), onde as pessoas comuns se reapropriam das coisas, dando novos significados para elas, inventando e reinventando o cotidiano a seu jeito.

4.4.3 Um discurso de validação científica: o rótulo do medicamento *Peitoral de Angico Pelotense*

Os peitorais foram, durante boa parte do século XX, o tipo mais comum de medicamento indicado para as doenças que afetam o aparelho respiratório. Neste rol se inclui o *Peitoral de Angico Pelotense*, que foi um medicamento tradicional em praticamente todo o Brasil, desde o início do período novecentista (Company, 2006). No entanto, o que nos chama a atenção neste medicamento não diz respeito às suas indicações terapêuticas, nem as peculiaridades em seu uso, mas sim o discurso científico presente em seu rótulo.

Nos recipientes do *Peitoral de Angico Pelotense*, presentes na coleção Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer (FIGURA 24), verificamos que seu rótulo procurava destacar a imagem do seu criador, Domingos da Silva Pinto, bem como salientar que este era formado pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro e sócio de várias sociedades científicas. Segundo Company (2006), esta prática era comum em medicamentos do início do século XX, para dar validade científica ao produto. Este fato nos remete ao discurso de "modernização" que se consolidava no final do século XIX e na primeira metade do século XX, que pretendeu transferir para a ciência a crença na cura e no tratamento dos males que afligiam os corpos (Weber, 2004).

O discurso de modernização, na área da saúde no Brasil, em fins do século XIX e início do século XX, buscava combater o curandeirismo e as práticas desonestas da medicina, objetivando por conquistar espaço para os médicos, farmacêuticos, enfermeiros, entre outros,

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

habilitados através de formação acadêmica. Todas as práticas de saúde não vinculadas a estes profissionais eram vistas como "incivilizadas". Dessa forma, os curandeiros, benzedores, pajés, cirurgiões-barbeiros, boticários, entre outros, passaram a ser desqualificados ao longo do período novecentista, principalmente a partir da década de 1930 com o decreto 20.931, de 11 de janeiro de 1932. Este decreto regulamentava o exercício da medicina e demais profissões correlatas, sendo necessário, para as práticas de saúde, o profissional estar habilitado de acordo com as leis federais, tendo seu diploma registrado no Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) e na repartição sanitária estadual competente (Weber, 2009).



FIGURA 24 – Recipientes do medicamento *Peitoral de Angico Pelotense*.
Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates (2011).

Através da análise dos recipientes do *Peitoral de Angico Pelotense* verificamos em seu rótulo resquícios de um discurso de validação científica, onde a formação acadêmica do seu criador dava credibilidade ao medicamento. De uma forma geral, pela quantidade de recipientes de medicamentos da coleção analisada (73,80%), é possível afirmar que a Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer foi um dos espaços que difundiu, em Fazenda Lohmann, as práticas de saúde modernas através do comércio de medicamentos industrializados que, aos poucos, sobrepuseram-se aos artesanais, desqualificando-os (Magalhães; Gomes; Costa,

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

2009). Este discurso científico imposto no decorrer do século XX foi traçado com tanta nitidez em volta das pessoas que muitas acabaram submetendo-se aos padrões de comportamento exigidos, para não serem excluídas da vida social (Elias, 1994).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

4.4.4 Os vestígios arqueológicos não "dizem" tudo: sobre as permanências das práticas de saúde "não científicas" em áreas de imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul

Apesar do discurso científico no âmbito da saúde, imposto no Brasil em fins do século XIX e início do século XX, precisamos considerar as continuidades das práticas de cura anteriores a este processo. Não podemos cometer o erro de acreditar que práticas milenares de saúde desapareceriam com o discurso elitizado dos "doutores" (Witter, 2007). Apesar do contexto arqueológico estudado neste trabalho apresentar somente recipientes de medicamentos industrializados, já arraigados nos preceitos modernos, eles não refletem a totalidade das práticas de saúde em Fazenda Lohmann. Segundo Weber (2004, p. 177), "as práticas populares de cura permaneceram vivas e intensas, compartilhando o prestígio do espaço terapêutico e medicalizado das clínicas e hospitais de médicos-doutores".

A afirmação de Weber (2004) pode ser corroborada pelo trabalho de Scheeren (2010), que aborda aspectos da comunidade de Arroio do Ouro, em Estrela/RS, de 1860 até 2010. O interessante em Scheeren (2010) é observarmos seus relatos, como moradora de Arroio do Ouro, antes de pretensas análises históricas da autora. O seguinte relato é esclarecedor, evidenciando um contexto em que a medicina caseira, a medicina científica e a prática artesanal da confecção de medicamentos conviviam em um mesmo local:

> Quase tudo [relacionado a doenças] era resolvido com chás cujas ervas eram cultivadas no quintal; ou com pomadas que se compravam nas vendas, na farmácia ou até de ambulantes que as preparavam em suas casas e as vendiam em domicílio (Scheeren, 2010, p. 151).

Em relação aos embates entre médicos e "práticos" da saúde, observamos em Scheeren (2010, p. 134-135) a consolidação do discurso científico moderno, onde a formação acadêmica passou a ser sinônimo de credibilidade nas práticas de cura, desde que se tivesse recursos financeiros para tanto. Caso contrário, uma segunda opção era válida, podendo ser até mesmo um "não-doutor":

> Ali [em Arroio do Ouro], além da humilhação e da carência, sofreram outra grande dor [a família Scheeren], provavelmente causada pela pobreza que não lhes permitia o acesso a um tratamento médico adequado. Quando resolveram procurar um médico, uma senhora sugeriu que fossem a um curandeiro que havia na região (Scheeren, 2010, p. 134-135).

Em áreas de imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul, como é o caso deste estudo, verificamos que o curandeirismo fazia parte das práticas de cura de muitas pessoas. Estas práticas geralmente eram acompanhadas de pomadas, chás, rezas e benzeduras. Em relação às práticas desconhecidas pelos grupos alemães no Brasil, elas foram incorporadas às suas crenças, ao longo do tempo, através do contato com indígenas e africanos (Dreher, 2008c). Weimer (2008, p. 55) ilustra este conhecimento relacionado à medicina caseira:

> Desde pequeno, o colono aprendia qual o tipo de remédio caseiro indicado para cada doença e como usá-lo. Entre os chás, os mais usados eram os seguintes: marcela (dor de barriga), arnica (contusões e frieiras), camomila (cólicas, indigestão e gases), erva cidreira (males do estômago e calmante), losna (tônico amargo, digestivo e bílis), malva (inflamações na boca, gengivas, dentes, estômago), mastruz – falava-se "mischtruz" (dores musculares, contusões, sinusite), entre tantos outros.

Dessa forma, quando tratamos dos vestígios de determinado contexto arqueológico, devemos entender que eles não abrangem todos os comportamentos humanos, apesar de muitos deles estarem refletidos na cultura material. Quando trabalhamos com Arqueologia Histórica, apesar da cultura material ser o foco de estudo desta subdisciplina, não podemos abandonar, em momento algum, os documentos escritos, a informação oral, a arquitetura e o ambiente circundante (Motta, 1998; Najjar, 2005; Rede, 1996).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta monografia são muitas as dúvidas que persistem. As análises propostas neste trabalho não esgotaram o potencial interpretativo da coleção de recipientes de vidro da Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer. Há muitas informações que precisam ser verificadas e consideradas. Existe uma esfera do cotidiano que ainda não foi "lida" nestes recipientes de vidro. As pesquisas sobre a coleção arqueológica analisada nesta monografia não devem acabar por aqui. Precisa-se dar continuidade em seu estudo, para um melhor entendimento e compreensão de outros contextos nos abarcados neste trabalho, pois, não é comum termos acesso a uma coleção arqueológica em bom estado de conservação como a de recipientes de vidro da Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer.

Neste trabalho utilizamos a Arqueologia Histórica como campo disciplinar para dar sustentação científica na análise de uma coleção de recipientes de vidro. Verificamos que a Arqueologia Histórica é uma subdisciplina da Arqueologia que, na América, estuda o período Moderno. Em relação ao contexto nacional, a Arqueologia Histórica ainda está em processo de construção como ciência. No entanto, este fato não tira da referida subdisciplina suas fecundas vias de análise e interpretação da cultura material, que pode ser relacionada a inúmeras fontes. Além disso, através da cultura material, os estudos em Arqueologia Histórica podem trazer à tona grupos humanos e processos histórico-sociais que não foram tratados nos documentos oficiais.

Discutimos os marcos teóricos da Arqueologia Histórica: o histórico-culturalismo, o processualismo e o pós-processualismo. Procuramos ressaltar as contribuições destas teorias para a construção da Ciência Arqueológica, antes das críticas ferrenhas que são atribuídas a cada uma delas. Nesta monografia não nos orientamos por nenhum modelo teórico específico

da Arqueologia, pois acreditamos que todos surgiram através de um processo dialético, complementando-se ao final. Dessa forma, são perceptíveis neste trabalho influências de cada um dos modelos teóricos acima citados.

Como trabalhamos com materiais arqueológicos coletados em uma antiga casa comercial situada em uma área de colonização alemã, Fazenda Lohmann, Roca Sales/RS, procuramos tratar da importância que as "vendas" tiveram como porta de comunicação com as regiões centrais do Estado Rio Grande do Sul, além de fazerem parte dos processos de desenvolvimento econômico das localidades de imigração e colonização, desde fins do século XIX até meados do século XX. Ressaltamos a variedade de funções que eram exercidas nas casas comerciais de zonas interioranas, como estabelecimento de comércio, banco, salão de baile, botequim, depósito de produtos coloniais, farmácia, entre outros. Estes aspectos corroboraram a hipótese de que os materiais arqueológicos analisados neste estudo eram vendidos na Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer, quando ainda estavam inseridos em seu "ciclo de vida" e acondicionando seus conteúdos originais.

Destacamos que as casas comerciais eram um importante *locus* de sociabilidade nas áreas rurais. As "vendas", além de sua função comercial, também eram locais onde perpassava o cotidiano no interior. Era onde todos ficavam sabendo das últimas notícias, e da vida de cada um. Era onde os jovens se encontravam nos finais de semana, e onde aconteciam as mais importantes festividades nas "picadas". Este acúmulo de atividades rendeu ao comerciante e ao seu estabelecimento o acúmulo de capital simbólico. Todos acabavam se ligando, de alguma forma, ao "vendeiro". Ela era o sujeito mais bem informado no interior. Detinha o controle das transações comerciais com os colonos, dava sugestões quanto ao plantio, emprestava dinheiro, falava português, era alfabetizado, auxiliava nos trâmites burocráticos, fornecia meios modernos no tratamento das enfermidades, entre outros. Neste complexo bojo de relações não faltou espaço para a mulher. Como administradora das casas comerciais, como consumidora das fazendas e das perfumarias, ou mesmo como freqüentadora dos bailes e festividades, a mulher e suas mais variadas identidades sociais sempre estiveram presentes nas casas comerciais.

A Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer, além de armazém, depósito, farmácia, salão de baile, entre outras funções, também era o local onde a família proprietária residia. Suas funções não fugiam à regra em relação às demais casas comerciais do contexto abordado neste trabalho. Estes fatores nos auxiliaram a supor que principalmente os recipientes de

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

medicamentos e cosméticos da coleção analisada foram consumidos pela família Fensterseifer. Consideramos que estes produtos são utilizados na intimidade de cada lar, que no caso deste estudo era a própria casa comercial. No entanto, precisamos ressaltar que os recipientes de vidro analisados, juntamente com seus conteúdos originais, eram vendidos na Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer, fazendo parte do cotidiano de outros moradores de Fazenda Lohmann e proximidades.

A metodologia adotada nesta monografia procurou caracterizar e classificar a coleção de recipientes de vidro da Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer, bem como propor algumas interpretações desta cultura material. Inicialmente realizamos uma classificação que abarcasse toda a coleção, através de aspectos tecnológicos, e posteriormente restringimos a classificação aos recipientes que possuem rótulo, inscrições em relevo e/ou outras informações. Por fim, propomos interpretações da cultura material através de casos específicos, relacionados aos medicamentos. As cronologias estipuladas ao longo das análises dos vestígios vítreos situaram a coleção arqueológica Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer como pertencente à metade do século XX. A cultura material analisada não forneceu respostas precisas em relação ao período de troca de proprietários da casa comercial deste estudo, sendo necessária uma pesquisa mais criteriosa em documentos. Levando em consideração a datação dos materiais arqueológicos, o período das FIGURAS 8 e 10 e o relato de Henrique e Curt Fensterseifer, é possível afirmar que Arnaldo Fensterseifer comprou a casa comercial de Carlos Welp no decorrer da década de 1930.

Nesta monografia analisamos 84 recipientes de vidro, possuindo grande potencial para diferentes interpretações devido ao seu ótimo estado de conservação. A partir do número total da coleção, verificamos que 69,04% dos recipientes possuem rótulo, entre inteiros e fragmentados, e 89,28% dos recipientes apresentam sua estrutura intacta. A maioria dos recipientes da coleção analisada foi confeccionada pelo método semi-automático ou automático (64,28%), sendo que 52,38% são de produtos nacionais identificados. Verificamos que a tecnologia empregada na confecção dos recipientes de vidro primou, ao longo do século XX, por um produto livre de imperfeições e cada vez mais simétrico, como se o recipiente fosse um dos sinais de credibilidade do produto.

Evidenciamos uma grande quantidade de medicamentos na coleção analisada (73,80%), seguida de cosméticos (7,14%), que inclui frascos de perfumes e loções, e medicamentos de uso animal (2,38%). Se nos ativermos somente aos recipientes de

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

medicamentos e cosméticos, em se tratando de um contexto que gira em torno do século XX, perceberemos a materialização de um discurso moderno de cuidados com o corpo. Há grande quantidade de medicamentos originários da Região Sudeste (35,20%), o que pode indicar o crescimento e concentração da indústria farmacêutica nacional naquela região. Também existe a presença na coleção analisada de medicamentos populares produzidos no Sul do Brasil que ganharam notoriedade no cenário nacional ao longo do século XX, como o *Peitoral de Angico Pelotense*, o *Galenogal*, o *Bukru* e o *Renascim*. Além do *Bukru*, do *Bálsamo Allemão de Nohascheck* e das *Pílulas de Herva-de-bicho Compostas Imescard*, ainda estão à venda no mercado brasileiro o *Galenogal*, o sal de frutas *Eno*, a Tintura de Iodo e o Óleo de Rícino. O *Renascim* também se encontra a venda atualmente, porém seu nome deu origem a dois novos medicamentos: o *Renascim Complement* e o *Renascim Cálcio 500D*.

Através da interpretação de casos específicos relacionados aos medicamentos, verificamos em Fazenda Lohmann as continuidades da medicina humoral, ou Teoria dos Humores. Esta prática de saúde vem sendo difundida desde a antiguidade na Grécia, visando um equilíbrio dos fluídos corporais. Na coleção analisada evidenciamos os medicamentos *Galenogal*, *Oxan* e Óleo de Rícino, todos relacionados à medicina humoral, mesmo pertencentes ao contexto das ideologias científicas modernas. O *Galenogal* estava vinculado à limpeza do sangue, o mais comum entre todos os humores. O *Oxan* tinha como princípio a eliminação dos humores mucosos pela cavidade nasal. Já o Óleo de Rícino auxilia nas descargas dos fluídos corporais pela cavidade anal, tendo efeito laxativo.

O caso do *Bálsamo Allemão de Nohascheck* nos remeteu às *artes de fazer* defendidas por Certeau (1994), onde as pessoas comuns se reapropriam das coisas, dando novos significados para elas, inventando e reinventando o cotidiano a seu jeito. Apesar de ser um medicamento utilizado em inalação como descongestionante das vias respiratórias, ou externamente, para o tratamento de nevralgias, o *Bálsamo Allemão de Nohascheck* teve as mais diversas aplicações para os agentes que os utilizaram no decorrer de sua longa história. Através de relatos, verificamos que era comum a ingestão deste medicamento por via oral, junto a um torrão de açúcar, sendo utilizado contra tosses, para prevenir doenças transmissíveis e para garantir o bom funcionamento do intestino.

Através da análise dos recipientes do *Peitoral de Angico Pelotense* verificamos em seu rótulo resquícios de um discurso de validação científica, onde a formação profissional do seu criador dava credibilidade ao medicamento. Esta prática não estava isolada ao *Peitoral de*

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Angico Pelotense, sendo comum em rótulos, anúncios e propagandas de outros medicamentos. O rótulo do *Peitoral de Angico Pelotense* nos remete ao discurso de modernização, na área da saúde no Brasil, em fins do século XIX e início do século XX, que buscava conquistar espaço para os médicos, farmacêuticos, enfermeiros, entre outros, habilitados através de formação acadêmica. No período citado eram comuns as práticas de saúde exercidas por benzedores, curandeiros, práticos e boticários, estarem em intenso embate com a Academia.

Acreditamos que a Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer foi um dos espaços que difundiu, em Fazenda Lohmann, as práticas de saúde modernas através do comércio de medicamentos industrializados, bem como uma ideologia de higienização do corpo, vigente desde o século XIX, através dos recipientes de cosméticos. No entanto, verificamos que nem todas as práticas de saúde são evidentes através do registro arqueológico. Observamos que mesmo com o discurso moderno, de utilização de medicamentos industrializados, o curandeirismo fazia parte das práticas de saúde de muitas pessoas em áreas de imigração e colonização alemã no decorrer século XX. Estas práticas geralmente eram acompanhadas de pomadas, chás, rezas e benzeduras.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

REFERÊNCIAS

ALVES, Rosa Maria Vercelino; et al. Embalagens plásticas e de vidro para produtos farmacêuticos: avaliação das propriedades de barreiras à luz. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 167-178, 2008. Disponível em: <http://www.fcfar.unesp.br/revista_pdfs/vol29n2/trab31.pdf>. Acesso em: 19 out. 2011.

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres no campo. In: NOVAIS, Fernando A. (org. geral); SEVCENKO, Nicolau (org. do volume). **História da vida privada no Brasil:** República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 215-288. v. 3.

AMADO, Janaína. **A revolta dos Mucker**. 2. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

AHLERT, Lucildo; GEDOZ, Sirlei Teresinha. Povoamento e desenvolvimento econômico na região do Vale do Taquari, RS – 1822 a 1930. **Estudo & Debate**, Lajeado, v. 8, n. 1, p. 49-91, 2001.

AHLERT, Lucildo. A colonização privada no Vale do Taquari em meados do século XIX e a vinda de westfalianos para a colônia de Teutônia. In: ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio (orgs.). **História, cultura e memória:** 180 anos de imigração alemã. São Leopoldo: Oikos, 2005. p. 77-87.

ARQUEOLOGIA Histórica Missioneira. **Programa de Pesquisas Interdisciplinares da Região Platina Oriental (PROPRATA)**. 2011. Disponível em: <http://www.proprata.com/arqueologia-historica-missioneira>. Acesso em: 31 out. 2011.

BÁLSAMO Allemão de Nohascheck: bálsamo. Responsável técnico: CROSSETTI, Fábio Pinto. Porto Alegre: Laboratório Saúde, 2010. 1 bula de medicamento.

BARROS, Helena M. T. 1968 a 2008: 40 anos de história recente dos medicamentos. In: GUILHERMANO, Luiz G.; SCHWARTSMANN, Leonor C. B.; SERRES, Juliane C. P.; LOPES, Maria H. I. (orgs.). **Páginas da história da medicina**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 54-64.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

_____, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BERGESCH, Herbert. **A virada do milênio:** história e memória. Lajeado: Grafocem Impressos Gráficos, 2003. v. 2.

BITENCOURT, Daiane Brum. **Para sua saúde e vigor:** práticas de cura e medicamentos populares em Porto Alegre (1776-1936). 2011. 152 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3380>. Acesso em: 02 nov. 2011.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo:** séculos XV-XVIII. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BUENO, Eduardo. **Vendendo saúde:** história da propaganda de medicamentos no Brasil. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008. Disponível em: <http://www.anvisa .gov.br/propaganda/vendendo_saude.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2011.

BUKRU: Xarope. Responsável técnico: BERGOLD, A. M. Porto Alegre: Laboratório Kraemer, 2010. 1 bula de medicamento.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2002.

_____, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano:** 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHRISTILLINO, Cristiano Luís. A imigração alemã no vale do Taquari: empresários empreendedores e uma elite estagnada. In: ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio (orgs.). **História, cultura e memória:** 180 anos de imigração alemã. São Leopoldo: Oikos, 2005. p. 308-317.

COMPANY, Zeli T. **Os salvadores das garras da morte:** medicamentos populares, medicina humoral em Bom Jesus/RS (1898-1927). 2006. 257 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: < http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=205>. Acesso em: 25 jul. 2011.

COSTA, Alfredo R. da. (org.). **O Rio Grande do Sul:** completo estudo sobre o Estado. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922. v. 1.

DIEL, Arnaldo J. (org.). **Jubileu Diamante Estrela:** 20 de maio: 1876-1951. Estrela: Manufatora Estrelense, 1951.

DINIZ, Aquiles Guerra; TOTH, Eugênio. **Album commemorativo do cincoentenario do município de Estrella**. [S.I.: s.n.], 1926.

DREHER, Martin N. Os 180 anos da imigração alemã. In: ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio (orgs.). **História, cultura e memória:** 180 anos de imigração alemã. São Leopoldo: Oikos, 2005. p. 11-31.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

_____, Martin Norberto. Redes de comércio. In: GRÜTZMANN, Imgart; DREHER, Martin Norberto; FELDENS, Jorge Augusto. **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Oikos: Unisinos, 2008. p. 46.

_____, Martin Norberto. Meios de transporte. In: GRÜTZMANN, Imgart; DREHER, Martin Norberto; FELDENS, Jorge Augusto. **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Oikos: Unisinos, 2008b. p. 50.

_____, Martin Norberto. Espaços e formas de cura. In: GRÜTZMANN, Imgart; DREHER, Martin Norberto; FELDENS, Jorge Augusto. **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Oikos: Unisinos, 2008c. p. 92.

EDLER, Flávio Coelho. **Boticas e pharmacias:** uma história ilustrada da farmácia no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FERREIRA, Jurandyr Pires (org.). **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. v. 34.

FERRI, Genuino Antonio. **Roca Sales:** cidade da amizade. Lajeado: Ed. Lajeadense, 1998.

FRANÇA, Maureen Schaefer; QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. Fragrâncias e transparências: gênero e tecnologia no design dos frascos de perfume. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E GÊNERO, 8., 2010, Curitiba. **Anais do VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero**. Curitiba: UTFPR, 2010. p. 1-11. Disponível em: <http://www.ppgte.ct.utfpr.edu.br/eventos/cictg/conteudo_cd/E10Fragr%C3%A2ncias_e_Transpr%C3%AAncias,pdf>. Acesso em: 13 jul. 2011.

FREITAS, Luciana S. Cultura material, prática arqueológica e gênero: um estudo de caso. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu (org.). **Arqueologia histórica e cultura material**. Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998. p. 275-317.

FUNARI, Pedro Paulo A. O amadurecimento de uma Arqueologia Histórica Mundial. **Revista de História**, São Paulo, n. 135, p. 163-168, dez. 1996. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034- 830919960002 00010&lng=PT&nrm=iso>. Acesso em: 13 ago. 2011.

_____, Pedro Paulo A. Arqueologia, História e Arqueologia Histórica no contexto sul-americano. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu (org.). **Arqueologia histórica e cultura material**. Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998. p. 7-34.

_____, Pedro Paulo A. A arqueologia histórica em uma perspectiva mundial. In: ZARANKIN, Andrés; SENATORE, María Ximena (orgs.). **Arqueologia da sociedade moderna na América do Sul**. Buenos Aires: Ediciones Del Trindade, 2002. p. 107-115.

_____, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____, Pedro Paulo A. Teorias e métodos na arqueologia contemporânea: o contexto da arqueologia histórica. **Mneme revista de humanidades**, Caicó, v.6, n.13, p.1-5, dez. 2004. Disponível em: <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/pdf/mneme1 3/124.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2011.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

_____, Pedro Paulo; CARVALHO, Aline Vieira de. Arqueologia de gênero e diversidade no contexto brasileiro. In: MORALES, Walter Fagundes; MOI, Flávia Prado (orgs.). **Cenários regionais em arqueologia brasileira**. São Paulo: Annablume; Porto Seguro, BA: Acervo, 2009. p. 261-277.

GALENOGAL: Elixir. Responsável técnico: ANTONIO, Paula Carniel. Porto Alegre: Laboratório Kley Hertz, 2011. 1 bula de medicamento. Disponível em: <http://www.kleyhertz .com.br/public/upload/product/GALENOGAL_ELIXIR_SOLUCAO_ORAL_PRO.pdf>. Acesso em: 17 out. 2011.

GAVA, Cíntia Maria. **Registro sanitário de medicamentos novos:** as normas legais e uma análise do mercado brasileiro. 2005. 113 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://bvssp.icict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/get.php?id=648>. Aceso em: 14 nov. 2011.

GERHARDT, Ruben. **Colonização de Teutônia e Corvo:** imigração alemã no sul do Brasil. Lajeado: Univates, 2004.

GIRON, Loraine Slomp. Da memória nasce a História. In: LENSKIJ, Tatiana; HELFER, Nadir Emma (orgs.). **A memória e o ensino de História**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; São Leopoldo: ANPUH/RS, 2000. p. 23-38.

GOERCK, Balduíno. **Colônia alemã:** usos e costumes: décadas de 1940 e 1950. Lajeado: Fortgraf Impressos, 2005.

GRÜTZMANN, Imgart. Mulheres no trabalho. In: GRÜTZMANN, Imgart; DREHER, Martin Norberto; FELDENS, Jorge Augusto. **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Oikos: Unisinos, 2008. p. 52.

_____, Imgart. Encontros. In: GRÜTZMANN, Imgart; DREHER, Martin Norberto; FELDENS, Jorge Augusto. **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Oikos: Unisinos, 2008b. p. 66.

HEMAFARMA. **Óleo de rícino**, 2011. Disponível em: <http://hemafarma.com.br/medicamentos.html>. Acesso em 15 set. 2011.

HESSEL, Lothar Francisco. **O município de Estrela:** história e crônica. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS/ Martins Livreiro-Editor, 1983.

HERBERTS, Ana Lúcia. **Arqueologia do caminho das tropas:** estudo das estruturas viárias remanescentes entre os rios Pelotas e Canoas, SC. 2009. 538 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2009.

HISTÓRICO de Laboratório Osório de Moraes. **Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG)**, Belo Horizonte, [s.d.]. Disponível em: <http://www.fiemg.com.br/bh100/hist-22.htm>. Acesso em: 03 nov. 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE PROPRIEDADE INDUSTRIAL (INPI). Base de marcas. **Renascim**. 2011. Disponível em: <http://pesquisa.inpi.gov.br/MarcaPatente/servlet/MarcasServletController?action=detail&codProcesso=5019>. Acesso em: 03 nov. 2011.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

JAIME, Sandra Balan Mendoza; DANTAS, Fiorella Balardin Hellmeister. **Embalagens de vidro para alimentos e bebidas**. Campinas: CETEA/ITAL, 2009.

LABORATÓRIO CATARINENSE. **Linha do tempo:** uma história de inovação e empreendedorismo, 2011. Disponível em: <http://www.labcat.com.br/web/index.php/empresa/5>. Acesso em: 10 nov. 2011.

LIMA, Leilane Patrícia de. **Contribuição para a arqueologia histórica em Angra dos Reis:** as fortificações em Ponta Leste – um estudo de caso. 2008. 228 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIMA, Nísia Trindade; FONSECA, Cristina M. O.; HOCHMAN, Gilberto. A saúde na construção do Estado Nacional no Brasil: reforma sanitária em perspectiva histórica. In: LIMA, Nísia Trindade; GERCHMAN, Silvia; EDLER, Flavio Coelho (orgs.). **Saúde e Democracia:** história e perspectiva do SUS. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 27-58.

LIMA, Tania Andrade. Arqueologia Histórica no Brasil: um balanço bibliográfico (1960-1991). **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 225-262, 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?scipt-sci_arttext&pib=s0101-47141993000100015&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 set. 2011.

_____, Tania Andrade. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 44-96, fev. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arrtext&pid=S0104-59701996000400004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 set. 2011.

_____, Tania Andrade. Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 7-23, 2002.

_____, Tania Andrade. O papel da arqueologia histórica no mundo globalizado. In: ZARANKIN, Andrés; SENATORE, María Ximena (orgs.). **Arqueologia da sociedade moderna na América do Sul**. Buenos Aires: Ediciones Del Trindade, 2002b. p. 117-127.

_____, Tania Andrade. Tecnologia demais, comportamento de menos: o olhar da arqueologia sobre vidros históricos. **Canindé**, Xingó, n. 2, p. 283-290, dez. 2002c. Disponível em: <http://www.max.org.br/biblioteca/Revista/Caninde-02/P283-290TecnologiaDemias.pdf>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v6n1/a02v6n1.pdf>. Acesso em: 08 set. 2011.

LOPES, Sérgio Nunes. **O patrimônio histórico cultural e a representação simbólica:** uma reflexão sobre os limites da História e o protagonismo dos historiadores. 2009. 85 f. Monografia (Graduação) – Curso de História, Centro Universitário Univates, Lajeado, 2009.

MACHADO, Neli Teresinha Galarce. **Entre guardas e casarões:** um pouco da história do interior do RS – uma perspectiva arqueológica. 2004. 255 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____, Neli Galarce; LOPES, Sérgio Nunes. O patrimônio cultural sob as lentes da arqueologia histórica: colonização e imigração no Vale do Taquari/RS. **Estudo & Debate**,

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Lajeado, v.15, n.2, p. 51-70, 2008.

_____, Neli T. G.; RELLY, Eduardo; SCHNEIDER, Patrícia. **Do Taiaçuapé a Colinas**. Lajeado: Ed. da UNIVATES, 2008.

_____, Neli T. Galarce; LOPES, Sérgio Nunes; GHENO, Diego Antônio. Arqueologia Histórica e a problemática do patrimônio: discussões acerca da preservação, turismo e educação patrimonial no Vale do Taquari – Rio Grande do Sul. **História**, São Paulo, v.28, n.1, p. 575-587, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v28n1/20.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2011.

MAGALHÃES, Maria das Graças Sandi; GOMES, Mario Luiz; COSTA, Silvana Gonçalves Alvim da. Saúde e alegria: uma releitura dos depoimentos dos almanaques de farmácia. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: Unicamp/FE; ALB, 2009. p. 1-10. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem12/COLE_935.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2011.

MÁQUINA Automática. JPEG. 2011. Altura: 563 pixels. Largura: 800 pixels. 117,61 KB. Formato JPEG. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Ten_Arm_Owens_Automatic_Bottle_Machine.jpg#file>. Acesso em: 07 nov. 2011.

MÁQUINA Semi-Automática. JPEG. 2011. Altura: 688 pixels. Largura: 939 pixels. 153,38 KB. Formato JPEG Disponível em: <http://www.sha.org/bottle/Glassmaking/ONeillmilkbottlemachine.jpg>. Acesso em: 07 nov. 2011.

MELO, Eduardo Borges de; TEIXEIRA, Jorge Juarez Vieira; MÂNICA, Graciele Cristiane More. Histórico das tentativas de liberação da venda de medicamentos em estabelecimentos leigos no Brasil a partir da implantação do Plano Real. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 5, out. 2007. Disponível em: <http://scielosp.org/scielo.php?scipt=sci_arttext&pid=S1413-81232007000500031&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 out. 2011.

MENASCHE, Renata; SCHMITZ, Leila Claudete. Agricultores de origem alemã: trabalho e vida. In: GODÓI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida; MARIN, Rosa Acevedo (Orgs.). **Diversidade do Campesinato:** expressões e categorias - História Social do Campesinato no Brasil - Tomo IV. São Paulo: Ed. UNESP, 2009. v. 1. p. 163-184. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/718.pdf>. Acesso em: 17 set. 2011.

MOLDE de duas partes. JPEG. Altura: 521 pixels. Largura: 850 pixels. 77,43 KB. Formato JPEG. Disponível em: <http://www.sha.org/bottle/hingemold.jpg>. Acesso em: 07 nov. 2011.

MOTTA, Letícia de Barros. **A tralha doméstica e o processo de urbanização de Porto Seguro**. 1998. 164 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). **História do corpo**: as mutações do olhar: o século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 15-82.

MÜLLER, Telmo Lauro. **Colônia alemã:** imagens do passado. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

NASCIMENTO, Cláudia Bibas do. **Múltiplos olhares sobre a presença negra na Lapa – Paraná:** história e arqueologia (séculos XIX e XX). 2009. 237 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NAJJAR, Rosana. **Arqueologia histórica:** manual. Brasília: IPHAN, 2005.

NETTO, Carlos Xavier de Azevedo; SOUZA, Amilton Justo de. A importância da cultura material e da Arqueologia na construção da História. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 14, n. 1, p. 62-76, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas /images/stories/pdfs_historia/vol14n1/art08_netto_e_souza.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2011.

OGNIBENI, Denise. **Cultura material e vida cotidiana no meio rural do Rio Grande do Sul, no final do século XVIII e princípio do século XIX:** o sítio RG-23/Barra Falsa, um estudo de caso. 1998. 370 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

OLIVEIRA, Lizete Dias de; SYMANSKI, Luís Cláudio de. Arqueologia Histórica no Sul do Brasil: um breve panorama. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 29, p. 259-261, jan./jun. 1999.

ORSER Jr., Charles. **Introdução à Arqueologia Histórica**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

_____, Charles. O desafio da raça para a arqueologia histórica americana. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; ORSER Jr., Charles; SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira (orgs.). **Identidades, discurso e poder:** estudos da arqueologia contemporânea. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005. p. 59-75.

PANZETTI, Virgilio Itauti. **Com licença Doutor:** a publicidade da indústria farmacêutica. 2006. 150 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Mercado) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.cit.sc.gov.br/propaganda/pdfs/artigos/ publicidade_industria_farmaceutica.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2011.

PEREIRA, Gilson R. de M.; CATANI, Afrânio Mendes. Espaço social e espaço simbólico: introdução a uma tipologia social. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. Especial, p. 107-120, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2002_especial/07 _pereira_catani.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2011.

PÉRICO, Eduardo; CEMIN, Gisele; REMPEL, Claudete. Uso de técnicas de geoprocessamento na avaliação de áreas críticas com atividade suinícola. **GeoFocus** (Informes y Comentarios), Madrid, n. 5, p. 9-19, 2005. Disponível em: <http://geofocus.rediris.es/200 5/Informe2_2005.pdf>. Acesso em: 27 out. 2011.

PERFIL do Vale do Taquari. BDR - Banco de Dados Regional do Centro Universitário UNIVATES. Disponível em: <http://www.univates.br/files/files/univates/bdr/Perfil_VT_Mar co_2011.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2011.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 265-282, jan./dez. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-4714199600 0100018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 out. 2011.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz; PESTANA, Marlon Borges; FONSECA, Rodrigo Germano; WESKA, Tatiana Farias. Escavações arqueológicas na Igreja Nossa Senhora da Conceição, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. **Biblos**, Rio Grande, v. 18, p. 15-45, 2006. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/biblos/article/viewFile/75/240>. Acesso em: 31 out. 2011.

ROCKENBACH, Sílvio Aloysio; FLORES, Hilda Agnes Hübner. **Imigração alemã 180 anos:** história e cultura. Porto Alegre: CORAG, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SENATORE, María Ximena; ZARANKIN, Andrés. Leituras da sociedade moderna: cultura material, discursos e práticas. In: ZARANKIN, Andrés; SENATORE, María Ximena (orgs.). **Arqueologia da sociedade moderna na América do Sul**. Buenos Aires: Ediciones Del Trindade, 2002. p. 5-18.

SANTOS, Paulo Alexandre da Graça. **Contentores de bebidas alcoólicas:** usos e significados na Porto Alegre oitocentista. 2005. 242 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____, Paulo Alexandre da Graça. **Mensagens nas garrafas:** o prático e o simbólico no consumo de bebidas em Porto Alegre (1875-1930). 2009. 185 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1997>. Acesso em: 14 jul. 2011.

SCHEEREN, Norma Theolina. **Perfis de uma pequena comunidade Arroio do Ouro – Estrela – RS:** 150 anos do pioneirismo alemão: 1860-2010. Lajeado: Ed. da Univates, 2010.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim:** um estudo de desenvolvimento econômico. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1974.

SIGNORI, Adilar. A casa comercial. In: Academia Literária do Vale do Taquari. **Escritos/Escritores**: Coletânea II. Lajeado: Ed. da Univates, 2009. p. 79-84.

SOUZA, Ana Cristina de. **Fábrica de pólvora e Vila Inhomirim:** aspectos de dominação e resistência na paisagem em espaços domésticos (século XIX). 1998. 255 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SOUZA, João Vicente Silva. **Alunos de escola pública na Universidade Federal do Rio Grande do Sul:** portas entreabertas. 2009. 200 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://hdl. handle.net/10183/17719>. Acesso em: 29 set. 2011.

SPERB, Angela T. O inventário de João Pedro Schmitt. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL, 4., 1980, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: UNISINOS, 1987. p. 17-44.

SYMANSKI, Luís Cláudio P. A louça na pesquisa arqueológica: análises e interpretações processuais e pós-processuais. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 23, p. 59-76, mar. 1996.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

_____, Luís Cláudio Pereira. **Grupos domésticos e comportamento de consumo em Porto Alegre no século XIX:** o Solar Lopo Gonçalves. 1997. 232 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

_____, Luís Cláudio Pereira. Bebidas, panacéias, garrafas e copos: a amostra de vidros do Solar Lopo Gonçalves. **Revista da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, n. 11, p. 71-86, 1998. Disponível em: <http://api.ning.com/files/Inj3mLWD8ghC401CQPEyOUO2BHeQW8NBUjrnDWGF4hc68yEobBcIh90cZ*GI6QDlyXj4TUNcpohHnDOY4DwtqGWpxsCCY9xq/SymanskiBebidasepanacias.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2011.

_____, Luís Cláudio Pereira. As práticas de deposição de refugo de uma unidade doméstica oitocentista: o Solar Lopo Gonçalves. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 9., 2000. Rio de Janeiro. **Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, Rio de Janeiro. (CD-ROM).

_____, Luís Cláudio Pereira. Louças e auto-expressão em regiões centrais, adjacentes e periféricas do Brasil. In: ZARANKIN, Andrés; SENATORE, María Ximena (orgs.). **Arqueologia da sociedade moderna na América do Sul**. Buenos Aires: Ediciones Del Trindade, 2002. p. 31-62.

_____, Luís Cláudio Pereira. Arqueologia histórica no Brasil: uma revisão dos últimos vinte anos. In: MORALES, Walter Fagundes; MOI, Flávia Prado (orgs.). **Cenários regionais em arqueologia brasileira**. São Paulo: Annablume; Porto Seguro, BA: Acervo, 2009. p. 279-310.

TEDESCO, João Carlos. **Colonos, carreteiros e comerciantes**: a região do Alto Taquari no início do século XX. Porto Alegre: EST, 2000.

TEMPORÃO, José Gomes. **A propaganda de medicamentos e o mito da saúde**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

THOMASI, Diele Ilha. **Arqueologia Histórica:** os metais da Estância Velha do Jarau. 2010. 131 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

TOCCHETTO, Fernanda. **Fica dentro ou joga fora?** Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista. 2004. 334 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

TRIGGER, Bruce G. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

UMA indústria que já teve remédio. **Pesquisa FAPESP Online**, São Paulo, n. 56, ago. 2000. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/?art=1032&bd=1&pg=1&lg=>. Acesso em: 22 set. 2011.

WEBER, Beatriz Teixeira. Fragmentos de um Mundo Oculto: práticas de cura no sul do Brasil. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (orgs.). **Cuidar, controlar, curar:** ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. p. 157-216.

_____, Beatriz Teixeira. Uma outra história da medicina no Rio Grande do Sul na passagem do século XIX para o XX. In: SERRES, Juliane C. Primon; SCHWARTSMANN, Leonor

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Baptista (orgs.). **História da Medicina:** instituições e práticas de cura de saúde no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 39-50.

WEDIG, Josiane Carine; MENASCHE, Renata. Festas de família: parentesco recriado. In: REUNIÓN DE ANTROPOLOGÍA DEL MERCOSUL, 8., 2009, Buenos Aires. **Anais eletrônicos...** Buenos Aires: UNSAM, 2009. Disponível em: <http://www.ram2009.unsam.edu.ar/GT/GT%2066%20-%20G%C3%AAnero%20Fam%C3%ADlia%20e%20Sensibilidades/GT66-Ponencia%5BWedig-%20Menasche%5D.PDF>. Acesso em: 26 out. 2011.

WEIMER, Raimundo. **Meu século de vida**. Porto Alegre: Evangraf, 2008.

WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol:** anseios políticos no contexto da imigração e da colonização alemã (Rio Grande do Sul – século XIX). 2008. 428 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

WITTER, Nikelen Acosta. **Males e epidemias:** sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX). 2007. 276 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

ZANETTINI, Paulo Eduardo. **Calçada de Lorena:** o caminho para o mar. 1998. 146 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____, Paulo Eduardo. **Maloqueiros e seus palácios de barro:** o cotidiano doméstico na casa bandeirista. 2005. 424 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/ tde-04082006-170833/pt-br.php>. Acesso em: 21 set. 2011.

_____, Paulo Eduardo; CAMARGO, Paulo Fernando Brava de. **Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles?** (Pré-Print), 1999.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

ANEXOS

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Planta baixa do pavimento térreo da Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer 109

ANEXO B – Planta baixa do sótão da Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer.....110

ANEXO C – Tabela contendo parte da classificação dos medicamentos da coleção arqueológica Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer 111

ANEXO D – Tabela contendo parte da classificação dos cosméticos da coleção arqueológica Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer.....113

ANEXO E – Tabela contendo parte da classificação dos medicamentos de uso animal da coleção arqueológica Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer 114

ANEXO F – Tabela contendo parte da classificação outros, da coleção arqueológica Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer.....115

ANEXO A – Planta baixa do pavimento térreo da Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer (Legenda: 01 – área utilizada para o comércio; 02 – quatro quartos de dormir, ocupados pela família Fensterseifer; 03 e 07 – área utilizada para bailes; 04 – cozinha; 05 – sala de estar; 06 – copa utilizada nos bailes. As áreas indicadas pelos números 04, 05, 06 e 07 foram construídas após a aquisição do imóvel por Arnaldo Fensterseifer)

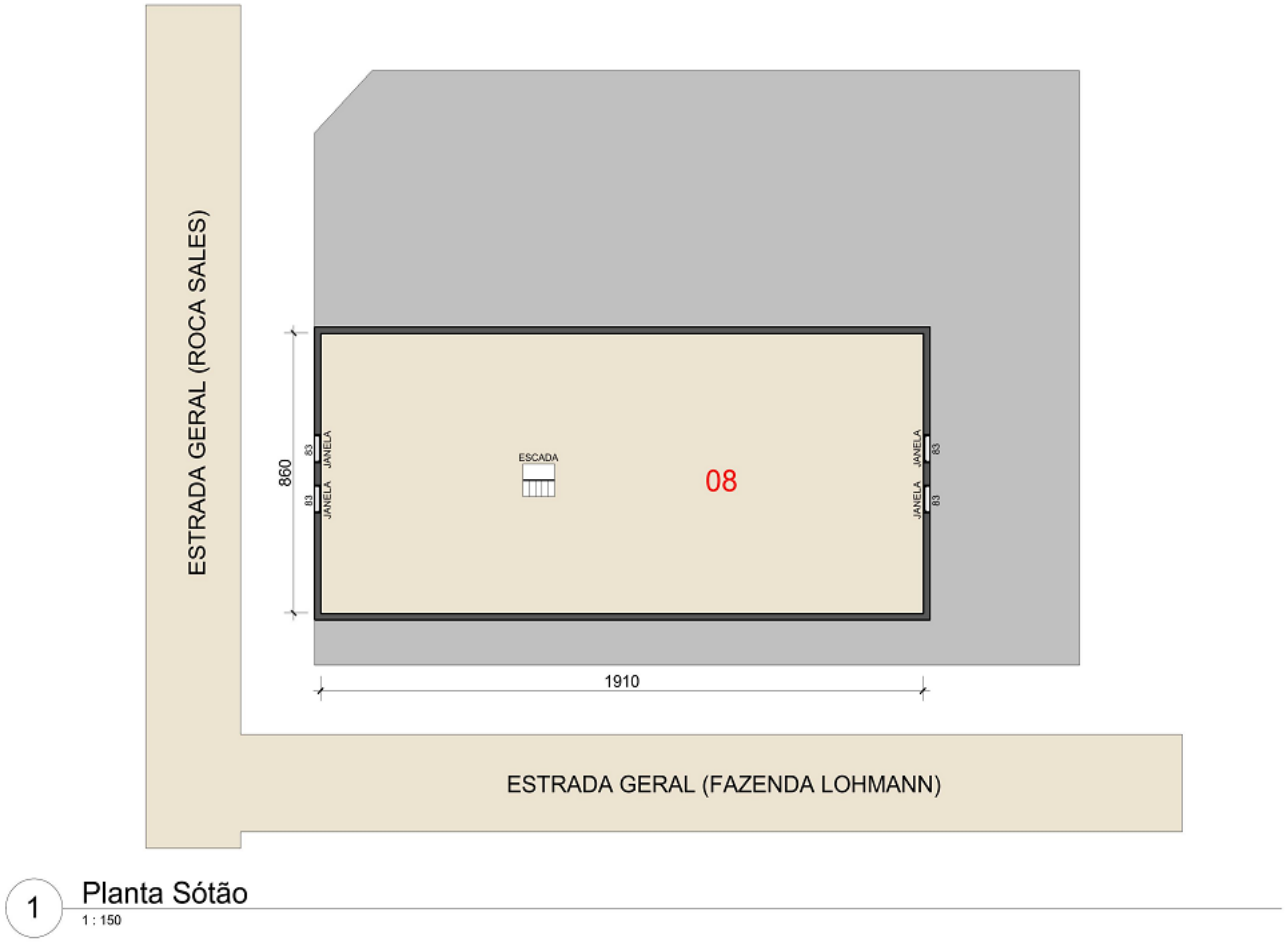


1 Planta Pavimento Térreo
1 : 150

Fonte: elaborado por Jéferson Arend (2011).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

ANEXO B – Planta baixa do sótão da Casa Comercial de Arnaldo Fensterseifer (Legenda: 08 – sótão utilizado como depósito das mercadorias vendidas na casa comercial e área de descarte de materiais que poderiam ser reutilizados. Também abrigou três quartos de dormir, de empregados de Arnaldo Fensterseifer)



Fonte: elaborado por Jéferson Arend (2011).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

ANEXO C – Tabela contendo parte da classificação dos medicamentos da coleção arqueológica Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer

Nome/Marca do produto	Empresa que fabricou o produto	Indicações quanto ao uso	Quantidade na coleção
Bálsamo Allemão de Nohascheck	Laboratório D. A. Nohascheck (Mainz/Alemanha)	Antisséptico nasal e no tratamento de nevralgias	3 recipientes
Bálsamo Bukru	Laboratório Kraemer (Porto Alegre/RS)	Antidispéptico e auxiliar digestivo	2 recipientes
Betaxina	Bayer (Rio de Janeiro/RJ)	Vitamina B1	1 recipiente
Chamomilla C5	Não identificada (São Paulo/SP)	Auxiliar digestivo	1 recipiente
Chamomilla Vulg.	Laboratório e Pharmacia Homeopatica de Lagos CIA	Auxiliar digestivo	1 recipiente
Cloresol	J. D. Riedel A.-G. Berlin (Berlim/Alemanha)	Contra a ancilostomíase	2 recipientes
Diolasa Gotas	Laboratório Andrómaco S.A. (São Paulo/SP)	Nas traqueobronquites e suas manifestações	1 recipiente
Fosfoiodarsin	Não identificada (São Paulo/SP)	Não identificada	1 recipiente
Galenogal	Laboratório E. Pereira Pinto (Pelotas/RS)	Antitérmico, anti-inflamatório e analgésico	2 recipientes
Iodaneurin Drágeas	Instituto Selectus - Labofarma (São Paulo/SP)	Arteriosclerose, hipertensão arterial, nevralgias e nefrites	3 recipientes
Licor de Cacau Vermífugo	Não identificada (São Paulo/SP)	Vermicida	1 recipiente
Licor de Hoffmann	Laboratório Spalding (Porto Alegre/RS)	Desengordurar a pele, contra a acne, alopécia e antimicótico	1 recipiente
Mercurio Chromo	Não identificada	Desinfetante e bactericida	1 recipiente
Neo-Iodamina	Laboratório Paulista de Biologia (São Paulo/SP)	Uricemia, arteriosclerose e artritismo	4 recipientes
Nitriodo	Instituto Pinheiros (São Paulo/SP)	Não identificada	2 recipientes
Novatophan	Schering S.A. (Rio de Janeiro/RJ)	Reumatismo e ácido úrico	1 recipiente
Óleo de Rícnino Purificado	Não identificada	Laxante	1 recipiente
Oxan	Bayer (Rio de Janeiro/RJ)	Contra o defluxo nasal	1 recipiente
Peitoral de Angico Pelotense	N. R. Silveira (Pelotas/RS)	Doenças do aparelho respiratório	1 recipiente
Peitoral de Angico Pelotense	Não identificada (Pelotas/RS)	Doenças do aparelho respiratório	4 recipientes
Pílulas de Foster	Foster McClellan Co. (Rio de Janeiro/RJ)	Doenças dos rins e bexiga	1 recipiente

Pílulas de Herva de Bicho Compostas Imescard	Laboratórios Osório de Moraes LTDA (Belo Horizonte/MG)	Hemorróidas e prisão de ventre	1 recipiente
Pílulas De Witt's	Surs. E. C. de Witt e Co. Ltd. (Rio de Janeiro/RJ)	Reumatismo, doenças dos rins e bexiga, lumbago	1 recipiente
Renascim	Hinsch & CIA (Blumenau/SC)	Fortificante e recalcificante	1 recipiente
Renascim	Laboratório Catarinense LTDA (Joinville/SC)	Fortificante e recalcificante	6 recipientes
Sal de Fructa Eno	J. C. Eno Brazil (Rio de Janeiro/RJ)	Contra azia e má digestão	1 recipiente
Sal de Fructa Eno	Não identificada (Rio de Janeiro/RJ)	Contra azia e má digestão	1 recipiente
Tintura de Iodo	Não identificada	Desinfetante local (Antisséptico)	3 recipientes
Tintura de Iodo	Laboratório Spalding (Porto Alegre/RS)	Desinfetante local (Antisséptico)	1 recipiente
Urotropina	Schering S.A. (Rio de Janeiro/RJ)	Desinfecção das vias biliares e prevenção na formação de cálculos	2 recipientes
Vermífugo Klein	Luiz G. Klein & CIA (Porto Alegre/RS)	Vermicida	1 recipiente
... Harlemense	EKA de H. Saenger (Porto Alegre/RS)	Não identificada	1 recipiente
... Vacina Contra Piúrias	Instituto Pinheiros (São Paulo/SP)	Não identificada	1 recipiente
Não identificada	Laboratório Sarsa (Rio de Janeiro/RJ)	Perturbações da hipertonicidade, nervos	1 recipiente
Não identificada (Prata Colloidal)	Não identificada (Pavia/Itália)	Contra as enfermidades da boca	1 recipiente
Não identificada	Laboratório Neurosedol (Rio de Janeiro/RJ)	Sedativo abdominal	2 recipientes
Não identificada	Van der Laan (Porto Alegre/RS)	Não identificada	1 recipiente
Não identificada	Não identificada	No tratamento da traqueobronquite	1 recipiente
Não identificada	Instituto Medicamenta Fontoura S.A. (Rio de Janeiro/RJ)	Não identificada	1 recipiente

Fonte: elaborado pelo autor a partir do *software Microsoft Office Excel 2007* (2011).

BDU - Biblioteca Digital UNITE http://www.unite.edu.br/biblioteca/

ANEXO D – Tabela contendo parte da classificação dos cosméticos da coleção arqueológica Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer

Nome/Marca do produto	Empresa que fabricou o produto	Indicações quanto ao uso	Quantidade na coleção
Ara nº 95	Não identificada (Porto Alegre/RS)	Perfume	1 recipiente
Fina Rosa	Perfumaria Vanny (São Paulo/SP)	Loção corporal	1 recipiente
Juvênia	Bozzano S/A (São Paulo/SP)	Loção capilar	2 recipientes
Não identificada	Johnson&Johnson (São Paulo/SP)	Não identificada	1 recipiente
Não identificada	Não identificada (Rio de Janeiro/RJ)	Perfume	1 recipiente

Fonte: elaborado pelo autor a partir do *software Microsoft Office Excel 2007* (2011).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

ANEXO E – Tabela contendo parte da classificação dos medicamentos de uso animal da coleção arqueológica Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer

Nome/Marca do produto	Empresa que fabricou o produto	Indicações quanto ao uso	Quantidade na coleção
Berniani	Laboratório Veterinário Vani (Taquara/RS)	Contra os bernes	1 recipiente
Não identificada	S.A.I.C. Diretoria de Saúde Animal (Guaíba/RS)	Não identificada	1 recipiente

Fonte: elaborado pelo autor a partir do *software Microsoft Office Excel 2007* (2011).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

ANEXO F – Tabela contendo parte da classificação outros, da coleção arqueológica Casa Comercial Arnaldo Fensterseifer

Nome/Marca do produto	Empresa que fabricou o produto	Indicações quanto ao uso	Quantidade na coleção
Bebri	Não identificada (Alemanha)	Tintura de tecido	1 recipiente
Gladiador	Ind. B. Fischer (Porto Alegre/RS)	Óleo lubrificante	1 recipiente
Gomma Liquida Brazileira	Empresa Industrial de Urias Sardinha LTDA (Rio de Janeiro/RJ)	Goma Arábica (espessante, estabilizante, cola)	1 recipiente
Não identificada	Não identificada	Goma Arábica (espessante, estabilizante, cola)	1 recipiente
Não identificada	Não identificada	Têmpera	1 recipiente

Fonte: elaborado pelo autor a partir do *software Microsoft Office Excel 2007* (2011).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)